

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP

Márcio Felipe de Souza Alves

**LITURGIA DAS HORAS, ATUALIZAÇÃO DE CRISTO
NO RITMO DO TEMPO: UM ESTUDO A PARTIR DO REALISMO ZUBIRIANO**

Mestrado em Teologia

São Paulo

2023

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP

Márcio Felipe de Souza Alves

**LITURGIA DAS HORAS, ATUALIZAÇÃO DE CRISTO
NO RITMO DO TEMPO: UM ESTUDO A PARTIR DO REALISMO ZUBIRIANO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Teologia, sob a orientação do Prof. Dr. Valeriano dos Santos Costa.

São Paulo

2023

BANCA EXAMINADORA

Dr. Valeriano dos Santos Costa (PUC-SP)

Dr. José Aguiar Nobre (PUC-SP)

Dr. Antônio Manzatto

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, pelo dom da vida, porque suscitou em meu coração o desejo incessante de encontro com Ele por meio da oração. Agradeço, a Virgem Maria, sob o título de Senhora Aparecida, Rainha e padroeira do Brasil, pois, nesta jornada de estudos teológicos, sempre intercedeu por mim.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Valeriano dos Santos Costa, pelo carinho, amizade, e, acima de tudo, pela maestria com que me acompanhou na elaboração desta dissertação.

Não poderia deixar de manifestar a minha gratidão aos meus professores Antônio Manzatto e José Aguiar Nobre, que prontamente aceitaram ao meu convite para fazer parte da banca examinadora.

Agradeço a todos os que integram o Programa de Estudos de Pós-Graduação em Teologia (PPGT) da PUC-SP: coordenação, corpo docente e secretaria.

Agradeço à Diocese de Jundiaí, na pessoa do bispo diocesano, Dom Arnaldo Carvalheiro Neto, que, desde a sua chegada a esta Igreja Particular, me apoiou para que assim eu pudesse concluir mais esta etapa da minha vida.

Agradeço a Dom Vicente Costa, bispo emérito de Jundiaí, que desde o início desse estudo me incentivou com as suas orações e amizade fraterna.

Agradeço ao arcebispo de Juiz de Fora, dom Gil Antônio Moreira, que sempre acreditou na minha vocação, e, para mim, é um testemunho de vivência da Liturgia das Horas.

Agradeço aos meus pais, Cloves e Severina, que me trouxeram ao mundo, transmitiram-me a fé, os valores do Reino e a importância de orar com a Igreja. Agradeço também, aos meus irmãos, sobrinhos, e, tantos outros familiares que se fazem presente em minha vida, por meio da oração.

Por fim, mas não menos importante, agradeço às cristãs e aos cristãos, de maneira particular, àqueles que integram as comunidades paroquiais da Catedral Nossa Senhora do Desterro, e, Santuário Diocesano Santa Rita de Cássia. Nessas comunidades, pude encontrar o apoio material e espiritual, que foi fundamental para que eu pudesse concluir a esta etapa formativa.

SOUZA ALVES, Márcio Felipe. Liturgia das Horas, atualização de Cristo no ritmo do tempo: um estudo a partir do realismo zubiriano. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.

Resumo

A presente dissertação tem como objetivo principal ressaltar que o Mistério Pascal só pode durar se for atualizado sistematicamente, segundo tempos determinados, como propôs a sabedoria judaica e o cristianismo adotou como uma das mais importantes heranças de Israel. Nesta pesquisa, toda investigação e sistematização de dados foram produzidos por meio de análises e aprofundamentos bibliográficos, que nos levaram a entender como o filósofo contemporâneo Xavier Zubiri, com sua filosofia evolucionária, compreendeu que atualizar é fazer presente uma realidade em nossa inteligência. Pudemos concluir também que, se os cristãos não se convencerem de que a fé também passa pelo “sentir”, será impossível viver de tal modo que seus corações e mentes sejam atualizados no mistério de Cristo, a partir da santificação das horas. A oração é o caminho de resistência e resposta coerente. Além disso, não se pode esquecer que a comunhão com Deus contribui para que o ser humano não se deixe levar pelo relativismo, agravado por um realismo ingênuo ou inconsistente, levando-o a acreditar que se é livre e protagonista de seu destino, enquanto se é teleguiado pelo consumo e pela propaganda. Registra-se também que a participação do ser humano nas ações litúrgicas contribui para que a comunidade possa mergulhar cada vez mais no mistério de Cristo. É um resgate da dimensão liturgia-vida como propõe o Concílio Ecumênico Vaticano II.

Palavras-chave: Xavier Zubiri, Inteligência Senciente, Liturgia das Horas, Tempo.

SOUZA ALVES, Márcio Felipe. Liturgy of the Hours, Christ's actualization in the rhythm of time: a study based on Zubirian realism. Dissertation – Graduate Program in Theology at the Pontifical Catholic University of São Paulo, São Paulo, 2023.

Abstract

This present dissertation aims to highlight that the Pascal Mystery can only endure if it can be systematically updated according to specific times, as proposed by Jewish wisdom and adopted by Christianity as one of the most important inheritances from Israel. In this research, all data investigation and systematization were carried out through bibliographic analysis and in-depth studies, which led us to understand how the contemporary philosopher Xavier Zubiri, with his evolutionary philosophy, understood that updating means making a reality present in our intellect. We also concluded that if Christians are not convinced that faith also involves "feeling", it will be impossible to live in such a way that their hearts and minds are updated in the mystery of Christ, starting from the sanctification of hours. Prayer is the path of resistance and coherent response. Additionally, we must not forget that communion with God contributes to preventing human beings from being carried away by relativism, aggravated by naive or inconsistent realism, leading us to believe that we are free and the protagonists of our destinies, while being guided by consumerism and advertising. We also note that human participation in liturgical actions contributes to the community diving deeper into the mystery of Christ. It is a recovery of the liturgy-life dimension, as proposed by the Second Vatican Ecumenical Council.

Keywords: Xavier Zubiri, Sentient Intelligence, Liturgy of the Hours, Time.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO PRIMEIRO	
1. Realismo Zubiriano e a atualização do Mistério de Cristo no Tempo	11
1.1 Xavier Zubiri	11
1.2 O horizonte do Realismo Zubiriano	14
1.3 Realidade	18
1.4 Tempo: Duração e Precessão	25
2. A Realidade Humana do Tempo	27
2.1 O ser humano	31
2.2 Um esboço do ser humano segundo Zubiri: a conexão ao tempo	35
Conclusão	39
CAPÍTULO SEGUNDO	
2. Liturgia das horas (LH): oração de Cristo e da Igreja	41
1. A Oração de Cristo	41
1.1 A Oração	47
1.2 O Cristo orante	51
1.3 A oração dirigida a alguém	54
2. A Oração da Igreja	58
2.1 A Igreja <i>populus Dei</i>	63
2.2 <i>Ecclesia orans</i>	64
Conclusão	66
CAPÍTULO TERCEIRO	
3. Pistas para atualizar Cristo no tempo da Igreja	69
1. A duração do Mistério Pascal ao longo do tempo	71
2. A projeção da vida cristã ao longo do tempo	79
3. LH a serviço ao amor e humanização	87
4. As horas da oração	93
Conclusão	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	102

INTRODUÇÃO

O tempo é uma realidade que se esvai pelos dedos, que se perde e que, por isso, precisa ser reconstituída pela fé. A Liturgia das Horas é uma prática eclesial que sempre soube lidar com o tempo como experiência de salvação. Esta dissertação pretende pesquisar os elementos da Liturgia das Horas que ajudam na atualização do Mistério Pascal de Cristo.

Para isso, utilizar-se-á como linha de raciocínio uma parte do pensamento do filósofo Xavier Zubiri, que considera que o conceito de atualização só é possível quando o ser humano faz presente a realidade em sua própria inteligência.

Através da oração, o ser humano pode viver uma realidade interior que o impulsiona a passar da esperança para a realidade. Para os que fazem parte da comunidade cristã, isso se torna uma necessidade vital, ou seja, o ser humano procura fazer de sua vida um constante estar na presença de Deus.

Isso se dá por meio de uma vida de oração. Portanto, ao rezar a Liturgia das Horas, o ser humano não só configura a sua própria vida à Santíssima Trindade, como atualiza na sua caminhada de fé, em vista do bem pessoal e o bem da comunidade, o mistério de Cristo.

Nesta perspectiva, celebrar a Liturgia das Horas é atualizar a presença de Cristo, inteligindo-a sencientemente, garantindo assim uma vida de oração marcada pela presença de Deus que deve se traduzir no desejo de um povo que sente a necessidade de rezar com a Igreja, concretizando assim os mesmos gestos que Jesus realizou. Essa maneira senciente de apreensão da realidade será uma das chaves para a compreensão de sobre como o tempo deve ser usado na meditação e mesmo na reprodução da oração de Cristo, tomando nas mãos a inexorável passagem das horas sem se deixar levar por mera repetição, geralmente bastante incompreendida.

Com isso, o presente trabalho quer esclarecer o sentido da Liturgia das Horas como atualização do Mistério Pascal de Cristo, no ritmo do tempo, sem perder o seu referencial, que deve expressar a unidade e a base da fé da Igreja, a qual consiste numa relação intrínseca entre o sentir e o inteligir.

Em tempos em que o ser humano vive imerso nesta realidade de um processo de mudança de época e, no qual, em nome de uma “contemporaneidade” não se fala

mais sobre Deus, celebrar a Liturgia das Horas, de maneira pessoal ou comunitária, é um itinerário seguro para que, assim, o ser humano possa se conectar com Deus.

Como se mencionará mais adiante, os religiosos e as religiosas de vida contemplativa, têm por obrigação parar determinadas horas do dia para rezar os salmos. À parte essa obrigação clerical, os cristãos podem e devem também usufruir dessa maravilhosa e poderosíssima via de religação, ajustada e frutificada ao longo dos séculos, participando do Corpo Místico de Cristo, que é a Igreja, ativamente numa vida de oração uniforme e pedagógica. A Liturgia das Horas apresenta-se a todo crente como garantia de manutenção da Tradição cristã ao longo dos tempos.

Como orar não é uma propriedade dos clérigos e religiosos, esta dissertação quer valorizar a importância da oração pessoal e comunitária dos fiéis, que podem encontrar como referencial de oração, a recitação dos salmos, que passou por uma reestruturação no decorrer dos séculos, não perdendo a sua essência: a santificação das horas, que é atualizada através do Mistério Pascal.

Para percorrer este caminho, considera-se de suma importância fazer uma interface com o tema em questão, isto é, a Liturgia das Horas com a Inteligência Senciente, proposta por Xavier Zubiri.

Consideramos importante aprofundar a Liturgia das Horas como atualização de Cristo no transcorrer do dia, cuja luminosidade realiza o Mistério Pascal enquanto símbolo do “Sol Vivente”.

Aprofundaremos também a compreensão de atualização e inteligência senciente em Zubiri, para compreender a Liturgia das Horas como atualização de Cristo ao longo do tempo.

Após essas considerações, passamos a tratar do método de trabalho e do objeto formal do nosso estudo, que tem por título: “Liturgia das Horas, atualização de Cristo no ritmo do tempo: um estudo a partir do realismo zubiriano”. Esta dissertação está dividida em três capítulos.

No primeiro capítulo, aborda-se a questão da recuperação do tempo, a partir do realismo zubiriano, que tem por fundamento compreender o tempo como atualização da realidade. Evidenciaremos que o ser humano pode experimentar o amor de Deus em sua vida a partir de três grandes realidades: Mistério Pascal, Liturgia e Tempo. Embora de forma sucinta, o pensar de Zubiri permeará o primeiro capítulo da nossa pesquisa.

No segundo capítulo da nossa dissertação, será apresentada a Liturgia das Horas como oração de Cristo e da Igreja, valorizando a redescoberta da oração à luz do Concílio Ecumênico Vaticano II, que não só no mistério da Eucaristia – que é o ponto máximo da fé cristã – mas, na Liturgia das Horas, evidencia a beleza do tempo na experiência humana como dom de Deus, resgatando a prática oracional de Jesus e das comunidades primitivas.

E, por fim, no terceiro capítulo, apresentar-se-ão algumas pistas para atualizar Cristo no tempo da Igreja. Num primeiro momento, considera-se importante destacar a duração do Mistério Pascal, ao longo do tempo. Pretende-se elucidar o conceito de ‘duração’ em Zubiri. Em seguida, torna-se necessária uma reflexão acerca do que se evidencia na celebração da Liturgia das Horas: projetar a vida cristã ao longo do tempo. Encerrando, apresentar-se-á a Liturgia das Horas como serviço ao amor e à humanização, isto é, a contínua atualização do Mistério de Cristo no tempo.

Dito isto, é possível concluir que, a partir do mistério da encarnação e da oração de Jesus, pode-se destacar da parte de Deus um amor agápico e cheio de compaixão pela humanidade e grande respeito pela liberdade do ser humano, o que possibilita, através da Liturgia das Horas, em momentos determinados do dia, uma relação com a Trindade em que se pode sentir e inteligir na batida rítmica das horas.

Esta dissertação não esgota a reflexão sobre os caminhos e meios pelos quais os cristãos podem viver segundo o Espírito de Jesus, mediante sua vivência de oração pessoal e comunitária na celebração da Liturgia das Horas.

Certamente, esta interface entre Liturgia e Inteligência Senciente contribui para que a celebração da Liturgia das Horas tenha como centro dinamizador o mistério de Cristo vivido, celebrado e atualizado no ritmo das horas do dia.

CAPÍTULO PRIMEIRO

1. Realismo Zubiriano e a atualização do Mistério de Cristo no Tempo

A presente dissertação tem como meta aprofundar a Liturgia das Horas como atualização do Mistério Pascal, ao longo do Tempo, na dimensão diária da vida, a partir de três grandes realidades: o Mistério Pascal, a Liturgia e o Tempo.

O Mistério Pascal compreende integralmente a “passagem” de Cristo, o Filho de Deus pela nossa história. A Liturgia das Horas é uma prática eclesial que lida com o tempo como experiência de salvação. É a episteme, já que todos podem ser teólogos, ao passo que o Tempo é uma questão filosófica e teológica. No embalo desta afirmação, é possível reconhecer que tratar teologicamente do tempo sem interface alguma com a Filosofia é, de certo modo, um tipo de imprudência. E aqui surge mais um problema: não existe uma única Filosofia, nem tampouco uma única Teologia.

O filósofo contemporâneo Xavier Zubiri, tem reconhecidamente um pensamento filosófico pujante e inovador que ajudará a compreender o tempo como atualização da realidade. O próprio Zubiri diz que “é notória a dificuldade de precisar conceitualmente o que seja o tempo” (ZUBIRI, 2008a, p. 210). Também seu conceito de realidade é igualmente original e disruptivo, diante de toda a Filosofia que o precedeu. Por isso, optou-se, no primeiro capítulo, por apresentar, de forma sucinta, o pensamento de Zubiri, sobretudo no que toca ao tema central da nossa pesquisa.

1.1 XAVIER ZUBIRI¹

Embora este estudo dissertativo, não consista numa análise criteriosa acerca da biografia do autor, considera-se importante apresentar alguns dados para o nosso propósito de mostrar a dedicação e o empenho de um pesquisador que mudou a história do conhecimento. Xavier Zubiri nasceu em San Sebastian, país Basco, na Espanha, em 04 de dezembro de 1898. Filósofo espanhol, Zubiri centrou o seu trabalho reflexivo no campo da pesquisa que se refere à metafísica e à noologia. Fez os seus estudos iniciais na Escola Santa Maria dos Irmãos Maristas. Dando sequência

¹ Baseada no verbete “Xavier Zubiri” em: https://ecclesiae.com.br/index.php?route=product/author&author_id=773.

aos estudos, o jovem Zubiri, no ano de 1915, ingressa no Seminário na Universidade de Madrid.

Nos primeiros anos de sua formação acadêmica Zubiri aproximou-se de diversos pensadores espanhóis que eram de tradição escolástica.

Em 1920, ele estuda filosofia na Universidade Católica de Louvain. No final deste ano, vai a Roma, onde obtém o doutorado em Teologia. Em fevereiro de 1921, apresenta em Louvain a tese de licenciatura *Le Problème de la objectivité d'Après Ed. Husserl. I: La Logique Pure (O problema da objetividade em Ed. Husserl. I: A lógica Pura)*. Em 21 de maio, apresenta na Universidade Central de Madri a tese de doutorado *Ensayo de una Teoría Fenomenológica del Juicio (Ensaio de teoria fenomenológica do Juízo)*, com que assume uma posição “objetivista” no contexto fenomenológico. E ainda em 1921, é ordenado sacerdote, em Pamplona.

Em 1926, Zubiri conquista a cátedra de História da Filosofia da Faculdade de Filosofia e Letras na Universidade Central de Madri. Muda-se três anos depois para *Friburgo de Brisgóvia*, onde frequenta cursos de Husserl e de Heidegger. Ele assume a radicalização da fenomenologia operada por Heidegger, mas se mantém crítico com respeito às ideias deste autor. Em 1930, encontra-se em Berlim, onde conhece Einstein e Schrödinger. Grande parte de seus esforços se voltam então para o estudo dos avanços na Física e suas consequências para a Filosofia. Zubiri pensava que tais progressos científicos necessitavam de um instrumental filosófico completamente novo, que só se poderia alcançar elevando a um novo patamar as descobertas de Husserl e Heidegger.

Em 1931, retoma à cátedra em Madri. É um período em que Zubiri elabora trabalhos decisivos para sua trajetória posterior. Os grandes conceitos da Filosofia ocidental começam a ser questionados. Em 1935, Zubiri vai a Roma, onde obtém a secularização – e, um ano depois, casa-se com Carmen Castro. Com a nova situação política italiana, o casal muda-se para Paris, onde Zubiri ministra cursos no *Institut Catholique* e estuda linguística com Benveniste. Ali permanece até o início da segunda guerra mundial.

O retorno à Espanha não é fácil. Após diversas vicissitudes, o filósofo afasta-se definitivamente da Universidade e passa a dar cursos particulares. Em 1944, é publicada uma obra muito importante: *Natureza, História, Deus*. Em 1947, é fundada a *Sociedade de Estudos e Publicações*, em que Zubiri poderá expor seu pensamento.

Por muitos anos, ele quase não publica. Porém, seus cursos orais refletem o progressivo amadurecimento de uma filosofia que tem raízes no que Zubiri chama “impressão de realidade”. A Filosofia clássica, pensa Zubiri, “substantivou” e “entificou” a realidade, ao mesmo tempo que “logificou” a inteligência, gerando um enorme problema para o conhecimento humano. Então o *logos* se tornou a referência e início do pensamento, sem reconhecer que há uma fase primária, que chama de apreensão primordial da realidade, para a qual dá um valor fundamental. Então tanto a logificação da inteligência quanto a entificação da realidade representou um tipo de conhecimento que Zubiri chamou de “inteligência concipiente”, fundada em conceitos que repousam em outros conceitos sem nunca partir nem à realidade. Agora Zubiri propõe, em face do *logos* antigo e moderno, a inteligência senciente, e, em face da antiga substância e do sujeito moderno, uma nova ideia de realidade como substantividade ou estrutura substantiva e ultimidade de tudo. É o que se verá em seu escrito *Sobre a Essência* (1962).

Na década de 1970, cria-se o *Seminario Xavier Zubiri*. Nessa fase, conquanto ele se interesse também por vários outros temas, em verdade está se preparando para escrever sua obra máxima: a trilogia *Inteligência Senciente*, cujo primeiro volume, *Inteligência e Realidade* (1980), é seguido por *Inteligência e Logos* (1982) e *Inteligência e Razão* (1983). Nesta trilogia, Zubiri possibilita uma compreensão sistemática de seu pensamento mais maduro e resolve todas as dúvidas quanto a um suposto “realismo ingênuo” em sua Filosofia.

Em 1983, já doente, Zubiri escreve *O Homem e Deus*, que não poderá terminar. Falece em 21 de setembro, em Madri. Seus discípulos, reunidos no *Seminario Xavier Zubiri* e, depois, na *Fundación Xavier Zubiri*, dão início à publicação de suas obras.

A partir dessa breve introdução biográfica, pode-se concluir que o principal objetivo de Zubiri é mostrar a importância de uma análise que parte da realidade e se mantém na realidade, aprofundando-se aí. Surge então a possibilidade de se fazer uma interface da Teologia com a Filosofia do autor basco, para que assim se possa dialogar com o que chamamos das três principais realidades que compreende este trabalho: Mistério Pascal, Liturgia e Tempo.

Citando uma parte da introdução ao pensamento de Xavier Zubiri, Philibert Secretan diz:

Isto significa que sem realidade não há saber; mas igualmente sem o saber não há realidade; a realidade – como Zubiri gosta de afirmar – é o caráter formal sob o qual a coisa se efetiva para o homem na apreensão. “Realidade é o caráter formal – a formalidade – segundo o qual o apreendido é algo ‘em próprio’, algo de seu. E saber é apreender algo segundo essa formalidade (SECRETAN, 2014, p. 21).

Sabe-se que a tese fundamental de Zubiri partiu sempre da realidade. Sendo assim, pode-se concluir que o seu pensamento é de uma originalidade muito própria.

1.2 O Horizonte do Realismo Zubiriano

Este estudo tem por objetivo refletir acerca da Liturgia das Horas, como uma oportunidade que Deus nos dá para a santificação do tempo. Para isto, tem-se como ponto de partida o horizonte do realismo zubiriano, que proporciona falar do tempo a partir de atualidade e inteligência senciente proposta por Zubiri. É bom que se saiba o que ele entende por substantividade.

O ser não tem substantividade alguma. A única coisa que tem substantividade é a realidade. O ser é o modo de estar na realidade no Mundo, a atualidade de estar no Mundo. Porém, de maneira alguma é algo que tem substância. [...] porque o tempo é um modo de ser, e o ser, enquanto ser, carece por completo de substantividade (ZUBIRI, 2008a, p. 294).

Neste sentido, considera-se necessário fazer uma respectividade entre Tempo e Liturgia das Horas. Neste ponto, constata-se que o caminho a ser percorrido exige uma pesquisa acerca do que seja o Tempo.

Ao se abordar o horizonte do realismo zubiriano não se pode deixar de lado as questões teológicas que envolvem a necessidade humana de sentir a Deus, a partir da recitação do Ofício Divino, como busca de santificação das horas do dia.

Entretanto, não se pode desconsiderar que isso é inerente à sistemática da fé; exige-se de nossa parte reconhecer que a questão do Tempo é, antes de tudo, metafísica.

É por isso que recorreremos à metafísica de Xavier Zubiri, na qual vamos buscar uma base consistente para falar do tempo litúrgico. Aqui não se trata, portanto, da teologia do tempo na liturgia, mas do tempo em si mesmo enquanto elemento constitutivo da celebração da fé. A metafísica zubiriana apresenta um horizonte que traz uma dimensão realmente nova e desafiadora para o pensamento e a vida humana. E

na liturgia repercute de maneira significativa, pois a abordagem do tempo enquanto elemento litúrgico depende inevitavelmente do conceito de tempo em sua articulação com as coisas, considerando que aqui se trata da abordagem tempo e liturgia (COSTA, 2020a, p. 1).

Algumas considerações acerca do pensamento de Xavier Zubiri, são fundamentais para abordagem do tempo no horizonte do realismo zubiriano:

Em sua concepção de realidade o tempo é intrínseco, isto é, não está fora, como se fosse outra coisa, mas está dentro da própria realidade na ordem da ulterioridade. Zubiri nos apresenta uma inteligência inovadora como modo de apreender a realidade, que ele chamou de “Inteligência Senciente”. É uma forma unitária e integrada do conhecimento humano. Assim deu uma guinada na história da filosofia, asseverando que sentir e inteligir estão vinculados em um processo de conhecimento que tem como orto a apreensão primordial de realidade e desdobramentos em *logos* e razão, naturalmente posteriores e não exatamente posteriores, porque podem acontecer juntos, mas nunca sem iniciar pelos sentidos. Nesse processo o tempo é uma categoria que no homem não corresponde à sucessão das horas, mas à consciência da vida vivida no desafio dos seus projetos a curto e a longo prazo. Assim, para Zubiri, o tempo tem três dimensões: o tempo da “sucessão”, para as coisas, o tempo da “duração”, para a consciência humana, e o tempo da “precessão”, em vista da articulação projetiva da vida humana (COSTA, 2020a, p. 2).

A sucessão, a duração e precessão vão dando os contornos desta vida mostrando que o tempo não é uma realidade isolada, como muito comumente se pode pensar. A base fundamental é o real. Real e realidade estão vinculados, mas não se confundem. Segundo o pensamento zubiriano, tudo o que apreendemos como realidade é vinculado ao real, mas não é exatamente o real. Tudo parte do real e permanece no real. A existência de algo supõe que seja realidade e que o nosso pensar parte do princípio de que algo existe porque é real. Isso nos permite afirmar que o pensamento de Descartes: “penso, logo existo”, não é uma verdade completa, pois a coisa é real, mesmo antes que passe pela “inteligência” e só passa pela inteligência porque é real. Portanto, o pensar não é sinônimo de existência, mas ulterior à realidade. Esta modalidade é aplicada ao humano, que é dotado de inteligência. Por isso é chamado por Zubiri de “animal de realidades”.

Sendo o “animal de realidades”, temos de enfrentar a questão: o que é inteligir? Diz Zubiri: “Inteligir é mera atualidade impressiva do real, mera atualidade do real na

inteligência senciente. O modo primário desta inteligência é a apreensão primordial da realidade” (ZUBIRI, 2011b, p. 208).

Vertido para a realidade, o homem é animal de realidades: sua inteligência é senciente, seu sentimento é afetante, sua violação é tendente. Isto constitui a essência da realidade humana. E por ser animal de realidades, o homem é um animal pessoal, isto é, vertido à pessoa. Por isso o homem é a voz da realidade, e porta-voz da unidade do universo. [...] A realidade está no real, mas é maior do que o real. Neste sentido a realidade é transcendente na apreensão mesma. E juntando com a tese de que Deus é o fundamento da realidade, todas as realidades estão vertidas a Deus por meio de sua presença (COSTA, 2020a, p. 7).

Zubiri conclui que Deus não é objeto; é fundamento (ZUBIRI, 2015c, p. 176). Portanto, pode-se entender que o caminho percorrido por Zubiri parte da realidade em direção a Deus. Um Deus que está presente no tempo, que envolve o humano na sua realidade.

Façamos o caminho zubiriano partindo da realidade em direção a Deus. Para Zubiri, realidade não significa que as coisas sejam efetivamente reais, senão que o modo de enfrentamento com elas seja enquanto realidade. Portanto realidade é a maneira como a coisa apreendida primariamente fica na apreensão. Neste sentido, as coisas reais não são a realidade, mas somente vetores dela. Ou como diz ainda nosso filósofo, todas as coisas são reais, mas nenhuma é a realidade. Significa que, embora a realidade nunca esteja fora do real, ela é maior do que as coisas reais. E o que é essa realidade que está em toda coisa real e que é maior do que ela? Esta realidade não é uma coisa concreta a mais, porque não é uma simples realidade, senão o fundamento da realidade. Assim conclui Zubiri: logo existe outra realidade em que se funda a realidade. É justamente a realidade de Deus. Portanto Deus é real e está constituindo formal e precisamente a realidade de cada coisa. Então pela via da realidade o filósofo chega à prova da existência de Deus. Zubiri parte da realidade criada até chegar à Suprema Realidade criadora. Deus não é uma simples realidade concreta a mais entre as outras realidades, mas é a Realidade que fundamenta a realidade de todas as coisas criadas. E ao fundamentar, faz com que toda realidade tenha atualidade (COSTA, 2020a, pp. 7-8).

Será acolhida e escolhida, entre as definições do tempo, na perspectiva zubiriana, uma muito ousada e profunda: o tempo como um modo de ser no mundo, um “dar de si”.

Nesta mesma linha, o tempo não é algo em que se está, mas o modo como se está. O ser é ulterior à realidade. Sobre a dinâmica da realidade, Zubiri afirma:

As coisas que integram o mundo são realidades ativas por si mesmas. Cada uma por si mesma é acional e acionante em respeito às demais. Em virtude disso, naturalmente seu modo de estar no mundo compartilha de uma ou de outra forma este caráter de acionalidade intramundana enquanto tal (ZUBIRI, 2008a, p. 295).

Neste sentido, as coisas têm o caráter de “estar sendo”. Isto constitui a atualidade das coisas no mundo. Zubiri chama isto de “caráter gerundial”. Deus está sendo para nós a presença atuante e atualidade no mundo. Por isso, “a realidade, dando de si no mundo está nisso, isto é, tem seu ser no mundo como um estar sendo” (ZUBIRI, 2008a, p. 295). A partir do caráter gerundial do ser, a realidade está sempre dando de si em atualização perene. Assim, diz Costa:

Este estar do tempo para o nosso filósofo basco é uma atualidade. Uma atualidade do real. É um estar em respectividade de umas coisas em relação a outras. É uma atualidade das coisas no mundo. A atualidade do real no mundo, por sua vez, é justamente o que Zubiri chama de ser. O ser, para ele, não é realidade, mas sim a atualidade do real na respectividade, no mundo. Na medida em que a realidade é atual na respectividade, e formalmente na respectividade se tem o ser. O ser tem um certo caráter ativo no sentido de que o ser é uma espécie de reatualização ou de reafirmação da realidade de uma coisa em respectividade que constituiu o mundo enquanto tal. O dinamismo do dar de si, o do fluir (como atual no mundo enquanto tal), isso é o ‘ser’ do dar de si. Aqui reside o tempo. É um estar dando de si (COSTA, 2021b, p. 25).

Pode-se constatar que a busca da santificação do Tempo, a partir de um olhar no que diz respeito à realidade de cada coisa, --- faz compreender que a realidade é aquilo que fica na coisa real.

De fato, a fenomenologia de Zubiri se distancia do projeto idealista de Husserl em direção à radicalidade da realidade, na qual a razão opera num nível elementar. Zubiri buscou superar o realismo tradicional e o idealismo moderno. O início fenomenológico, marcado pela sua tese doutoral, desenvolvida ao longo de sua carreira, reforçou os conceitos fenomenológicos mais elementares, como o retorno às coisas mesmas, ao mundo da vida e à descrição imediata do ato de pensar. Entretanto, o ponto de virada encontra-se na estrutura entitativa, na qual Zubiri,

conforme a primeira parte de “Natureza, História, Deus”, desvia a fenomenologia objetivista para a ontologia. A chamada “virada ontológica” possibilita o recorte didático em sua segunda fase, ampliando, por fim, a fundamentação teórica para a sua terceira fase – que é onde se pretende fixar – na mais do que aclamada trilogia da inteligência senciente. Nela, Zubiri desenvolve as três instâncias de seu método – realidade, *logos* e razão. A apreensão é o meio pelo qual a pessoa se insere na realidade. Trata-se de uma opção ao mesmo tempo forte e crítica em seu método.

1.3 Realidade

Zubiri posicionou-se claramente sinalizando que o conhecimento é fruto de duas faculdades distintas e até contraditórias: a faculdade de sentir e a faculdade do inteligir, cada uma produzindo os seus atos próprios. E resolveu a questão, se, se quer continuar falando de faculdade, que só há uma faculdade que produz atos de inteligir e sentir concomitantemente. Não são a mesma coisa sentir e inteligir, mas formalmente sempre se cita o sentir antes do inteligir, pois não há nada que seja estruturalmente inteligido sem ser sentido. Citando o próprio Zubiri:

A inteligência senciente não é uma potência, mas uma faculdade. É uma faculdade composta não só intrinsecamente, mas também — isto é o essencial — estruturalmente por duas potências, a potência de sentir e a potência de inteligir. [...] A inteligência como faculdade é senciente, e o sentir humano como faculdade é intelectivo. Por isso a unidade da impressão de realidade é a unidade do ato de uma única faculdade (ZUBIRI, 2011b, p. 61).

Definindo a partir da noologia, Zubiri esquematiza a apreensão da realidade e a intelecção de um modo como que sendo uma espécie de Filosofia primeira. Através de um esquema simplista poderíamos entender essa noologia em que a mesma apreensão da realidade e a própria intelecção da realidade são fatos contemporâneos².

² A partir desse ponto do trabalho utilizaremos o termo original *de suyo*, grifado assim em itálico ao invés do termo traduzido “de seu”. Como na língua portuguesa usada no Brasil a designação em terceira pessoa é por vezes confundida com a maneira da segunda pessoa, sendo comum a confusão quando se diz que “uma coisa é sua” como podendo a coisa ser dele, ou a coisa podendo ser tua, com quem falamos. Para evitar ambiguidade, usaremos o termo *de suyo*.

Uma maneira bastante didática de se observar as nuances dessa noologia, usaremos um esquema do filósofo Mário Ferreira dos Santos³: Seria essa sensação de imediatismo, de receber de uma vez só o conceito de um momento único da apreensão do que se entende por real.

A abordagem zubiriana pode ser entendida como que uma fusão da fenomenologia de Husserl e da escolástica de base aristotélica.

Zubiri não se preocupa na conceituação de realidade com a relação Essência x Acidente. A percepção da realidade é sobretudo sensorial, própria do humano, distinta da sensação do animal. Os quatro atos tomista-aristotélicos seriam fracionados. Resumidamente, podemos verificar o esquema básico estrutural:

Ato: a Percepção, é o efeito que a coisa causa no observador.

Ato: a Imaginação, a formação de uma visão interna que busca semelhança.

Ato: a Abstração, a conexão das imagens; é o Mais, que permite formular o conceito em si.

Ato: a Racionalização, que é olhar para a imagem e arrancar-lhe as estruturas lógicas da intuição e/ou inteleção.

Nesse aspecto, Zubiri parece não ter se distanciado, tanto quanto ele parece dizer que o fez, quando justamente não se distancia tanto quanto esperava da visão kantiana. Cabe aqui uma elucidação: assim como Kant, Xavier Zubiri percebe que a realidade pode ser conhecida, isto é, jaz latente no ser humano essa capacidade, essa potência de ser capaz de absorver a realidade tal como se apresenta. Porém, se se pode conhecer, então tem de existir. Talvez esse avanço sobre a metafísica em direção a uma possível teoria do conhecimento tenha trazido a Zubiri um certo grau de nebulosidade. O foco continuará na abordagem e em sua maneira de avaliar a percepção da realidade, a realidade que se tem diante de nós. Deixemo-la falar:

O que seja o real é, pois, algo que só pode ser conceituado desde a formalização, isto é, desde a inteligência senciante: é algo que deve ser conceituado como sendo de seu independente e uno. Que é este ser de seu independente e uno? (ZUBIRI, 2011b, p.145).

Parece que ao tentar fazer o caminho de volta guiado pela epistemologia científica, pela negação da realidade criada pela imaginação, conforme exige Kant,

³ Noologia Geral (A Ciência do Espírito) - Mário Ferreira dos Santos, Coleção: Enciclopédia de Ciências Filosóficas e Sociais (Vol. IX) Editora: e Logos, SP - Ano: 1961

uma vez que é real o que é somente o que se concebe como real, Zubiri diz partir do real – inexorável e independente – para a percepção do que *está aí*, como ele diz, soberano e conjuntivo com o que lhe é próprio, como o que é *de suyo*.

O que inicialmente, na Filosofia, não parecia tão impenetrável, mas que, por causa de falsa dualidade entre sentimento e razão, foi se constituindo num bloco de concreto duríssimo. Tão sólido que, ao investigar se a metafísica atende às condições de uma ciência, todo o sistema kantiano conclui que não: é preciso uma nova teoria. O saber científico não poderia ser construído sobre sentimentalismos não investigados e a racionalidade deveria imperar.

Partindo de uma suposição sobre como o intelecto humano deveria operar, foi preciso conceber uma nova base teórica em que o sentir e o compreender devem ser rigorosamente distintos! Ao elucubrar essa possibilidade e tomá-la como verdade no modelo mental de que não só a realidade é plasmada por nosso intelecto, mas que o sentimento é independente da esfera de racionalidade humana, Zubiri defende que essa pseudo-dualidade não é inexorável e que ainda incipiente a Inteligência Sensível deve ter um caráter, digamos, conciliatório e, força total, deveria ser ao menos investigada. A tarefa seria dura, porque o idealismo transcendental kantiano é a concepção de um sistema dado como síntese e superação das duas correntes da Filosofia, racionalismo e empirismo. O pensamento de Kant é uma etapa decisiva. Sua fecundidade está longe de esgotar-se e foi ponto de partida para a Filosofia moderna.

De fato, ele não faria isso sozinho. Já a fenomenologia de Husserl pedia que se colocasse o problema do conhecimento sobre uma base mais sólida do que a teoria do conhecimento. Tomando emprestada a via de uma possível descrição dos dados imediatos da consciência, Zubiri tenta abandonar as análises probatórias porque desembocariam numa relação somente viável a partir de objetos constituídos pela consciência pura e, portanto, num novo tipo de idealismo.

Para ele, o sentir é, forçosamente, material. Portanto, deve estar acima da apreensão da consciência idealista, não simplesmente ligado à vida ou à dependência do ser. Seu ponto de partida é que o ato de inteligir é a própria experimentação do que será a realidade. A “coisa” a que se tem acesso sensível e conseqüentemente inteligível, não é uma substância no sentido metafísico e nem um objeto da Filosofia moderna, mas uma nota, ou sistemas de notas. É o dado que a realidade sensibiliza

de forma autônoma e independente. Essas coisas não são simples estímulos objetivos que provocam em nós uma resposta, mas são justamente as realidades.

Sua introdução para definir futuramente a Inteligência Senciente -- dá pistas do caminho que iria trilhar:

Realidade é formalidade do “de seu” determinada na apreensão por um modo de formalização do conteúdo distinto da formalização de estimulidade. Formalização é, como vimos, o que constitui o modo de alteridade do conteúdo apreendido; é autonomização desse conteúdo. Esta autonomização tem dois momentos: é independência, é autonomia do conteúdo com respeito ao apreensor, e é independência do apreendido com respeito a outras coisas apreendidas, o que eu chamei de momento de delimitação, ou melhor, o momento de unidade delimitada do apreendido. Pois bem, quando estes dois momentos são momentos da formalização de realidade, isto é, quando são momentos do *de suyo*, então a autonomização como independência do conteúdo e como unidade delimitada das notas adquire caráter próprio: é um caráter segundo o qual o apreendido é o real. O que seja o real é, pois, algo que pode ser conceituado desde a formalização, isto é, desde a inteligência senciente (ZUBIRI, 2011b, p.145).

O tal “real”, ou a realidade, é interiorizado de uma vez, como um lampejo. O que se segue, mas não se distingue, é a compreensão intrínseca dos momentos – não temporais – entre a apreensão primordial, que é individual e atualiza o intelecto sobre o que é aquela coisa; depois, um campo de inter-relação manifesta a coisa entre outras coisas, e então forma-se o que a coisa é na realidade. Aqui já se está no campo de ativação do *logos*.

Zubiri extrai desse princípio, numerosas consequências, cujas principais são: em primeiro lugar, “realidade” não significa a coisa “por si”, como a entendia a antiga metafísica, nem a coisa “para mim”, como o pretende o subjetivismo moderno. A realidade precede tanto o “por si” quanto o “para mim”; ela é um “*de suyo*” dela mesma. Em segundo lugar, essa formalidade do *de suyo* determina o sentir humano, diferentemente da sensação animal. Assim, para Zubiri, a inteligência senciente se distingue da inteligência concipiente da metafísica e da inteligência sensível da época moderna.

Para Zubiri, como para os clássicos escritores bíblicos, que atribuíam os pensamentos ao coração, é justamente o sentir humano, que é intelectualizado de

certa maneira, que faz que nos sintamos imersos numa realidade palpável, ainda que não se conheça por completo.

Da definição de Gracia, é uma conclusão parcial do que se postulou até aqui:

Essa definição conduz à asserção, ao juízo. Para julgar o que é uma coisa entre outras, é preciso, primeiramente, tomar distância, afastar-se e deter-se, a fim de observar as coisas em seu campo. Dessa observação resulta o que Zubiri, diferenciando-a da ‘apreensão primordial’, chama de – *simplex apprehensio* – mas fornecendo a essa expressão uma significação totalmente diferente daquela que ela geralmente possui em filosofia. Zubiri a definiu como a livre criação ou a postulação, a partir desse campo, do que ‘seria’ o conteúdo de realidade de uma coisa quanto à sua ‘presença a’ (imagem de percepção), a seu ‘ser assim’ (projeção da imaginação) e a seu ‘ser isto’ (conceito). O romance, por exemplo, utiliza imagens de percepções e as projeções da imaginação. Já a matemática opera com conceitos puros (SECRETAN, 2014, p. 25).

Parafraseando a introdução do estudo de Costa sobre a Inteligência Senciente e Liturgia, talvez se possa extrapolar a contribuição de Zubiri não só no aprofundamento da fé, mas de toda a evolução da Filosofia:

Muitas vezes se constata que certas celebrações litúrgicas pendem para o sentimentalismo ou para o racionalismo. Isso revela um grave problema, que é reflexo da ruptura entre o sentir e o inteligir, como se fossem duas faculdades numericamente distintas. A retificação desta distorção vem com a inteligência senciente, de Xavier Zubiri, que revolucionou a epistemologia atual, mostrando que a separação entre sentir e inteligir constitui um erro grave, pois “inteligir é um modo de sentir, e sentir é, no homem, um modo de inteligir”. A inteligência senciente trouxe uma luz para a liturgia, na medida em que a unidade entre sentir e inteligir em todas as modalidades da apreensão da realidade (apreensão primordial, *logos* e razão) exige a inteireza tanto na celebração como no aprofundamento da fé (COSTA, 2017c, p. 1).

A Filosofia de Zubiri tentou mergulhar profundamente no problema de Deus. Não é o problema de Deus, ou o problema do ser humano, o que se aborda aqui, mas a necessidade de imersão na realidade.

Afinal, a Inteligência Senciente não resolve, *a priori*, o fato de que a realidade é dependente do autor da criação: extirpar forçosamente esse aspecto é mutilar a capacidade de intelecção, porque tanto a Imagem quanto a semelhança devem – de alguma maneira – reproduzir o elemento criador na forma em que se apreende o que a realidade apresenta.

O objeto da Filosofia é a realidade enquanto tal. Parte de uma ideia sensacional e derivada das mais nobres postulações da Filosofia em todos os tempos, mas de uma maneira original e contundente: A inteligência e a realidade são congêneres, sem prioridades! A própria concepção de uma inteligência é a própria fundamentação da realidade. As abstrações, aqui, são apenas elementos investigativos. Como foi proposto antes, Zubiri tenta descrever a realidade a partir da própria realidade, tal como essa percepção se constitui dentro do ser humano, com um trabalho conjunto e quase inseparável entre sensibilidade e raciocínio. É pensar com o coração, como foi dito. A percepção sensível está relacionada à realidade. Uma ruptura com o Idealismo.

O sentir humano é inseparável de todos os modos de apreensão. Sentimos de forma inteligida. A resposta aos estímulos é automática, instintiva até, num primeiro momento. Mas concomitantemente se nos aparece um juízo sobre tal estímulo. Até para sentir, o homem depende de sua capacidade intelectual.

A realidade, a coisa real, joga sobre nós o que lhe é próprio, de direito. Dá o que tem de si, mas se pertence. A formalidade se processa a partir desse “instante realístico”. Zubiri explica:

Para uma inteligência senciente, porém, a realidade não é *jectum* (nem *subjectum*, nem *objectum*), senão que o real é o que tem a formalidade do *de suyo*, seja uma nota, seja um sistema de notas sentidas em sua realidade. O real não é "coisa", mas algo "em próprio", seja coisa ou não. Diferentemente do que se pensou em inteligência concipiente, a saber, que o real é substancialidade e objetualidade, em inteligência senciente o real é substantividade (ZUBIRI, 2011b, p.150).

Zubiri propõe uma superação das posições clássicas em favor do que ele denomina “lógica da realidade”. O conceito de realidade zubiriano, apesar dos paralelismos e diferenças assinalados, não surge do conceito aristotélico de natureza, mas do conceito fenomenológico de coisa-sentido. Coisa-real significa *de suyo*, entendido como meramente real, distinguindo-se de coisa-sentido. O *de suyo* está dado na apreensão primordial. Porém, o importante é ver que este *de suyo* está dado “em fazer”, como transcendental que se concretiza com conteúdo mundano.

Esta concepção rompe definitivamente com a unidade *physis/logos* que constituía uma visão naturalista ‘necessitarista’ da natureza e do ser humano. A concepção zubiriana da realidade é marcadamente dinâmica e aberta, o que permite

que realidade e sentido se distingam, porém, não se oponham. Uma essência aberta, isto é, a essência humana, o é pelas suas notas físicas, porém, ao ser dinâmica a realização desta abertura, que consiste numa apropriação de possibilidades, acrescenta à coisa-real um âmbito do sentido que, como tal, não é nenhuma nota física e que permite elevar-se acima de suas próprias notas físicas.

A questão se concretizará, então, numa realidade dinâmica que dá de si por suas próprias notas físicas, coisas que formalmente não se definem por suas notas físicas; coisas-sentido (CESCON, 2014, pp. 115-128). O observador, sencientemente inteligente, denota uma série de características que lhe escapam da mera dualidade sentimento-razão. Zubiri define a apreensão da realidade de forma sistemática e independente da relação entre o observador e a coisa observada.

Repetindo, é autonomia do conteúdo com respeito ao apreensor, e é independência do apreendido com respeito a outras coisas apreendidas, o que ele chama de momento de delimitação, ou melhor, o momento de unidade delimitada do apreendido. Pois bem, quando estes dois momentos são momentos da formalização de realidade, isto é, quando são momentos do *de suyo*, então a autonomização, como independência do conteúdo e como unidade delimitada das notas, adquire caráter próprio: é um caráter segundo o qual o apreendido é o real.

É real essa “apreensão” do conceito, o que independe da subjetividade do observador. O real é, assim, uma existência intrínseca, independente das opiniões (racionalis) ou dos sentimentos (emoções) do observador. Em absoluta oposição ao pensamento kantiano, o real, *de per si*, existe, e cabe ao ser humano apreendê-lo. Como observamos antes, não é a “realidade” criada a partir da observação humana! Enquanto Kant tem como pilares: a sensibilidade, por meio da qual os objetos são dados na intuição e o entendimento, por meio do qual os objetos são pensados nos conceitos, Zubiri tem nos mesmos elementos constitutivos uma interpretação diversa. Para ele, a sensibilidade e o entendimento são partes de um mesmo sistema em que se complementam para “extrair” do criado sua porção de realidade e não para “introduzir” no éter uma realidade concebida a partir de si.

Zubiri é considerado um hiper crítico, um revolucionário em Filosofia, um educador para a liberdade crítica do pensamento. Portanto, não se pode imaginar que em qualquer apreensão de realidade, enquanto ato elementar da inteligência, não haja unidade entre sentimento e inteligência. É preciso frisar também que sentir e inteligir

não são uma espécie de adição, pois “não há sentir ‘e’ inteligir, mas tão somente intelecção senciente, intelecção impressiva do real enquanto real” (COSTA, 2017c, p. 211).

Ele trabalha com o conceito de modalização, ou seja, são três os modos com que a apreensão da realidade se dá aos sentimentos e à inteligência: a apreensão primordial, a apreensão dual (*logos*) e a apreensão mundanal (razão).

Não significa que o *logos* e a razão sejam sucedâneos; são ulteriores, porque estão fundamentados imprescindivelmente na apreensão primordial de realidade. Isso não quer dizer que os três modos de apreensão não possam ser simultâneos, porque há uma abertura que não os deixa ser estanques. O importante é que não há *logos* e nem razão que não sejam embasados na apreensão primordial de realidade.

Essa abordagem tripartite coloca Zubiri em patamares ainda não investigados, e propõe uma inteireza na compreensão da realidade, sem deixar de observar, entretanto, “o problema da realidade, que podemos concluir que é um problema aberto e nunca se pode dizer que esteja fechado e concluído” (TEIXEIRA, 2007, p. 113).

É instrutivo observar como Zubiri esboçou a ideia própria de uma inteligência senciente como forma de atualidade da realidade para ser usada como saída do esgotamento filosófico moderno, uma questão que não vai deixar de levantar interrogações e, quiçá, discussões.

1.4 Tempo: Duração e Precessão

Quando se fala em tempo: duração e precessão, pode vir de imediato às mentes o que a cultura pós-moderna enfrenta no que diz respeito às coisas que estão condicionadas ao tempo.

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman acenou para esta problemática que ainda hoje atinge a sociedade: quanto mais excessos de informações, mais o ser humano padece neste mundo em que o Tempo acaba por se esvaír pelas mãos dos que buscam viver uma realidade que possa ser eternizada, como uma marca de Deus na vida dos que desejam santificar o Tempo através da oração.

No Livro do Eclesiastes, encontra-se uma perfeita explicação acerca do tempo que deve ser assumido de forma humana:

Há um momento para tudo e um tempo para todo propósito debaixo do céu: tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar, e tempo de arrancar a planta. Tempo de matar, e tempo de curar; tempo de destruir; e tempo de construir. Tempo de chorar e tempo de rir; tempo de gemer e tempo de bailar. Tempo de atirar pedras, e tempo de recolher pedras; tempo de abraçar, e tempo de se separar. Tempo de buscar, e tempo de perder; tempo de guardar, e tempo de jogar fora. Tempo de rasgar, e tempo de costurar; tempo de calar, e tempo de falar. Tempo de amar, e tempo de odiar; tempo de guerra, e tempo de paz (Ecl 3,1-8).

A partir deste dado bíblico, pode-se concluir que tudo o que Deus criou, assim o fez em conformidade com o Tempo que Lhe é devido.

Em “*Tempo, Esperança e Utopia: um ensaio filosófico em tempos de pandemia*”, Bernardes indica que:

Um dos maiores desafios que a humanidade tem diante de si é o resgate do tempo em sua totalidade, ou seja, o resgate da existência temporizada da pessoa e da comunidade, de uma relação equilibrada entre as diversas dimensões do tempo e da realidade tempórea do ser humano (BERNARDES, 2020, p. 4).

Ao se recorrer ao dicionário, para encontrar uma definição sobre a palavra Tempo, é possível encontrar o significado que aqui se considera uma definição clássica: o Tempo está condicionado ao passado, presente e futuro.

A partir da experiência da santificação do Tempo através da Liturgia das Horas, acredita-se que este conceito: passado, presente e futuro, não só pode, como deve existir. Entretanto, este conceito como definição do Tempo não pode desvirtuar a dimensão do Tempo e da realidade tempórea em que se está imerso.

Não se pode desconsiderar o passado, nem muito menos viver só do presente, sem o devido cuidado com o olhar para o futuro. No livro de Eclesiastes, ainda se encontra: “O que existe, já havia existido; o que existirá, já existe, e Deus procura o que desapareceu” (Ecl 3,15).

Como já mencionado anteriormente acerca da definição do Tempo: presente, passado e futuro, Bernardes considera que, uma vez que a própria definição do Tempo não é simples, o ser humano se vê motivado a questionar-se: o que de fato é o Tempo? Por que da necessidade de se parar em determinadas momentos do dia, para santificar as horas? Tempo e horas: são duas palavras que se entrelaçam?

De fato, deparar-se diante de tais questionamentos, e só se poderá encontrar as respostas precisas, se se compreender o Tempo não somente a partir de uma visão aristotélica (estrutura material), e uma visão agostiniana (estrutura psíquica). É preciso ampliar os horizontes, para que sentindo e inteligindo as questões inerentes ao Tempo, tenha-se a possibilidade de se unir às coisas do céu, mesmo estando na terra.

No prefácio do Tempo Comum VI, cujo tema é: Cristo, penhor da Páscoa eterna, é possível reconhecer que se está inserido no Tempo, ou seja, no cosmo, e ainda se proclama que se vive, move-se e se é, em Cristo, o princípio e o fim de todas as coisas. Se tudo se orienta para Ele, enquanto peregrinos neste mundo, sujeitos às marcas do Tempo cronológico, não se pode desconsiderar o que para Zubiri é essencial: uma inteligência senciente que permita a todos orar com a Igreja, que neste mundo já garanta viver e sentir o amor de Deus, e desde já, viabiliza a certeza de que a vida futura existe, e que se pode vivê-la.

Infelizmente, a visão acerca do Tempo é muito limitada. Desde sempre, se é educado a pensar que se vive de momentos. A celebre frase “*carpe diem*”, pode ser um paradigma que condiciona a pensar o Tempo somente a partir dos critérios deste mundo, que parecem oferecer uma vida sólida e firme, uma garantia de tudo, mas que, no fundo, não passam de uma ilusão que traz sofrimento.

Santificar as horas do dia, através da oração, é poder ressignificar aquilo que se pode denominar de experiência cristã, isto é, eternizar no ser humano o que o Mistério Pascal de Cristo oferece: uma antecipação do Tempo Eterno.

Por isso, ao falar sobre o Tempo, como duração e precessão, é possível concluir que quanto mais se vive neste mundo, a partir da experiência individual de comunhão com Deus, através da oração, mais tempo de eternidade pode-se cultivar. Isso possibilita ao ser humano, mesmo diante de uma cultura do descarte, e do que aqui se denomina de tempo líquido, sentir a ação do amor de Deus que age no Tempo da história, oferecendo assim um tempo que é imperecível.

2. A realidade humana do tempo

Ao se falar em realidade humana do Tempo, recorre-se ao pensamento Zubiriano para refutar o que já utilizamos do chamado pensamento clássico acerca do Tempo, isto é, passado, presente e futuro.

Para Zubiri, fazer uma análise acerca do Tempo, numa perspectiva meramente temporal, não é um caminho simples a ser percorrido. Por isso, pode-se inferir que, ao se celebrar a Liturgia das Horas, mais do que caracterizar o Tempo na sua realidade humana, garante-se, no ato de rezar, a santificação das horas, e uma antecipação do Reino, uma vez que a celebração do Mistério Pascal de Cristo garante a vivência que o estudo da escatologia remete: o ainda não!

Não se pode inteligir o Tempo a partir de uma mera caracterização, ou seja, conceitos e estudos prontos do que se entende sobre a realidade humana do Tempo. É por isso que, para Zubiri, uma criteriosa metodologia deve ser aplicada acerca da ideia do Tempo. Não mais o conceito clássico do que formalmente é considerado o Tempo, mas, a partir do quesito filosófico trazido pelo próprio Zubiri: a inteligência senciente que orienta para a certeza de que o Tempo, antes de tudo, existe, pois, pode ser sentido e inteligido por todos.

Para Agostinho isso era muito claro:

Quem se atreveria a dizer-me que não há três tempos, conforme apreendemos na infância e ensinamos às crianças: o pretérito, o presente e o futuro? Existirá somente o presente, visto que os outros dois não existem? Ou eles também existem, e então o tempo procede de algum retiro oculto, quando de futuro se faz presente? Entra o tempo em outro esconderijo quando de presente se faz passado? Onde é que os adivinhos viram as coisas futuras que vaticinaram, se elas ainda não existem? Efetivamente não é possível ver o que não existe. E os que narram fatos passados, sem dúvida não os poderiam veridicamente contar, se não os vissem com a alma. Ora, se estes fatos passados não existissem, de modo nenhum poderiam ser vistos. Existem, portanto, fatos futuros e pretéritos (AGOSTINHO, 2014, p. 307).

Partindo dessa conceituação dada por Agostinho acerca do tempo, é possível considerar que, para Zubiri, a ideia conseqüentemente perpassa pela mesma linha de raciocínio do Bispo de Hipona; porém, pode ser abordada a partir de duas realidades: o Tempo em si, o ser humano e as coisas.

Aqui se faz necessária uma análise criteriosa no que diz respeito ao Tempo, para que se possa ponderar a semelhança entre a coisa (objeto) que passa por transformações por vezes forçadas (uma iniciativa humana), e o ser humano, que passa por transformações que são próprias do Tempo.

Considera-se importante ressaltar que a celebração da Liturgia das Horas está inserida no contexto da realidade humana do Tempo. E é, por isso, que se torna uma

condição imprescindível para o ser humano santificar as horas, valorizando, assim, a duração do tempo como momento privilegiado de encontro com Deus.

Isso faz pensar que, de fato, inserir a prática de oração de forma ordenada e comunitária, que é a recitação dos salmos, em determinadas horas do dia, está presente na realidade humana do Tempo.

É através desta prática oracional, que não exige explicações demasiadas, que torna legítimo o pensamento do filósofo basco, quando deixa evidente que a pessoa cada vez mais se preocupa em se lançar para o futuro, esquecendo-se o quanto é importante santificar o Tempo para que assim se torne possível sentir e inteligir a Trindade, através da oração.

Para o povo de Israel, era fundamental olhar para o passado. Este gesto a eles permitia “recordar” os feitos que Deus havia operado em favor deste povo. Neste contexto, não havia atualização das maravilhas que Deus tinha feito.

Acredita-se que a realidade humana do Tempo passa a ter sentido quando assumimos o Tempo como um momento oportuno de atualização das maravilhas que o Pai manifestou em Seu Filho Jesus Cristo, na força de Seu Espírito, em favor do ser humano.

Uma fundamentação se faz necessária, a partir do pensamento filosófico, o que aqui se denomina atualização: recorre-se ao comentário de Caponigri, que, ao tratar o pensamento de Zubiri, entre inteligência e realidade, afirma:

O traço saliente dessa mútua, mas equivalente, implicação entre inteligência e realidade, segundo Zubiri, é *'la principalidade de la realidad sobre la inteligencia'*, a principalidade da realidade sobre a inteligência. Esse assunto de princípio significa uma prioridade; a prioridade do real significa que o real que nos está presente é alguma coisa cuja presença é conseqüente e subsequente ao real, sempre real em seu caráter próprio. Essa prioridade não é somente a da realidade diante do Ego, ou diante da razão, diante do *logos* predicativo, do conceito, da intencionalidade ou do 'desvelamento'. É isso e mais. Essa prioridade se funda na atividade primeira e formal a inteligência: a *atualização*. Essa atualização, que se deve considerar como a verdadeira essência da inteligência, significa que a realidade atualizada, anteriormente a presença da inteligência a si mesma, leva a inteligência a se atualizar a si mesma conforme a essa realidade antecedente. A atualização intelectual se faz no intelecto, mas o ato que se atualiza a si mesmo na inteligência é o ato e atualização da coisa. Eis porque o que é a realidade (como distinta do que simplesmente é real) só parece formalmente na pura atualização da

inteligência, pois o que é a inteligência só aparece formalmente na pura formalidade da realidade enquanto anterior à inteligência. Juntos, esses momentos formam – numa exata relação hierárquica – a verdade real (SECRETAN, 2014, pp. 61-62).

Ao falar em realidade pode-se recorrer ao que diz respeito à apreensão primordial da realidade, que, conseqüentemente, cria no ser humano, o que se pode chamar de um movimento de uma aceitação da coisa real em questão, sem sair, de forma alguma, da realidade.

Isso permite pensar que a noção da realidade humana que se tem do Tempo sempre será limitada, uma vez que aquilo que é apreendido na impressão primordial da realidade, determinará o campo das coisas apreendidas, que independem do que a inteligência concipiente apreende do Tempo, numa perspectiva de passado, presente e futuro.

Em linhas gerais, para se falar do Tempo, é imprescindível ter claro que, para Zubiri, não existe a possibilidade de que a realidade esteja inserida no Tempo, e pode-se também dizer, no espaço. Sabe-se que Tempo e Espaço são formalidades de respectividade, e, portanto, chegamos a concluir que a realidade humana do Tempo também é formalidade aberta.

As palavras de Xavier Zubiri ajudam refletir:

Por isso a realidade é constitutivamente respectiva. Em razão disso, cada coisa, por ser real, está desde si mesma aberta a outras coisas reais. Daí a possível conexão de umas coisas reais com outras. Que exista essa conexão é um fato, e somente um fato. O que, porém, não é um fato, mas uma intrínseca necessidade metafísica, é que se tal conexão exista, se ache fundada na respectividade. Segundo esta linha de abertura transcendental, o momento de realidade adquire caráter especial: é o que em linguagem comum chamamos de “a força das coisas” e que consiste na força de imposição do real (ZUBIRI, 2011b, p. 142).

Como já mencionado, Zubiri sugere superar os pensamentos clássicos em favor do que ele denomina “lógica da realidade”. Para a superação destes pensamentos, pode-se recorrer às definições que o autor basco justapõe ao falar em “lógica de realidade” (ZUBIRI, 2011b, pp. 3-9):

- a. A intelecção deve ser entendida como ato (real);
- b. A inteligência não deve ser entendida como faculdade, mas como caráter abstrato da intelecção;

- c. Sentir e inteligir, são dois momentos do mesmo ato, ou seja, é a Inteligência Senciente;
- d. A apreensão de realidade é um ato;
- e. Realidade é aquilo que fica na coisa real;
- f. Quando aprendemos a coisa, já estamos nela (na coisa);
- g. A verdade da coisa é dada pela própria coisa;
- h. Apreensão primordial da realidade: aprender a coisa como ela é;
- i. Toda realidade só pode ser sentida sencientemente;
- j. Realidade: é o que está no princípio de tudo;
- k. Atualização: é trazer para a inteligência senciente aquilo que aconteceu;
- l. Reidade: o modo como as coisas se dão, ou seja, a coisa por si mesma;
- m. A coisa é o que é, isto é, independe da nossa percepção;
- n. A coisa: não a partir do que defino, mas do que ela é;
- o. A coisa se dá, e eu sou capaz de captar: Inteligência senciente;
- p. A coisa se dá a mim, e, eu vou apenas formalizá-la. Eu não defino a coisa, a coisa é por si mesma.

2.1 O ser humano

De forma geral, é a partir de uma linguagem filosófica, isto é, o conceito descritivo da realidade humana do Tempo traz consigo muitas marcas da inteligência concipiente, ou seja, o ideal vem antes do real. O pensamento zubiriano combate severamente isso, e indica a inteligência senciente como uma via de conexão que corrobora negar necessariamente qualquer tipo de idealismo.

A definição do significado do ser humano neste mundo foi tradicionalmente levantada a partir de duas concepções profundamente divergentes. Uma primeira considera o ser humano criado e lançado na terra pelo Ser Supremo. Este ser humano, realiza-se na medida em que cumpre escrupulosamente as leis estabelecidas na, e da, região do suprassensível; leis que lhe foram reveladas para o seu estrito cumprimento e que supõem a garantia da sua salvação eterna. O objetivo último deste processo é o cumprimento estrito do que foi revelado e, desta forma, poder ser, o ser humano, digno de perpetuar uma existência suprema e eterna. Esta

abordagem é decididamente individualista e inclui um resultado, um prêmio, que afeta a pessoa sua salvação eterna.

Pode-se argumentar que, o ser humano “religioso”, agindo de acordo com o que é revelado, pretende realmente o bem da comunidade. Mas isso não pode ser assim; em todo o caso, seria Deus, e não uma decisão altruísta humana que teria estabelecido o modo de proceder para garantir o bem de toda a humanidade, agindo de acordo com o que foi revelado. Dessa forma, se esperaria sua própria salvação, considerando que sua ação também salva outros seres humanos.

Uma segunda concepção considera que a pessoa, como ser supremo na terra, realiza-se na medida em que é capaz de estabelecer suas próprias leis, que finalmente explicam de forma facilmente compreensível tudo o que acontece ao seu redor. A garantia da salvação é alcançar o conhecimento completo das leis que regem o universo, sendo este o objetivo final deste processo de evolução. Neste caso, diferentemente do anterior, nada mais é esperado após atingir o objetivo final.

Por outro lado, parece óbvio que se se seguisse este processo evolutivo, chegaria a uma situação que podemos finalmente considerar em equilíbrio, que consistiria na mera observação do que foi alcançado através da aplicação de sua inteligência ou razão. Nesta situação final, o ser humano seria 'deus'. Esta é, sem dúvida, uma abordagem definitivamente coletivista, altruísta, e, se, se preferir, é destinada a oferecer o excelente resultado do 'conhecimento absoluto', uma vez alcançado, às gerações futuras.

Entre essas duas concepções tradicionais sempre houve pessoas que se interessaram pela busca do conhecimento sem esperar nada em troca. E esta é precisamente a posição dos pensadores relevantes que se considera neste trabalho, sobretudo, o pensamento Xavier Zubiri.

Pode-se considerar que são filósofos autênticos, intelectuais autênticos, que usaram a inteligência de uma maneira claramente distante da explicação científica, bem como distante das profundas convicções religiosas.

Acerca disso, o autor basco esclarece em sua obra “*Cinco lições de filosofia*”, o que corresponde ao que pode ser chamado de autêntico filósofo, isto é, aquele que não se baseia na inteligência concipiente, para explicar as “coisas”.

Em outras palavras: o ser humano tem o desejo de “saber”. Zubiri mostra:

O saber a que, por natureza, somos impulsionados não é um saber qualquer, mas um saber em que estamos firmes na verdade das coisas. E um sinal de que temos esse desejo por natureza é a deleitação, o deleite que temos no exercício da função de sentir. [...] Este desejo de saber o homem o compartilha de certo modo com o animal, porque um primeiro esboço deste saber está incorporado no próprio sentir. (ZUBIRI, 2012d, p. 56).

Nesta direção, constata-se que a filosofia revolucionária de Zubiri, indica caminhos para uma reflexão acerca do pensamento humano, que está na realidade.

Para fundamentar o argumento, pode-se assinalar três grupos visivelmente distintos: o religioso, o cientista e o filósofo.

O religioso e o cientista buscam Deus ou conhecimento divino, Deus em suma, e diferem basicamente no modo de dedicação para alcançar esse encontro. Nos dois casos, o objetivo é encontrar uma solução final, uma salvação, e é o caminho para essa salvação que diferencia essas duas formas de agir. Em um caso, Deus é o guia e o objetivo final; entregue à sua onisciência, o religioso caminha a passos firmes para o além. É um caminho de fé, de entrega cega ao Ser Supremo, que tudo definiu e preparou para alcançar a glória eterna do crente.

A posição e o papel do filósofo diferem do religioso e do cientista baseado em um simples princípio de economia vital. O religioso considera a verdade como pilar e fundamento de sua salvação particular; sem Deus está perdido e com Ele espera um resultado que lhe garanta a salvação no além. A essência do religioso consiste em servir a Deus. O cientista, porém, busca a verdade como forma de domínio do objetivo e, - por que não? - também do subjetivo.

Em última análise, busca alcançar a onisciência divina. As equações matemáticas abstratas levariam a humanidade a um aumento sistemático e, de certa forma, a um resultado mágico, no nível de compreensão e domínio do mundo ao seu redor. Isso faz com que ele, o cientista, se sinta cada vez mais seguro, cada vez mais confortável, na medida em que o ambiente lhe é progressivamente menos hostil.

A essência do ser humano de ciência é alcançar o pleno conhecimento da criação, através do uso de ferramentas como matemática e cibernética, como a ciência suprema capaz de explicar toda a verdade.

Para o filósofo, o interesse pela sua economia vital situa-se num ponto de indiferença. Ao contrário dos anteriores, o filósofo busca a verdade sem esperar nada

em troca, a não ser a satisfação que encontra ao realizar o processo de busca. O interesse do filósofo se reflete com força na seguinte escrita de Husserl:

Tenho de chegar a uma firmeza íntima", escrevera Husserl em 1906. Eu sei que se trata de algo grande, imenso; sei que grandes gênios falharam na empresa. Não quero me comparar a eles, mas não posso viver sem clareza. Não busco honras e fama com isso, não quero ser admirado, não penso nos outros nem na minha carreira estrangeira. Apenas uma coisa me preenche: preciso alcançar a clareza, caso contrário não poderia viver⁴.

As respostas às questões colocadas são certamente inatingíveis ou inacessíveis. E mesmo assim, o ser humano, às vezes, é obrigado a perguntar sobre coisas que lhe interessam em sua vida e de uma maneira diferente de como ele pede para tentar entender sua relação com o mundo ou com Deus.

De alguma forma, o filósofo se rebela contra sua incapacidade de compreender o fundamento, a verdade ou simplesmente a explicação de sua essência, a compreensão do conjunto de traços fundamentais que dizem respeito ao ser humano, e que o caracterizam como tal. Em consequência, a verdade, para o filósofo, não é algo elegível, mas em sua dimensão mais radical é tão inescapável que 'constitui' o ser humano naquilo que lhe é mais específico e próprio.

Poderíamos dizer que tanto o religioso quanto o cientista não tratam da essência humana, mas do objetivo último de seu ser no mundo. Ambos buscam, com propostas diferentes, uma salvação, escatológica no caso do religioso, material no caso do cientista. Para o filósofo, a verdade é um constitutivo antropológico da realidade humana, um ingrediente essencial da própria realidade humana.

O interesse da filosofia em relação à definição da essência do ser humano encontra-se no meio das duas concepções anteriores.

Só agora, sem mundo e nem Deus, o homem se vê obrigado a refazer o caminho da filosofia, apoiado na única realidade substante de sua própria razão: é o orto do mundo moderno. Afastada de Deus e das coisas, de posse tão somente de si mesma, a razão tem de achar em seu seio os móveis e os órgãos que lhe permitem chegar ao mundo e a Deus. Não o consegue. E, em seu lugar, à força de tentar descobrir tais vertentes, mundanas e divinas da razão, acaba por convertê-las na realidade mesma do mundo e de Deus. É o idealismo e o panteísmo do século XIX (ZUBIRI, 2010e, p. 66).

⁴ Citação supostamente comprovada no diário de E. Husserl em 25 de setembro de 1906.

Tal definição coloca Zubiri numa posição, supostamente, apertada, porque a demonstração de tal proposição é deveras complexa. Citamo-lo aqui justamente para iniciar uma investigação mais profunda de como esses três meios de se abordar a busca da Verdade pode implicar em desafios praticamente sobre-humanos.

O filósofo não pretende encontrar uma proposta de salvação como meta última e fundamental nem, por outro lado, pretende alcançar a inteligência divina, o domínio sobre todos os seres, através do desenvolvimento da ciência e da tecnologia. Nisto reside a verdadeira dificuldade da tarefa e o verdadeiro interesse do filósofo.

Por um lado, não pode, nem pretende, cair no campo da religião e abandonar-se na existência de um mundo suprassensível, inacessível ao ser humano, onde as ideias e os princípios que lhe foram revelados e que devem ser seguidos como garantia de salvação.

Mas, por outro lado, o filósofo também é obrigado a abandonar o caminho da metafísica ocidental que, finalmente, nos levou ao extraordinário desenvolvimento das ciências e à crença de que é possível explicar tudo, chegar à verdade última, através do uso exclusivo da razão humana, simplesmente realizando processos de dedução e cálculo.

Após a 'morte de Deus', o cientista encontra um campo livre para desenvolver seu projeto de dominação sobre a terra. Contando com o poder da razão, ele se considera capaz de compreender a natureza das coisas que o cercam e colocá-las à sua inteira disposição. É uma questão de tempo, mas ele considera que, no final, a verdade estará acessível ao entendimento humano.

2.2 Um esboço do ser humano segundo Zubiri: a conexão ao Tempo

O ser humano sempre se interessou em tentar dar uma explicação à sua presença no mundo, constituindo esta preocupação uma constante ao longo da história do pensamento ocidental. Nos últimos anos, e como consequência da crise aberta na modernidade iluminista, tem havido filósofos que levantaram vários caminhos que propõem várias soluções para esta problemática, sempre tratada do ponto de vista filosófico-social.

O século XX começou com a tarefa de avaliar e superar a tradição iluminista racionalista, já iniciada no século XIX com a filosofia da suspeita. Embora a tarefa

crítica certamente comece com Descartes e tenha sido continuada por Kant, a crítica da própria modernidade, sua versão madura, o iluminismo, encontra entre seus representantes mais importantes Husserl e Heidegger.

Zubiri, paralelamente ao projeto hermenêutico, assume a crítica desses dois últimos pensadores, direcionando sua reflexão para a facticidade, a corporalidade, sensibilidade e mundanidade, o retorno às próprias coisas em definitivo. Mas Zubiri tenta ir além, buscando alternativas aos problemas que a pós-modernidade colocaria, superando a fenomenologia e o racionalismo e, finalmente, introduzindo sua teoria da inteligência senciente. A abordagem que foi feita anteriormente tentou introduzir a questão.

Se consideradas as propostas de diferentes pensadores, relativamente próximos no tempo, observa-se que vários caminhos se aproximam; e que pretendem explicar as questões do ser humano em relação a esse problema.

Especificamente, propõe-se uma base ou fundamento que serve para tentar explicar o que acontece com as sociedades em sua evolução e desenvolvimento. É possível analisar a seguinte proposição: a definição do ser humano, verdadeiro e único problema da ética, é o motor das variações históricas. A história política consistiu em uma série de lutas e esforços para definir o ser humano.

Os desafios enfrentados para tomar uma definição menos mística e razoavelmente mais filosófica sempre encontram em Zubiri um valente analista. O ser humano inteiro, que busca a verdade e que deseja lutar por ela, é o objeto de sua pesquisa, e tentaremos demonstrar como ele teria logrado algum sucesso em tal empreitada.

De acordo com essa proposta básica, as tentativas de conhecer a essência do ser humano explicariam a situação complexa em que ele se encontra, esse ser humano na sociedade atual, e, a dramática encruzilhada que ela representa no choque entre as diferentes visões e sensibilidades em relação a este problema eterno.

Assim, seria necessário lidar com a definição ou redefinição do que mais interessa, e essa questão de que, o que importa acima de tudo, é a própria essência do ser humano. Determinar, definir, compreender.

A essência do ser humano é fundamental para garantir que ele seja aquele que se constitui como o autêntico protagonista da mudança, e é capaz de construir o quadro de referência apropriado que permite abordar esta problemática. Por outro

lado, definir a essência humana tem sido uma constante ao longo da história do pensamento, e, é óbvio, que esta definição deve ser revisada com base nas variações que continuamente aparecem em nossa sociedade.

O ser humano, se aproveitaria da reconexão do Tempo “físico” que experimentamos, e propõe a santificar as horas do dia por meio da constante recorrência às orações perpetuadas pela Igreja através da Liturgia das Horas. Ele poderia experimentar essa “ausência” de uma humanidade fixada no Tempo, acessando uma forma de humanidade menos mundana e menos “humana” no que se poderia realçar como as “baixas paixões” tão bem definidas pela Teologia.

Partindo do pensamento zubiriano, se busca essa tal completude, e se esmera em saber-se pleno e partícipe da realidade, numa tentativa de afastar-se de uma alienação entorpecente e viciante, que é a própria – podemos dizer – definição do ser humano desarraigado hodierno, que mal compreende qualquer relação metafísica.

E esta pode ser a grande questão de hoje: o ser humano se sente dono de si, e, conseqüentemente, atraído pelo mundo. Sente-se possuidor de uma autonomia inquestionável, e mal suspeita que na maior parte do tempo é mais escravo que senhor. Mas, estando na realidade (está de pé, é de carne e osso) não sabe viver da realidade das coisas. Vê-se violentado por ela, mas busca anestesiá-la, na maior parte das vezes, sem nem perceber. Sente sua própria realidade, mas fica perdido numa pavorosa multiplicidade de ideias exatamente sobre o que é o ser humano!

Zubiri enfatiza que por ser animal de realidades, o homem é animal de ideais. Sua proposta de apreensão primordial da realidade é uma exigência, e não a simples e pura intencionalidade externa. Mas tais ideias, que supostamente pretendem realizar a pessoa propõem armadilhas que, para os mais desavisados, seguramente lhe entorpecem ainda mais a clareza de ser e estar no mundo, e absorver a realidade de maneira senciente e, - por que não? -, mais eficaz.

Esses novos ideais – falando de filosofias demasiadamente pretensiosas – são produzidos de forma acelerada em laboratórios de ideias culturais, religiosas, políticas, científicas... ditadas por supostos intelectuais de todos os tipos submetidos ao mercado. O ser humano, enfraquecido por não se saber pleno de consciência e com objetivos claros, deixa-se perder em enganos convenientes que lhe inflam o ego e lhe distanciam cada vez mais da realidade objetiva defendida por Xavier Zubiri.

Nesta situação, é tentador atribuir todos os problemas do nosso tempo às convicções relacionadas com alguns dos valores tradicionais da nossa civilização. E uma vez estabelecido que os valores tradicionais constituem a origem dos problemas que atualmente preocupam, a forma de resolver esses problemas seria propor uma determinada 'oposição' a esses valores tradicionais.

A moralidade platônico-cristã que é sistematicamente questionada e atacada e, em contrapartida, pretende oferecer e apoiar propostas de salvação, baseadas na socialização humana ou nas extraordinárias conquistas da cibernética, considerada como expoente máximo do desenvolvimento científico-tecnológico. Isso vale para outros valores e tradições que constituíram a espinha dorsal do esqueleto de nossa civilização ocidental. Respeito pelo honroso, reconhecimento do esforço e o trabalho dos notáveis, a dignidade do bem, do belo, do que é bem-feito, estão hoje sendo sistematicamente distorcidos por uma avalanche de direitos presumidos, nunca conquistados, mas obtidos gratuitamente, destinado a uma multidão insaciável e incapaz de agradecer generosamente o prazer de realização como resultado do esforço, simplesmente por nunca o ter feito.

Paralelamente, com a socialização do humanismo, assistimos a uma autêntica desvalorização da nossa sociedade, para uma destruição da análise sistemática dos pilares sobre os quais foi construído, é sustentado e garante a continuidade de nossa civilização ocidental. Entretanto, é verdade que, desde a chamada filosofia moderna, a conclusão e superação da metafísica nunca foram levantadas como processos de substituição ou eliminação, ou simplesmente oposição, dos valores tradicionais.

Propuseram, sim, uma 'transvaloração' dos valores atualmente válidos, o que implica uma liberação sobre a necessidade de valores acima, e uma verdadeira 'translocação' para estabelecer outro local de referência onde estão localizados os novos valores. Valores tradicionais residem no suprassensível, mas, após a inversão da metafísica platônica feita por Nietzsche, resumida com a conhecida frase: "Os deuses estão mortos, e agora queremos que viva o Super-Homem!"

Novos valores não podem ser localizados em nenhum outro lugar além do que seja sensível, isto é, no ser, em sua totalidade. Isso significa que é o ser humano, que, pela primeira vez na história, detém o domínio sobre todos na terra, aquele que tem que se esforçar para a transformação profunda, que permite a elaboração da nova tabela de valores e sua hierarquia.

É o ser humano, conseqüentemente, que é o responsável por redefinir sua própria essência, estabelecendo uma nova série de valores, começando de uma autêntica transvaloração e a determinação de sua hierarquia. E isto, o ser humano deve realizá-lo no lugar onde mora, na região do sensível, uma vez que o próprio ser humano eliminou a região do ultrassensível, eliminando Deus, o divino e as ideias.

Nesta situação, é necessário perguntar se esta operação pode ser realizada pelo ser humano no mundo moderno, condicionado e determinado pelos fundamentos da metafísica ocidental e que assistimos – impotentes e desconcertados – a sua conclusão e superação.

Conclusão

Nesse primeiro capítulo, foi apresentada, de forma sucinta e a título de introdução ao tema, uma biografia e um pouco do que pensou e escreveu Zubiri, sobretudo no que toca ao foco da nossa pesquisa.

Julga-se fundamental, pois a apresentação dos aspectos biográficos permite conhecer o contexto em que Zubiri produziu sua obra e como esse contexto influenciou-o. Abordou-se também a discussão do Tempo em Zubiri, a qual é parte do cerne da nossa dissertação.

Ao se abordar o que pensou e escreveu Zubiri, lançamos os alicerces necessários ao entendimento dos temas que serão discutidos nos capítulos seguintes.

O salmo 8 afirma que o ser humano é a joia da criação, e que o Criador sabe que deve cuidar da criatura de modo especial:

Que é o homem para dele te lembrares, e um filho de Adão para, para virdes visitá-lo? E o fizeste pouco menos do que um Deus, coroando-o de glória e beleza. Para eu domine as obras de tuas mãos, sob seus pés tudo colocastes (Sl 8,5-7).

Nada mais próprio do que é o ser humano que saber que, como foi investigado até aqui, não é próprio dele tamanha independência da Realidade, como a filosofia incompreendida parece sugerir.

Vimos como Zubiri se debruça sobre a possibilidade de adquirir algum conhecimento sobre o Quê, ou Quem, é essa realidade última, o substrato sobre o qual toda a realidade sensível que experimentamos – sencientemente – está

assentada, como investigar o tempo e a nossa inserção – ou imersão – nessa fantástica linha sucessória que posiciona o ser humano como incapaz de ir além de poucos passos, por maior seja a pretensão de explicar os fenômenos do universo.

CAPÍTULO SEGUNDO

2. Liturgia das Horas: Oração de Cristo e da Igreja

Com a correta utilização da Liturgia das Horas, é possível dizer que a assembleia se reúne, enquanto Igreja, para realizar a oração que Jesus dirigiu ao Pai. Como um bom judeu, Jesus rezava os salmos.

Na recitação de cada salmo, é possível perceber que a Igreja, comunidade dos batizados, faz, na oração, a experiência da salvação.

Não se pode esquecer que esta experiência de salvação tem sentido quando é inteligida sencientemente: porque parece bastante evidente que se pode pensar por qual razão o ser humano existe (e não existir porque se pode pensar), numa perspectiva da santificação das horas durante o dia, reconhecendo a presença de um Deus que é *parceiro* de seu povo; e, ao mesmo tempo, esse Deus e Senhor, que possibilita compreender o tempo como atualização da realidade. Contar, atualizar o tempo tendo como compasso a Liturgia das Horas.

Embora este estudo se fundamente também em abordar o pensamento muitíssimo evoluído do grande filósofo basco Xavier Zubiri, neste segundo capítulo, serão abordados os fundamentos bíblico-litúrgicos da Liturgia das Horas. Sua utilização ocorrerá sempre que for importante perceber como o acesso direto a Deus, que é a oração, foi tratado em sua perspectiva. Para isso, é importante fazer um paralelo da oração que os judeus apresentam a Deus com a oração cristã (BORÓBIO, 2000a, p. 268), considerando assim, as fontes e as origens da Liturgia das Horas.

1. A oração de Cristo

Pela graça do sacramento do Batismo, em que o ser humano é mergulhado na morte com Cristo, e a Ele se configura, para viver eternamente, o Pai e o Espírito Santo estabelecem um vínculo no mais profundo da humanidade, possibilitando esta comunhão com a Trindade, para que a Igreja esteja em permanente estado de oração.

Por ter sua raiz e fundamento nas Sagradas Escrituras, no Ofício Divino - como em outras celebrações litúrgicas -, também se atualiza o mistério da redenção, vivido

por excelência no mistério da Eucaristia e nos demais sacramentos e sacramentais, e celebrado na Liturgia das Horas.

A oração das horas é “a oração que Cristo, unido ao seu Corpo, eleva ao Pai” (SC n. 84). A Liturgia das Horas tem seu protótipo, o seu exemplar, o seu modelo no louvor interior, que caracteriza a vida trinitária. A oração nos introduz no dinamismo íntimo de conhecimento de amor que une, desde a eternidade o Pai e o Filho e o Espírito Santo” (AUGÉ, 2004, pp. 264-265).

No Filho, o Pai realizou sua obra de salvação. Entretanto, não sem o auxílio do homem, Deus determina que a humanidade continue, ao longo de sua peregrinação terrestre, a sua salvação e a sua redenção. Por isso, Deus instituiu, por meio de Jesus, estruturas humanas, nascidas no coração da Trindade, para que esta obra pudesse ser prolongada na vida da Igreja. Dentre tantos meios, temos a Liturgia das Horas como continuidade da obra começada por Deus Pai, em Jesus Cristo, no Espírito Santo. A autêntica senciência na compreensão destes mistérios que aparecem ritmicamente hora após hora.

Cristo, o Filho unigênito do Pai, eleito por Deus para resgatar e mostrar o caminho da verdade e da vida, orava. Segundo Aldazábal, nos comentários da Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas, corrobora o que foi dito anteriormente:

A melhor chave teológica para entender a Liturgia das Horas é a cristológica. Cristo é e continua sendo o Orador supremo diante do Pai. Ele é o sumo sacerdote e o mediador. Antes de tudo, pelo exemplo de oração intensa que nos deu em sua vida. Mas também, porque em sua atual existência gloriosa continua sendo o Orador supremo: em seu coração continua ressoando o louvor; “finalmente, ressuscitado vive e ora constantemente por nós”. É uma ideia que aparecerá várias vezes: Cristo assume em si a oração de toda a humanidade, sobretudo a da Igreja. Agora continua realizando o seu sacerdócio mediador (louvor-súplica) através de sua Igreja. Cristo está sempre presente na comunidade que ora. Por um lado, diz-se que a Igreja continua a oração de Cristo, que ora com os mesmos sentimentos com que orava o Divino Redentor. Mas, por outro, afirma-se que é Cristo o que ora, que a Liturgia das Horas é a voz sua, e não apenas da Igreja (ALDAZÁBAL, 2010b, pp. 29-30).

Não somente nos momentos de dificuldades, mas em todo o momento de sua existência, orava ao Pai, não por si mesmo, mas também por aqueles a quem o Pai havia confiado aos seus cuidados.

Para fundamentarmos esta afirmação, podemos recorrer às páginas das Sagradas Escrituras, mais precisamente, à oração sacerdotal de Jesus: “Pai santo, guarda-os em Teu nome que me deste, para que sejam um como nós. Quando eu estava com eles, guardava-os em Teu nome que me deste; guardei-os e nenhum deles se perdeu, exceto o filho da perdição, para cumprir-se a Escritura” (Jo 17,11-12).

Muitos detalhes nos informam que Jesus era fiel aos costumes religiosos de seus contemporâneos: participava “segundo o seu costume” das reuniões da sinagoga (Lc 4, 16; cf. Mc 1, 21); ao escriba que o interroga a respeito do primeiro de todos os mandamentos, responde citando o Shemá, como ele mesmo devia recitar: “Ouve Israel...” (Mc 12, 29-30). Refere-se à oração da nona (três horas da tarde, sem dúvida na parábola do fariseu e do publicano (Lc 18, 9-14) e, mais claramente ainda, quando criticam os hipócritas que rezam ostentadoramente nas esquinas das ruas (Mt 6, 5). Pronunciava também as bênçãos tradicionais dirigidas a Deus no momento das refeições, como nos foi expressamente relatado na multiplicação dos pães (Mt 14,9; 15,36 e paralelos), na última ceia (Mt 26,26 e paralelos), na refeição de Emaús (Lc 24,30). Recitava também os “hinos” com seus discípulos (Mt 26,30 e paralelos) (MARTIMOORT, 1992, pp. 152-153).

Diante destes relatos, constata-se que a vida de oração de Jesus não estava fundamentada tão somente nos costumes gerais da época. Nos evangelhos, detectam-se os vários momentos em que Jesus manifestava a sua necessidade de orar ao Pai. Para isso, Jesus necessitava se afastar da multidão. Em Lucas, pode-se evidenciar os gestos de Jesus, que manifestam a sua necessidade de orar, o qual traz consigo outro gesto significativo: a comunidade cristã que ora.

Desta maneira a atividade cotidiana de Jesus, segundo o testemunho dos evangelistas, aparece “muito ligada à oração”. Mais ainda como que brotava dela... até o fim de sua vida, já ao aproximar-se a paixão (Jo 12, 25s), na última ceia (Jo 17, 1-26), em sua agonia (Mt 26, 36-44 e paralelos) e na cruz (Lc 23, 34-46; Mt 27, 46; Mc 15, 34), o divino Mestre nos ensina que a oração foi sempre a alma de seu ministério messiânico e de sua passagem pascal (MARTIMOORT, 1992, pp. 152-153).

Não somente nos Evangelhos, mas em toda Escritura, pode-se encontrar diversos momentos em que Jesus dirige ao Pai a sua oração. Dias e noites em oração no deserto; no monte Tabor, quando diante de seus discípulos se transfigura. Cristo

exerce por meio da oração sua íntima comunhão com o Pai, manifestando por esse gesto de orar, a obra mediadora entre Deus e os homens. Neste gesto oracional de Cristo, a Igreja é capaz de perceber a humanidade de Jesus que, mesmo sendo Deus, sente a necessidade de estar em comunhão com o Pai, despojando-se de si para encher de sua graça, pelo Espírito Santo, o seio da Igreja: “Ele, estando na forma de Deus, não usou de seu direito de ser tratado como um deus, mas se despojou tomando forma de escravo” (Fl 2,6-7).

Até o fim da vida, já próximo da Paixão, na última ceia, em sua agonia e na cruz, o Divino Mestre nos ensina que a oração foi sempre a alma de seu ministério messiânico e do termo pascal da sua vida. Ele de fato “nos dias de sua vida terrestre, dirigiu preces e súplicas, com forte clamor e lágrimas, Àquele que era capaz de salvá-lo da morte. Foi atendido por causa de sua entrega a Deus” (Hb 5,7). Com sua oblação perfeita no altar da cruz, “levou a perfeição definitiva os que ele santifica” (Hb 10,14). Finalmente ressuscitado dentre os mortos, vive e ora constantemente por nós (IGLH n. 4).

Jesus nasce em meio a um povo profundamente marcado pelo desejo de orar, tendo sido um exemplo claro dessa experiência de oração viva. Os evangelistas são testemunhas do imenso patrimônio religioso cultural de Israel. Lucas, em seu evangelho, é testemunha ao iniciar o texto com a descrição de uma liturgia de oração, que acontecia no Templo de Jerusalém, no episódio da aparição do anjo a Zacarias (cf. Lc 1,8-23), e finaliza seu texto fazendo referência à participação assídua dos discípulos na oração do Templo, depois da ascensão do Senhor (cf. Lc 24,52-53).

A prática oracional de Jesus se fundamenta na tradição e costumes do culto do povo de Israel. Uma vez que os judeus eram um povo marcado fortemente pelo costume de se dirigir ao Pai em oração em determinados momentos do dia, Jesus assume essa prática, dando-lhe, porém, um novo sentido.

A novidade de sua mensagem central foi revelar o Pai em íntima e estreita relação com os homens de modo que pudessem chamá-lo de *Abbá*. Jesus assume o estilo oracional de seu povo, como judeu orante, e dá cumprimento às promessas. Ensina os discípulos a orar e escolhe lugares e ocasiões em conformidade com sua vida e obra (BORÓBIO, 2000a, pp. 279-280).

Jesus instituiu a oração cristã, pois Ele inaugura uma nova relação do homem com Deus. Jesus, ao ensinar seus discípulos a rezarem ao Pai, comunicava o

conteúdo da sua própria oração, que, depois repetida na boca da comunidade cristã, significará o próprio Jesus que continua a rezar junto com eles ao Pai.

Tendo Jesus sido obediente aos seus costumes de orar conforme a prática oracional de seu povo, nada o impediu de se mostrar livre e independente perante o culto do povo de Israel. Sendo um bom judeu, Jesus era piedoso, cumpria o que estava prescrito na lei: entretanto, a sua oração tem como característica própria demonstrar ao seu povo a necessidade de orar, para assim viver a alegria da comunhão com o Pai; seja na oração pessoal: “tu porém quando orares, entra no teu quarto e, fechando sua porta, ora a teu Pai que está lá, no segredo” (Mt 6,6), ou na oração comunitária: “pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou no meio deles” (Mt 18,20).

Cristo rezou através dos salmos. A oração em sua vida era algo de central, era a alma de sua missão. Graças ao evento pascal, a oração, por meio dos salmos, afirma-se como elemento formativo e propulsor de toda a sua ação messiânica e da sua obra de redenção, que carrega em si a paixão, morte, ressurreição. Esta é a primeira dimensão de toda a obra de Cristo: orar ao Pai sem desconsiderar a prática e o costume do povo de Israel.

Nos salmos, mais do que em outras páginas das Escrituras, percebe-se que a revelação não é complexo de afirmações e conceitos variados, mas constituiu em verdade um único tema, que se enriquece progressivamente, uma meditação muito profunda sobre verdades muito simples no começo, mas que em seguida se desenvolve gradualmente até formarem uma unidade orgânica e admirável, na qual se revela claramente um desígnio divino de salvação (AUGÉ, 2004, p. 268).

Pode-se encontrar três aspectos que são evidenciados na oração de Jesus:

1. Em toda a sua prática oracional podemos identificar a intimidade que Ele tinha com o Pai. A originalidade de sua oração está em mostrar para a comunidade a importância de seguir os seus costumes, que eram próprios da vida do povo de Israel, entretanto manifestado na intimidade e proximidade expressa na sua união com o Pai na busca da comunhão plena com sua vontade;
2. Em toda a sua praxe messiânica, Jesus, sendo por excelência o Filho Unigênito do Pai, por meio de sua oração, fez questão de manifestar a sua indignação perante os critérios do mundo, que enaltecem os poderosos e diminuem os

pequenos. Em sua intimidade com o Pai, em vista disso, Ele ora: “Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultastes essas coisas aos sábios e entendidos, e as revelastes aos pequeninos” (Lc 10,21).

3. Por fim, pode-se considerar o Reino de Deus como um aspecto fundamental que garante não só a Jesus essa intimidade com o Pai, mas aos seus discípulos, que ao longo da caminhada procuram viver a alegria de estar com o Mestre, sem se descuidar de viver a busca em colaborar com a construção do Reino no mundo: “Pai nosso que estás nos céus, santificado seja teu nome. Venha o teu reino” (Mt 6,9-10).

Para Jesus, orar era uma atitude própria de sua vida e discipulado, ou seja, fazia parte de sua missão:

Até o fim de sua vida, aproximando-se já a Paixão, na última Ceia, em sua agonia e na cruz, o divino Mestre nos ensina que a oração foi a alma de seu ministério messiânico e de sua passagem pascal. Pois Ele, “havendo oferecido nos dias de sua vida mortal orações e suplicas com grande clamor e lágrimas àquele que o podia salvar da morte, foi atendido por causa do seu reverencial temor” (Hb 5, 7), e com sua oblação perfeita no altar da cruz “consumou para sempre os santificados” (Hb 10, 14); finalmente, ressuscitado dentre os mortos, vive e ora sempre por nós (REYNAL, 1981, p. 283).

Estar no templo e, ao mesmo tempo, reconhecer que cada hora do dia tem o seu valor, fez da oração de Jesus o estar sempre em comunhão com o Pai.

Herdeiro da tradição do seu povo, Jesus certamente tomava parte no culto sinagoga em que se proclamavam leituras bíblicas, recitavam-se o Shemá e as bênçãos. Ao escriba que o interroga a respeito do primeiro de todos os mandamentos, responde citando o Shemá (cf. Mc 12, 29-30). Pelas inúmeras vezes que aparecem citações de salmos nos evangelhos, é possível deduzir o quanto esses lhe eram familiares: na última ceia (cf. Mt 26, 26 e 30); no momento extremo da cruz, à hora nona (cf. 27, 46); no encontro com os discípulos de Emaús depois da ressurreição (cf. Lc 24, 30). Orava em casa como todo israelita e participava “segundo seu costume” das reuniões da sinagoga (Lc 4, 16; cf. Mc 1, 21) (CARPANEDO, 2006, p.39).

Fosse uma oração de intercessão, de ação de graças ou de bênção, para Jesus, o importante estava no resgate da oração numa perspectiva de proximidade com o Pai, na busca da vivência do Reino, transformando assim a comunidade naqueles que são capazes de apresentar a Deus um culto em “espírito e verdade” (Jo

4,23). Portanto, diante de sua prática oracional, é que se pode afirmar: “Jesus Cristo é verdadeiramente o sacramento da oração cristã” (BORÓBIO, 2000a, pp. 279-280), que manifesta que a Igreja, por meio de sua oração, torna-se sacramento.

1.1 A oração

Ao falar de oração, recorre-se à prática que era muito comum entre os judeus. Para eles, ao que Moisés e os profetas afirmam, como sendo povo eleito, puderam todos, ao reconhecer que, no tempo, Deus se manifestou, e agiu em suas vidas... para que assim fosse possível tornar Realidade aquilo que se pode chamar de Transcendente.

Foi por meio da oração, que o povo escolhido por Deus pôde atravessar o Mar Vermelho a pé enxuto. Quando se depara com essa narrativa, pode-se ser levado a pensar que, apesar do cansaço que se apoderara dos que tanto ansiavam possuir a terra prometida, mesmo que esta análise brote somente do inconsciente. Aquele povo tinha a sensibilidade de entender e sabia que, o tempo, embora parecesse tão longínquo, era superior ao espaço. Era como se o tempo fosse algo concreto, palpável: a oração ouvida no profundo de uma oração coletiva que não era também formal, não existia ainda a religião. Mas diz a escritura: “Vós mesmos vistes o que eu fiz aos egípcios, e como vos carreguei sobre asas de águia e vos trouxe a mim” (Ex 19,4).

A sensação de ter sido alcançado por um deus que mal conheciam e que os libertaram da escravidão sem que tivessem que pagar nada por isso criva no povo hebreu essa garantia que só pode ser experimentada, daqui por diante, por meio da oração. Deus, por abstrato que fosse, “fez maravilhas para nós!”

Bem se sabe que o ser humano traz dentro de si uma certa inquietação. Para o povo eleito, para os cristãos, e para os que acreditam em Deus, as palavras de Santo Agostinho traduzem bem o que se pode chamar de inquietação presente no coração do ser humano: “porque nos criastes para Vós e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousar em vós” (AGOSTINHO, 2014, p. 27).

Surge uma questão: qual caminho seguir para acalmar essa inquietação interior? Os judeus encontraram, na recitação dos salmos, um caminho seguro de

experiência com o transcendente. Na salmodia, puderam os primeiros pais santificar o tempo e a vida interior. A oração é uma conexão do humano com o divino.

Acredita-se que numa perspectiva filosófica, sob a orientação de Zubiri, ao afirmar que o ser humano não é só temporal, mas também é tempóreo, apreende-se, daí, o motivo pelo qual o ser humano sente essa necessidade, isto é, uma inquietação de se conectar com o transcendente. A oração é uma via segura para que o ser humano possa entender – mas de maneira senciante – e, assim, poder viver essa conexão.

Esta foi a prática de oração do povo de Israel. Ao se falar de oração, recorre-se ao testemunho da experiência de fé desse povo, que é tocar a ação de Deus no mais profundo da sua vida; afinal, a fé era a base para a celebração dos eventos salvíficos. A oração era parte constitutiva da identidade e razão de ser daquele povo.

Pode-se imaginar a alegria que este povo recebeu ao perceber, que mesmo frente aos desafios que viveram, puderam "sentir" que Deus estava com eles. Numa linguagem litúrgica: o povo de Israel "fez memória" para recordar os feitos que Deus realizou em suas vidas.

No Antigo Testamento constantemente encontramos as palavras hebraicas *zeker*, *azkkará* e *zikkaron*, que entre outros significados podem ser traduzidos por: recordar, sacrifício memorial e memorial celebrativo; os três termos resumem em si a expressão cultural do povo de Israel. Na celebração memória, o judeu revive a aliança feita com Deus, eis um povo que reza a partir dos acontecimentos históricos (SANTANA, 2010, p.3).

A oração judaica está centrada na história religiosa de seu povo. Torna-se inconcebível para o povo de Israel um diálogo com Deus sem referência às suas ações na história. Deus age sempre na história. Seja esta história de conquistas ou de perdas. Para Israel "Deus é o mistério da sua eleição e história, é o diálogo com o seu povo ao qual se revela e em cujo meio permanece, e é quem age prodigiosa e silenciosamente com suas intervenções" (BORÓBIO, 1993b, p. 268).

A experiência religiosa do povo eleito, ou seja, Israel, nasce de um conhecimento profundamente marcado pela recitação dos salmos. Bem sabemos que o chamado que Deus faz a Israel se dá no cumprir os mandamentos, isto é, a Lei, ou *Torá*. "Escuta Israel! O Senhor nosso Deus é o único Senhor" (Dt 6,4).

Para os judeus, orar quer dizer um momento privilegiado de encontro com Deus, em que quem ora não só fala d'Ele, mas também se apresenta diante d'Ele com uma súplica, um agradecimento, uma prece.

Ouvir e obedecer! Eis aí a vocação por excelência do povo de Israel que encontra o sentido de sua existência em Deus, por meio da oração encarnada na história.

Deus não é, na história de Israel, objeto de reflexão, mas sujeito de interpelação. A oração constituiu espaço feito de silêncio e palavras, música e movimentos, escuta e resposta, narração e canto, ações e ritos; é o espaço histórico privilegiado em que Israel experimenta seu encontro com *lahweh* chegando ao mesmo tempo a compreender a missão a que foi chamado (BORÓBIO, 1993b, p. 269).

Resumindo, o povo escolhido por Deus proclama: "Bendito seja o Senhor Deus de Israel, bendito seja o Deus do povo eleito". Mesmo frente às situações de desespero Israel acolhe o Deus bendito que olhou em favor de suas necessidades. Por isso, a oração de Israel se dá no fazer memória de sua trajetória, possibilitando assim que sua história, fortemente marcada por alegrias e tristezas, se torne memória em sua oração.

O exílio marca uma virada decisiva na história de Israel. O evento faz aprofundar na fé e voltar à fidelidade à aliança. O grão semeado com lágrimas no desterro dará colheita e novos frutos. O povo de Deus experimentou que o pecado era obstáculo à intimidade com *lahweh* e produzia ruptura entre Deus e o homem. A confissão do pecado preparou a conversão do coração e abriu perspectivas de um novo êxodo (BORÓBIO, 1993b, p. 272).

Nesta base, Israel organiza sua vida de oração em três ritmos: diário, semanal e anual. No ritmo semanal a honra se deve ao sábado, e a referência da memória é o descanso de Deus no sétimo dia. No ritmo anual, são as festas que marcam o tempo de fazer memória dos eventos de Deus na história: a Páscoa em memória do Êxodo e Pentecostes em memória da aliança. No ritmo diário, a atenção é dada às horas: duas vezes por dia, pela manhã e pela tarde, o piedoso israelita suspendia suas atividades, onde quer que estivesse, e elevava a Deus uma prece de ação de graças pelos benefícios recebidos na história do povo.

O povo de Israel orava duas vezes ao dia, unindo-se ao sacrifício *Tamid* de Jerusalém, ao amanhecer e ao entardecer. A oração da tarde consta, por exemplo, em Esdras 9,5; Dn 9,21; Jd 9,1; Sl 140,2 etc. A oração da manhã atesta-se também em muitos textos bíblicos, como 1Rs 18,36; Sl 5,4; 17,15; 88,14; 118,47; Jd 12, 5-6; Sb 16, 28. Em relação a esse sistema binário de prece existia a obrigação estrita de confessar a fé mediante a recitação do *Shemá* (BORÓBIO, 1993b, p. 277).

O *shemá* matutino tinha como conteúdo os benefícios de Deus, na história em geral, mas sobretudo, os benefícios da aliança no Sinai e de todas as alianças de Deus com o seu povo. O Louvor matinal era, portanto, uma celebração diária da vida, da experiência pascal, despertada na experiência de um novo dia.

Ouve ó Israel: lahweh nosso Deus é o único lahweh! Portanto amarás lahweh teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua força. Que estas palavras que hoje te ordeno estejam em teu coração. Tu as inculcarás aos teus filhos, e dela falarás sentado em tua casa e andando em teu caminho, deitado e de pé. Tu as atarás também em à tua mão como um sinal, e serão como um frontal entre os teus olhos; tu as escreverás nos umbrais da tua casa e nas tuas portas (Dt 6,4-9).

O *shemá* vespertino: assim se chamava o Louvor da tarde, era a ação de graças pelas maravilhas operadas pelo Senhor na Páscoa da libertação do Egito e a Travessia do Mar Vermelho. O conteúdo eram os benefícios da tarde.

Na liturgia da manhã a reza do *shemá* é precedida de duas *berakot* (ou *berakah*) e seguida de uma, enquanto que na liturgia da tarde é precedida de duas *berakot* e seguida também de duas. Ao todo se trata de sete *berakot* que os rabinos gostam de juntar ao versículo 164 do salmo 119, onde se lê: (eu te louvo sete vezes) (SANTE, 2004, p.77).

Em síntese, o judeu do Antigo Testamento percebia o tempo diário como manhã e tarde. Nesta experiência, vivia-se um processo de passagem das trevas para a luz, da noite para o dia, da tarde para a manhã. Esta era a experiência, um sinal da Páscoa do povo de Israel da escravidão do Egito para a posse da Terra Prometida, por obra de Deus.

Os judeus, para celebrar a aliança de Deus selada com o povo ao longo do dia, louvam e bendizem o Senhor por ter olhado o seu sofrimento e, ao mesmo tempo, numa forma de bênção e súplica, celebra na oração da manhã e da tarde o grande

acontecimento salvífico, que para os judeus é essencialmente a libertação do povo da escravidão do Egito.

Todo memorial tem para os judeus três direções. Olhar o passado, projetando-o, porém, para o futuro com a espera escatológica e sentido que o acontecimento histórico e o futuro se concentram no “hoje” da celebração. Isto acontece, sobretudo na páscoa. O presente é continuidade com o passado e antecipação do futuro. Por isso o memorial é entendido como atualização do acontecimento histórico e recapitulação de toda história da salvação. A comunidade entra na dinâmica deste memorial, sentindo-se contemporânea dos fatos passados e destinatária dos bens futuros. O memorial ritual, cútico perpetua a presença do acontecimento histórico (ALDAZABAL, 2002, p. 44).

Tendo o povo de Israel passado pela experiência do êxodo, tornou-se assim fortemente marcado pelo costume de dirigir a Deus, em determinados momentos do dia, a oração em sinal de gratidão ao Pai por ter olhado em favor de seu povo. Essa prática oracional estabelecida pelos israelitas é observada por Jesus e pelos primeiros cristãos.

1.2 O Cristo orante

Como fundamentação bíblica da oração que Jesus dirigia ao Pai recorre-se ao Dicionário de Liturgia que -- indica que toda Sagrada Escritura é, por excelência, um livro de oração, desde o relato do primeiro ato criador de Deus no Gênesis até o último clamor orante da Esposa no Apocalipse.

Quando se olha para a prática de oração de Jesus, pode-se concluir que, em todos os momentos, a sua vida se traduzia na vivência de comunhão com o Pai. Nos salmos, Jesus encontrou forças para levar à frente a missão que o Pai lhe confiou: anunciar o Reino e chamar todos à conversão.

Nas páginas dos evangelhos, encontram-se diversos momentos da vida de Jesus mergulhado na oração, que assim procedia para tomar decisões e, para viver na comunhão perfeita de amor com o Pai e o Espírito.

Bem se sabe que, na oração, é possível se conectar com o transcendente. Sem dúvida alguma que, embora Jesus estivesse próximo dos discípulos – e, por diversas vezes, a multidão o comprimia, porque d’Ele saía uma força extraordinária (cf. Lc 6,12-

19), o Mestre entendia que uma boa oração tinha sentido quando inteligida na perspectiva da solidão: o contexto do início da quaresma, o evangelho das tentações... *la solitud* de um retiro espiritual.

Para Jesus, a solidão era uma oportunidade de tornar ainda mais eficaz a sua comunhão com Aquele que o enviou ao mundo para que todos tivessem vida, e vida em abundância (cf. Jo 10,10).

Neste sentido, ao se falar do Cristo orante, não se pode desconsiderar o caminho espiritual que Jesus escolheu para viver a intimidade com o Pai. Concretiza-se, na vida de Jesus, o que Ele mesmo indicou aos seus:

Quando orardes, não sejais como os hipócritas, que gostam de orar nas sinagogas, e nas esquinas das praças, em posição de serem vistos pelos outros. Em verdade vos digo: já receberam a sua recompensa. Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto, fecha a porta e ora ao teu Pai que está no escondido, e o teu Pai que vê no escondido, te dará a recompensa (Mt 6,5-6).

Eis a prática do Cristo que ora ao Pai: na oração, Ele reconhece que o caminho da solidão é o indicativo para que os que pedem possam alcançar o que Ele mesmo chama de *recompensa*. Mas, então, a Liturgia das Horas cobre esse momento de intimidade, de solidão, mesmo que seja (e deve ser) praticada em comunidade?

No discurso das bem-aventuranças (Mt 5, 1-11), isto é, no projeto de vida que Jesus entrega aos doze e à multidão que se sentou para escutá-lo, deve chamar a atenção duas indicações do conjunto do que aqui já se chamou, anteriormente, de projeto de vida para os discípulos-missionários de Jesus. São elas:

Felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus. Felizes sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo mal contra vós por causa de mim. Alegrai-vos e exultai, pois será grande a vossa recompensa nos céus. Pois foi deste modo que perseguiram os profetas que vieram antes de vós (Mt 5,3;11).

Ao chamar aos seus de pobres, Jesus indica que o caminho da pobreza é aquele em que se reconhece que o que tudo nessa vida flui é uma espécie de liquidez. E, para enfrentar essa realidade, se faz necessário ter uma vida oração. No testemunho do Cristo orante, e, portanto, na vida de oração, o ser humano pode encontrar sentido para a sua existência e, ao mesmo tempo, reconhecer que embora

o tempo cronológico se faz frágil e limitado, no tempo *kairológico* é possível eternizar a imutabilidade de Deus na vida humana.

Ao se falar de imutabilidade não se quer desconsiderar a importância que o tempo tem para o ser humano. Ao contrário, se é possível reconhecer que Deus é imutável, pode-se concluir que, na oração, o ser humano, no escondido do seu quarto, conecta-se com transcendente; mas, resta evidente, reconhecer que se eterniza o tempo de Deus no quotidiano da vida.

Zubiri arrisca-se a formular uma ideia de Vida Eterna que aqui pode ajudar a compreender como Jesus entendia a Oração como parte de uma vida integral, a mesma que ele experimentara por toda a eternidade e a mesma que devemos experimentar desde já aqui na terra:

Estamos habituados a pensar que “la otra vida” deja de ser lo que es esta vida, pero no se insiste en que fundamentalmente no hay más que una vida, divinamente vivida de dos maneras distintas: una teniendo hambre, sed, etc., y otra contemplando a Dios por toda la eternidad. No son dos vidas; es la misma vida vivida de distinta manera. Vivir es poseerse. Aquí, poseerse en la gracia; en la gloria, poseerse en Dios. No es una vida después de otra; es una misma vida divina (ZUBIRI, 2012f p. 179).

Cristo, ao orar ao Pai, considera a importância de estar atento às questões que inevitavelmente envolvia o tempo. Prova disso é que, logo após Jesus ter orientado aos seus seguidores sobre a importância de orar na solidão, Ele ensina, por assim dizer, a mais perfeita oração, que orienta a todos a fazer a vontade de um Deus que está nos céus, mas que também se faz presente na terra:

Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome; venha o teu reino; seja feita a tua vontade, como no céu, assim também na terra. O pão nosso de cada dia dá-nos hoje. Perdoa as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos que nos devem. E não nos introduzam em tentação, mas livra-nos do maligno (Mt 69-13).

Esta oração pessoal pode também ser rezada de forma comunitária. É por isso, que em todos os sacramentos e sacramentais, não se exclui a oração deixada por Jesus aos seus discípulos.

Como mencionado anteriormente, Jesus herdou de seu povo costume de orar. Esta oração, sem sombra de dúvida, era sistematizada conforme a prática de seu povo. Santificar as horas do dia, através da oração dos salmos, para Jesus era poder

estar em plena sintonia com as coisas do Pai. De um Deus repleto de poder que não se afasta de seus filhos. Um Deus, que feito homem, ensina a todos que o caminho da santidade, perpassa pela experiência de atualizar no tempo, aquilo que nele o ser humano pode encontrar de mais sagrado: o sentido da própria existência.

Neste sentido, sem sombra de dúvida, o ser humano recebe do testemunho de Cristo, que, ao orar ao Pai, ensina aos seus que o caminho da perfeição pode ser estabelecido, quando, da oração pessoal, brota o desejo de se rezar em comunidade.

Embora este estudo não tenha por objetivo apresentar qual era o método que Jesus utilizava para orar, considera-se importante lembrar que a sua prática de oração tinha raízes na prática do povo judeu. Ou seja, em determinados momentos do dia, como um bom judeu, Jesus recitava os salmos.

1.3 A oração dirigida a Alguém

Neste ponto, pretende-se indicar – a título de sugestão – o pensamento que fundamenta o termo "verdade" na filosofia da religião de Zubiri para mostrar que o filósofo espanhol elevou o acesso a Deus a partir do conceito hebraico de Verdade. O universo semântico da verdade no mundo hebraico está relacionado à fidelidade, confiança, segurança, força, refúgio, plenitude, fundamento. Zubiri usa isso em seu horizonte de pensamento sobre o acesso a Deus. Por esta razão, escrever sobre essa ideia é necessário para que seja claramente percebida. É necessário, então, voltar aos seus escritos anteriores para entender o alcance da verdade religiosa. Apenas são resgatados alguns aspectos, que chamaram a atenção, no tocante ao seu conceito de verdade religiosa.

O lugar natural em que o hebreu vive é sua cidade. Daí o judeu comum ver o mundo através dos modos da sua existência pessoal. O olhar do fiel hebreu é de pessoa para pessoa. Você não pode ignorar os outros em sua vida. Todos os relacionamentos são pessoais. Assim também será com Deus. O termo "verdade" é inserido no campo das relações pessoais!

Isso é importante, porque a verdade não é o objeto primário da epistemologia, mas da vida pessoal da comunidade e da experiência religiosa: os outros, são seus vizinhos. E com esse vizinho pode-se contar ou não na vida; ele é fiel ou infiel à sua palavra; você pode apoiar, encontrar ou não um 'sim' a este suporte.

Esse fundar-se, ou apoiar-se em alguém é chamado do hebraico *'haman*, que, em sua forma passiva, significa ser fundado, ser sólido, firme. E daqui vem a palavra *'emunah*, que significa firmeza, segurança, confiança⁵.

A verdade é, assim, apresentada ao hebreu como fidelidade, cumprimento de uma promessa, veracidade. É verdadeiro quem é fiel, quem cumpre o que promete, em quem se pode confiar porque não decepciona nem retrocede. A base dos relacionamentos é fidelidade à palavra dada que é, por sua vez, promessa e certeza de cumprimento.

O hebreu interpreta toda a realidade a partir dessas categorias pessoais de fidelidade à promessa. "A pedra 'é' dura, quer dizer: a pedra permanecerá. A verdade não é, assim, um atributo do presente, mas uma promessa do futuro, o mesmo no caso de homens ou das coisas. O verdadeiro amigo, como a verdadeira pedra preciosa, é o amigo que se comportará como tal e a joia que não perderá o brilho.

A verdade é demonstrada na vida como o cumprimento do que foi prometido. A verdade afirma confiança de que as coisas serão como foram ditas. Então, confiança é espera, é um impulso para um futuro em que o que foi dito será como foi dito. A verdade não é algo que se diz, mas algo que se faz, e pertence, não a um presente, mas é para um futuro. É um acontecimento porque é uma ação que certifica o que foi prometido e isso justifica a espera.

A oração, a partir dessa conceituação, é uma espécie de "esclarecimento" do que já está posto. O orante usa suas palavras dirigidas ao Senhor Todo-poderoso não como uma espécie de aposta, mas como uma confirmação de que o que foi prometido será integralmente cumprido, no sentido de que a atualidade é um *dar de si*, como nos ensina Zubiri. A realidade não é mais que o estar imerso na promessa do Criador, poderoso para cumprir exatamente o que prometeu. Deus É a realidade, não há nada fora dela, a despeito da natural impaciência humana, em que o porvir parece etéreo demais. Mas Deus não decepciona porque é a única realidade e nele o ser humano se move e é, como diz o apóstolo.

La realidad absolutamente absoluta es una realidad de absoluta concreción. Dios no es un vaporoso absoluto, porque no es «lo» absoluto sino «la realidad» absolutamente absoluta. Y esta realidad es concreta. No se trata de tomar lo concreto como contrapuesto a lo

⁵ Da página Shema Ysrael disponível em <https://shemaysrael.com/fe-emunah/>. Acesso em 06/03/2023.

abstracto, sino como absoluta concreción primaria. No es realidad concretizada sino absolutamente concreta (ZUBIRI, 2012f, p. 91).

A oração perfaz o meio para imersão nessa realidade, que é o Senhor. O salmista diz: bendirei o Senhor em todo o tempo, na minha boca sempre o Seu louvor (Sl 34). Durante todo o tempo, a oração é uma conexão temporal e metafísica porque Deus é o fundamento de toda a realidade.

Dios tiene que ser el fundamento del poder de lo real. Por tanto es *eo ipso* un fundamento último, posibilitante e impelente. Por la vía de la religación, si llegamos a Dios, habremos llegado pues a un Dios en tanto que Dios. Dios no es sólo una causa primera, un primer motor inmóvil, etc. A un Dios así, nadie le dirigiría una plegaria, una oración. La célebre exclamación “*tu causa causarum miserere mei*” (oh tú, causa de las causas, compadécete de mí) carece de sentido formalmente teologal. La vía que hemos emprendido evita a *limine* la disociación entre la ultimidad por un lado y la posibilitación e impelencia por otro, precisamente porque el poder de lo real tiene a una y formalmente esos tres momentos: es la idea de un Dios en tanto que Dios (ZUBIRI, 2012f, p. 71).

Diante disso, pode-se inferir que, a partir do testemunho de oração de Jesus, a Igreja procurou estabelecer tempos fixos para fomentar a prática comunitária da oração, ligando o memorial da Páscoa do Cristo às horas do dia.

É a Liturgia das Horas que, mesmo passando por diversas transformações no decorrer da história, sempre em sua essência, proporcionou à Igreja momentos celebrativos, em que cada hora fosse santificada.

A Liturgia das Horas não nasce a partir do simples desejo humano, mas como resposta à insistência de Jesus de rezar sem cessar. O próprio Jesus e os primeiros discípulos eram judeus, e traziam desta tradição a prática secular de orar nas horas dia.

A raiz da Liturgia das Horas, como um modo específico de orar da Igreja, tem o seu início determinante nas práxis de Jesus, e das primeiras comunidades cristãs: “eles mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, a comunhão fraterna, à fração do pão e às orações” (At 2,42).

O costume de orar no ritmo das horas vem de muito longe. É um hábito presente nas tradições das grandes religiões, faz parte de tradições indígenas e é muito forte nas comunidades judaicas de onde vieram Jesus e seus primeiros discípulos e discípulas. Na tradição judaica a

vida espiritual gira em torno de três ritmos: as festas anuais ligadas às estações, o *shabat* sagrado a cada semana e a oração cotidiana acompanhando determinadas horas do dia (CARPANEDO, 2006, p. 37).

Na *Didaké*, o primeiro documento escrito provavelmente entre os anos 90 e 100 d.C, na Síria oriental, faz-se alusão, entre tantas coisas, ao modo de celebrar determinadas horas da oração cristã. Encontra-se, no capítulo VIII, entre os números 2-3, o mandato de rezar três vezes ao dia a oração do Pai-Nosso: “Assim rezai três vezes ao dia” (DIDAKÉ, 1970, p. 19).

Segundo este catecismo dos primeiros cristãos, a observância judaica da oração realizada por três vezes durante o dia manteve-se, mas com seu conteúdo substituído pela oração do Pai-Nosso. Não fica claro no documento se a oração devia ser comunitária ou pessoal como acontecia na sinagoga, porém:

A prescrição de rezar o Pai-Nosso três vezes ao dia parece referir-se à oração particular ou familiar, não a oração em assembleia litúrgica. Tal prática nos mostra como a oração do Senhor logo se tornou a oração predileta da cristandade, centro da piedade e da vida dos cristãos (DIDAKÉ, 1970, p. 50).

Identifica-se ainda, nos relatos apresentados pelos padres da Igreja, a preocupação maior nesses primeiros séculos é dar à oração dos salmos uma característica horária, tendo como fio tênue as passagens bíblicas, dando um sentido teológico profundo ao mistério da oração, relacionando-a ao mistério redentor de Cristo que orou desta forma.

Nos três primeiros séculos da era cristã, encontra-se uma Igreja que tem por preocupação viver a alegria da oração em comunidade, que faz memória do povo da primeira aliança, que rezava em determinadas horas do dia; principalmente de manhã, à tarde ou à noite, para recordar os feitos que o Pai realizou em suas vidas pela Vida, Morte e Ressurreição de Jesus.

A grande preocupação da Igreja, nos três primeiros séculos, era dar à Liturgia das Horas uma característica horária, baseada nas passagens bíblicas, dando um sentido teológico profundo ao mistério da oração, relacionando-a ao mistério redentor de Cristo.

Porque há de ser feita uma religação. E uma vez reconectados ao Deus Pai Criador, a oração flui como um manancial que sustenta e estabelece essa conexão.

A experiência, todavia, há de ser pessoal, no sentido de que essa relação acontece entre seres pessoais, entes, no sentido de que – mesmo se dirigindo ao Absoluto – tem-se a nítida sensação de que “fala-se” com alguém real e ouvinte, capaz de ouvir a petição, como nos diz um outro salmo que garante que “o Senhor inclinou o Seu ouvido” (Sl 116).

Zubiri apresenta as nuances dessa religião, da reconexão a Deus total que ele pretende investigar quando diz:

El problema de la realidad de Dios, decía al comienzo de este capítulo, no es un problema meramente teórico sino personal. Por esto el punto de partida y la base de la discusión es la religación como hecho total y como raíz de la construcción de mi Yo. Esta religación es una experiencia, esto es, una probación física, alguno de cuyos caracteres es conveniente recordar ahora, aun a trueque de morosas repeticiones. Ante todo, la religación es algo que nos lleva forzosamente a tener que hacer nuestro Yo. En la religación somos llevados a hacer nuestro Yo. En segundo lugar, somos llevados físicamente, esto es, no se trata de una marcha meramente conceptual, sino de una marcha real y física de nuestra persona. En tercer lugar, somos llevados físicamente, pero de un modo problemático. La religación es la experiencia misma del problematismo de nuestro ser; es un problema físicamente problemático. Ahora bien, este problema físico es justo lo que es preciso explicar ahora: es el problema de Dios. [...] Justificar la realidad de Dios no es montar razonamientos especulativos sobre razonamientos especulativos, sino que es la explicación intelectual de la marcha efectiva de la religación. Es una explicación intelectual: por tanto no puede menos de envolver un momento de fundamentación. Es la explicación de una experiencia que estamos *experienciando* físicamente; por tanto tiene siempre esa resonancia de problema, propia del carácter de la vida personal (ZUBIRI, 2012f, pp. 71-72).

2. Oração da Igreja

Na Liturgia das Horas, celebra-se a Páscoa, que é o Memorial de Jesus, manifestada na oração da Igreja. Jesus realizou plenamente a Vontade do Pai e a Ele dirigiu Sua oração, exortando a fazer a mesma coisa.

Jesus mandou que também fizéssemos o que Ele mesmo fez: “Orai”, disse muitas vezes, “rogai”, “pedi” “em meu nome”. Deixou-nos também uma forma de rezar: a oração dominical. Instituiu na

necessidade da oração, que deve ser humilde, vigilante, perseverante e confiante na bondade do Pai, com intenção pura e conforme a vontade de Deus (IGLH n. 5).

Para que haja comunicação entre Deus e os seres humanos pela participação na Liturgia das Horas, é preciso observar que o exercício da oração da Igreja é, na verdade, o exercício do sacerdócio de Cristo, e nela se realiza a santificação do gênero humano.

Por ser dirigida a Deus, a oração deve necessariamente ser vinculada a Cristo, Senhor de todos e único Mediador. Unicamente por Ele temos acesso a Deus. De tal maneira Ele incorpora a si toda a comunidade humana, que existe íntima relação entre a oração de Cristo e a oração de todo o gênero humano. Em Cristo, e só nele, é que a religião humana alcança o seu valor salvífico e sua finalidade (IGLH n. 6).

Eis aí a natureza da Liturgia das Horas: oração entendida e concebida de forma a santificar as horas do dia, tornando-se assim expressão da oração de cada fiel que ora, sejam eles clérigos ou leigos. É uma oração de Cristo, dada por Ele a sua Igreja.

Se é verdade que a oração, feita por qualquer cristão ou por qualquer grupo de crentes, é assumida como própria pela Igreja, é também verdade que somente a Liturgia das Horas manifesta plenamente toda a Igreja orante como tal e a sua permanência constante na oração, e somente ela realiza da forma mais espontânea e consentânea às pessoas e aos lugares. Esta oração é a mesma que a Igreja já considera como sua por um título especial, isto é, como Corpo Místico total de Cristo (BORÓBIO, 2000a, p. 265).

O Corpo Místico de Cristo, que é a sua Igreja, através da salmodia, apresenta ao Pai, por Jesus no Espírito Santo, o cântico de louvor, assumindo assim a sua missão sacerdotal que garante à comunidade o louvar sem cessar: o Cristo que pede ao Pai pela salvação do gênero humano.

Por este motivo, a Liturgia das Horas, como toda ação litúrgica, não é propriedade particular dos clérigos, monges, ou até mesmo de um grupo de pessoas, mas é próprio da comunidade e, portanto, pertence a todo o Corpo da Igreja:

Agora a comunidade eclesial cumpre o mandato da oração: o ensinamento de Cristo e dos Apóstolos. Embora todo o gênero humano, em sua oração, de algum modo esteja unido a Cristo, é a comunidade eclesial quem particularmente associa Cristo a sua própria oração. A bela citação de Santo Agostinho serve para

descrever esta unidade de perspectiva: a Liturgia das Horas é ao mesmo tempo oração de Cristo e da Igreja, oração a Cristo e por Cristo e de Cristo. O sujeito desta oração já aparece claro: é a própria comunidade, coisa que depois será especificada mais insistentemente. A oração em comum é mais coerente com a própria identidade da Igreja e da Liturgia das Horas: “a celebração comunitária manifesta ainda mais claramente a natureza eclesial da Liturgia das Horas”; “não é ação particular, mas algo que pertence a todo corpo da Igreja e o manifesta e atinge”. Por isso o povo cristão será convidado várias vezes à oração em comum da Liturgia das Horas. A visão teológica é que a comunidade eclesial exercita o sacerdócio mediador, unida a Cristo. E tudo isso, pela ação do Espírito, tanto em Cristo quanto na Igreja (ALDAZÁBAL, 2010b, pp. 29-30).

Todavia, sendo esta oração pública presidida pelo bispo, ladeado de seus presbíteros, que estando à frente de uma assembleia reunida, manifesta a unidade e apostolicidade da Igreja.

Portanto no Ofício Divino, como em toda a liturgia, “Cristo sempre associa a si a Igreja”, e por meio da Igreja continua no mundo a sua obra sacerdotal. A eclesialidade da Liturgia das Horas não está ligada ao mandato jurídico que algumas pessoas recebem, mas está fundada no fato de que a ação litúrgica da Igreja pertence à comunidade cristã e manifesta seu profundo anseio de oração (BORÓBIO, 2000a, p. 266).

A Oração da Igreja manifesta o mistério da salvação e aliança que o Pai fez com o povo, concretizando plenamente essa aliança em Cristo Jesus que comunitariamente permite à comunidade orante reconhecer que a Deus: “aprouve santificar e salvar os homens não singularmente, mas constituí-los num povo que o conhecesse na verdade e santamente o servisse” (LG n. 9).

A experiência espiritual da Oração da Igreja assume um caráter histórico e profético de anúncio, enquanto permite que a comunidade reunida que “tem oração” – como exortava Santa Teresa de Jesus – seja conduzida ao mistério salvífico dos acontecimentos da história do povo de Deus, especialmente da vida de Cristo, e da própria vida pessoal e comunitária. O que se reza na Liturgia das Horas é o que se celebra na vida, em cada hora do dia.

Nota-se que a concepção zubiriana para uma necessidade de construção do EU passa forçosamente pela prática contínua da oração, quer pessoal, quer comunitária. A Liturgia das Horas não dispensa as “morosas repetições”, como

assinalara Zubiri, mas se utiliza delas justamente para marcar a força de uma oração ordenada e amparada plenamente pela Igreja, em todos os tempos.

Para uma melhor prática do Ofício como oração pública da Igreja, é necessária uma revisão dos ritos, ou seja, é preciso resgatar a nobreza e a simplicidade da oração, proporcionando à comunidade o celebrar os fatos da vida, para que a Igreja em oração possa desempenhar a sua participação, e assim a liturgia possa cumprir a sua função: ser cume e fonte da piedade dos fiéis e alimento da oração pessoal (cf. SC n. 90).

A eclesialidade da Liturgia das Horas não é delegada como um mandato jurídico que alguém recebe, mas é fundada sobre o fato de que a oração litúrgica da Igreja parte da comunidade cristã e exprime sua profunda adesão à oração.

A oração da Igreja, portanto dos batizados, é a mesma do Cristo, chamada oração corporativa, preciosa, diferente da simples oração humana, porque ela é assimilada àquela do Cristo, por isso chamada corporativa.

Com a estruturação da comunidade primitiva, a oração passa a ocupar lugar central na vida e missão dos primeiros cristãos. Unidos em oração, eles deixaram um legado para toda a Igreja que, ao longo dos séculos, será desenvolvido entre riquezas e sofrimentos, acertos e erros.

Faz-se mister destacar aqui, lamentavelmente, a expansão de um conceito tipicamente protestante de que a oração deve ser puramente espontânea e que a guarda de fórmulas e recitações prontas e padronizadas nada têm de valor em si, porque seriam meras palavras decoradas ou repetidas sem valor “teológico”, como se costuma dizer; por que não se trataria de uma oração verdadeiramente original e que retrate a necessidade intrínseca do orante no momento em faz a oração. Sequer permitem o uso do sinônimo “rezar” porque – para eles e para muitos católicos – orar é falar diretamente com Deus e rezar é meramente um balbuciar frases feitas e listas de repetições sem sentido. No entanto, a sabedoria da Santa Igreja Católica suplanta tal argumento a partir do ensinamento do próprio Senhor, quando nos ensina o Pai Nosso, ou mesmo a Ave-Maria, que consiste na saudação do anjo e de Santa Isabel, perfeitamente descritas nas Sagradas Escrituras.

Para elucidar a esta afirmação, recorreremos a um argumento bastante interessante que se pode citar aqui, que surge de uma resposta espontânea de um querido irmão em Cristo que, durante sua estadia no hospital, ao lado de seu irmão

que viria a falecer em breve por causa dos efeitos da pandemia da *COVID 19*, rezava com ele a Liturgia das Horas, no quarto do hospital; mesmo sendo seu irmão “evangélico”; e como ele admirava a beleza das orações, do resgate dos Salmos e da didática própria nela contida.

No entanto, sua esposa, não aceitava e reclamava com o cunhado: “Essas orações escritas nesse livrinho de nada servem!” E ele, católico, retrucava alegremente dizendo: “querida cunhada, se seguindo fielmente o que está aqui nesse livrinho – como o chamou – já podemos não ser ouvidos pelo Senhor por causa de nossa insolência, imagina vagar pela nossa imaginação e encontrar as palavras corretas para dirigir-se a Ele num momento de tamanha fraqueza e confusão? Como ter certeza sobre qual é à vontade Deus para nossa família sem considerar o que nos diz a Igreja e arriscar uma interpretação enviesada da Palavra, ou blasfemar, exigindo de Deus uma resposta que vai totalmente contra Seu desígnio? Por que devo confiar na tua inspiração e eloquência, e não no que a Igreja nos deixa como um tesouro há milhares de anos?”⁶

Desprezar a Tradição – raiz do comportamento cristão protestante – é, acima de tudo, uma negação da História. A Liturgia das Horas teria, nesse sentido, a justa tarefa de manter a oração de Cristo viva e atuante. Sem invenções e liberdades para o erro.

Zubiri afirma a respeito:

¿Qué es entonces formalmente la historia? La historia no es una sucesión de vicisitudes: historia no es vicisitud. Tampoco es relato, ni mucho menos relato testimonial, documental. Tampoco es «sentido». La tradición no transmite necesariamente, y desde luego nunca primariamente, un sentido de la vida. Lo que transmite, lo que entrega, son las formas de estar en la realidad de los progenitores como posibilidades de estar en la realidad de los que reciben la historia. Las formas de estar en la realidad en cuanto transmitidas, sólo son posibilidades. Y por esto el llamado hecho histórico no es en rigor un “trecho”. El hecho se refiere siempre al mero ejercicio de unos actos, mientras que las posibilidades no son ejercicio sino algo que se apropia o se rechaza o se sustituye para poder ser ejercitado. Lo posibilitado en cuanto tal ya no es un hecho. Es lo que formalmente constituye el “suceso”. Suceso es realización de posibilidades apropiadas, no es mera ejecución de un acto. Lo histórico es una forma

⁶ Testemunho de um cristão pertencente às Comunidades do Caminho Neo-Catecumenal da Diocese de Jundiá – SP.

de estar en la realidad, una forma recibida como principio de posibilidades. Pero la historia no está montada reposando sobre sí misma. Es siempre y sólo la historia de la realidad humana. ¿Cómo afecta lo formalmente histórico a cada persona? La historia transmite, digo, un principio de posibilidades, sólo de posibilidades. ¿De qué «posible» se trata? (ZUBIRI, 2012f, pp. 38-39).

A Liturgia das Horas estaria, assim, como que responsável pela manutenção dessa História, dessa Tradição, como auxiliar direta e bem-vinda de homogeneizar e – por que não? – purificar a Oração da Igreja, mantendo, além do ritmo, a fidelidade ao que sempre foi ensinado.

2.1 A Igreja *populus Dei*

Embora não seja o objeto direto deste estudo, considera-se de suma importância, ao falarmos da Igreja *populus Dei*, fazermos uma *anamnese* de como era celebrada a Liturgia das Horas.

Desde os primórdios da Igreja era uma prática comum reunir-se para celebrar o amor de Deus manifestado no tempo e na história de seu povo. Como já mencionado, a oração dos salmos, sendo uma prática de oração dos judeus e para os discípulos de Jesus, ao se depararem com os seus ensinamentos, não poderiam ter outra atitude a não ser entender e praticar esse mesmo modelo de oração.

Sendo assim, podemos constatar que, ao longo dos séculos, a prática da oração unificada tenha se perdido de alguma maneira (fruto do clericalismo?). O Concílio Ecumênico Vaticano II resgata a importância que tem para a Igreja, povo de Deus, santificar as horas do dia e, portanto, santificar o tempo através da celebração da Liturgia das Horas.

Se, ao longo da história, aconteceu como que uma descontinuidade acerca da prática de oração que os cristãos, nos primeiros séculos, rezavam, agora pode-se dizer que foi fundamental que os padres conciliares resgassem para a Igreja, *populus Dei*, a tradição de oração eclesial que sempre foi a recitação dos salmos:

O Concílio Vaticano II quis restaurar a Liturgia das Horas como oração de todo povo de Deus e programou adaptações necessárias para tal. Afinal, o Ofício Divino situa-nos na tradição bíblica, apostólica e patrística, para a qual a oração não é de ordem psicológica, mas

teológico-litúrgica; não é expressão de nossos sentimentos, nossas necessidades, nossas idéias; mas é antes de tudo escuta da Palavra e Deus (ouvida, cantada, meditada) e resposta a ela, inspirada pelo Espírito Santo. É alimento sólido para a nossa espiritualidade; é ação pascal transformadora. No entanto, são poucas as comunidades, paróquias, movimentos e famílias que tem o hábito de celebrar a Liturgia das Horas (BUYST, 2004, p. 138).

Pode-se concluir, talvez, que a reforma do Concílio Vaticano II trouxe para a prática de oração da Igreja um reforço à verdade das horas, chamando a atenção para a finalidade específica da Liturgia das Horas: “consagrar, pelo louvor a Deus, o curso diurno e noturno do tempo” (SC n. 84).

Na reformulação, promovida pelo Concílio, merece também destaque ao que se denomina de Principais Horas, que são rezadas pela Igreja *populus Dei*, com a finalidade de tornar realidade o que se reza, e santificar o tempo, como certeza da antecipação da vida divina: oração das Laudes, ao chegar à luz do dia evocando o encontro dos discípulos com Jesus na madrugada da ressurreição; oração de vésperas, ao entardecer, recordando a última ceia de Jesus, a cruz e o seu encontro com seus discípulos na tarde do primeiro dia da ressurreição.

A Liturgia das Horas é oração de louvor, ação de graças, intercessão, com Jesus, fazendo memória da sua Páscoa. O sol que “morre” e “ressuscita” a cada dia torna-se símbolo de Cristo morto e ressuscitado que orienta e ilumina diariamente a vida do mundo com seus altos e baixos. Não se pode esquecer que a Liturgia das Horas, acompanha também o ritmo semanal e o ritmo anual com a celebração de todos os mistérios do Senhor, da Virgem Maria e de todos os santos e santas.

2.2 *Ecclesia Orans*

Como em toda celebração dos sacramentos e sacramentais, a Liturgia das Horas é uma ação ritual, em que os fiéis se reúnem comunitariamente para celebrar o mistério pascal. Portanto, embora clérigos e leigos, por questões pastorais recitem os salmos individualmente, deve-se ficar muito claro que a celebração da Liturgia das Horas não é uma ação privada.

Sendo assim, é resgatado o conceito primeiro do que é Liturgia: trata-se, de uma lit-URGIA (*lit* = povo. *urgia* = ofício, ação, trabalho): ação do povo e ação de Deus

(divino) a serviço do povo. Sendo ação comunitária, não pode ficar reduzido à recitação mecânica dos salmos. É preciso dar vida aos salmos que são rezados, ou cantados, quando assim é possível. A inteligência senciente deverá aparecer aqui, na experiência de compreensão e júbilo à medida em que se descobre a enorme riqueza desse diálogo entre Deus e o ser humano, gravado na Liturgia das Horas.

Logo, a natureza da Liturgia das Horas é fazer memória da Páscoa de Jesus nas horas do dia, e, portanto, na história do ser humano. Ao se recitar os salmos, atualiza-se e, portanto, torna-se presente, a vida de Cristo em nós.

A Liturgia das Horas, sendo oração pública e comunitária do povo de Deus, faz parte do mistério da Igreja e é uma manifestação e expressão especial: o louvor da Igreja não é reservado, nem por sua origem, nem por sua natureza, aos clérigos e aos monges, mas pertence a toda comunidade cristã (AUGÉ, 2004, p.265).

Orar na e com a Igreja faz do cristão, chamado para oração comunitária, aquela experiência do “estar no seu quarto para orar ao Pai”, e, como lembra o apóstolo Paulo na carta aos Tessalonicenses: “alegrai-vos sempre, orai sem cessar” (1Ts 5,16-17). É por esse motivo que, pela Liturgia das Horas, oração de Cristo dada à Igreja, a comunidade suplica ao Senhor que, aceitando a oferta do sacrifício espiritual, faça da assembleia reunida uma oferenda perfeita e eterna (cf. SC n. 12), que não ora pensando em apenas seus critérios, ou pensando em suas necessidades particulares, mas em comunhão com a Igreja; então, apresenta ao Pai uma oração que garante aos que rezam uma contínua comunhão e, por sua vez, santificação: da própria vida, da vida da comunidade, e, portanto, do tempo.

A oração cristã é a resposta à revelação. Toda a sua certeza funda-se na palavra que, ao ser proclamada e acolhida, atualiza o que revela. Essa oração, que acolhe a revelação atualizada, é a resposta consequente do homem. Essa é a razão pela qual não existe genuína educação da fé, como resposta pessoal a Deus e ao que Ele nos revela em Jesus, se não há educação coerente para oração em sua qualidade de celebração pessoal e comunitária da fé. A Igreja é, por conseguinte, essencialmente comunidade orante que, no diálogo da liturgia, atualiza a aliança com Deus, dinamiza sua evangelização e capacidade de testemunho, voltando sem cessar às fontes mais puras da prece, onde se abre ao Deus que a um só tempo revela a si mesmo e ao seu desígnio salvífico (BORÓBIO, 2000a, p. 343).

A intenção não é diminuir o valor da oração pessoal de cada fiel. Entretanto, a natureza da Liturgia das Horas, que tem como modelo perfeito de comunhão a Trindade, é manifestar à Igreja a obra da salvação humana e da glória de Deus que Jesus viveu em sua própria vida, não somente com a prática, mas na ação do Espírito pela oração e sua entrega ao Pai.

A Liturgia das Horas, sendo oração pública e comunitária do povo de Deus, faz parte do mistério da Igreja e é uma manifestação e expressão especial: o louvor da Igreja não é reservado, nem por sua origem, nem por sua natureza, aos clérigos e aos monges, mas pertence a toda comunidade cristã (AUGÉ, 2004, p. 265).

O Concílio Ecumênico Vaticano II propõe a superação da prática vigente de rezar a Liturgia das Horas individualmente, para a vivência celebrativa de uma oração comunitária que supõe e sustenta a oração pessoal.

Conclusão

Uma vez apoiados nas dúvidas do próprio Zubiri, para auxiliar a compreensão do quanto o conceito de Quem é Deus importa, para um provável posicionamento sobre a santificação do tempo, por e através da Liturgia das Horas.

Haria falta probar, em efecto, que cuando nos referimos a Dios nos estamos a refiriendo em primera linea a um ente infinito. Nada más lejos de la realidad. Es que Escoto busca lo que los escolásticos llaman esencia metafísica, o primer concepto metafísico del ente divino; Escoto cree encontrarlo em la infinitud: Pero lo que todos entendemos por Dios, cuando lo buscamos, não es una esencia metafísica, sino algo más sencillo: es una realidad última, fuente de todas las posibilidades que el hombre tiene, y de quien recibe, suplicándole, ayuda y fuerza para ser. Ahora bien, el ente infinito de Escoto no es formalmente (es de lo único de que aquí se trata) este Dios em tanto que Dios. Primero, porque aun dentro de una idea metafísica de Dios, es todo menos metafísicamente evidente que la esencia metafísica de Dios sea la infinitud. Segundo (y es lo que ahora más nos importa) porque la infinitud competería a Dios por razón de la ultimidad y no al revés: formalmente, Dios em cuanto Dios es “lo último”. Sólo sería infinito por ser Dios; no es que fuera Dios por ser infinito. Tercero y finalmente, porque para que esto “último” sea Dios es menester que sea a una y formalmente “posibilitante” e “impelente”. La mera infinitud no lo es. Uma vez más, em el punto de llegada de estas argumentaciones nos encontramos em Escoto, al igual que em

santo Tomás, com um ente supremo. Pero este ente ¿es Dios? Esta es la cuestión que siempre queda en pie. [...] Ni por su punto de partida ne por su punto de llegada, parece ser la estructura cósmica (entiéndasela al modo de santo Tomás o al Escoto), la via adecuada para la fundamentación de la existencia de Dios (ZUBIRI, 2012f, pp. 66-67).

Oração da Igreja, aqui representada pela Liturgia das Horas, parece ser o meio pelo qual se pode, com segurança, associar os seres humanos a toda comunhão dos santos como forma de restabelecer a conexão com o “divino”, mas com um divino pessoal, como ensinaram os judeus, um Deus pessoal, um *Personal God*, como se diria hoje em dia.

Diferentemente do judeu – sobretudo do judaísmo moderno, avesso ao Messias que não veio – esse deus pessoal que a Ele se referiam em suas orações, agora é, de fato, uma Pessoa. Verdadeiro Deus e Verdadeiro Homem. O Deus a quem se quer associar na oração é um ser humano. O ser humano a quem se dirigem todos os pedidos mais profundos é um Deus. Pode parecer um simples truque semântico, mas o que se pretende argumentar aqui é justamente a possibilidade que Jesus nos deu ao “nos abrir o Céu”. Nesse lugar teológico, há um ser humano, um corpo físico igual ao nosso e Ele, o Senhor, pode se compadecer de nós, porque viveu como nós.

Por Suas chagas fomos curados. O deus-parceiro que os antigos hebreus concebiam é uma pessoa concreta: pode ouvir e atender as nossas orações porque “fala” conosco como um amigo. Já não vos chamo de servos, mas de amigos (cf. Jo 15,15).

O católico herdou o que o judeu desejou: somos partícipes da mesa de um homem que sendo repleto de poder, manifestou este mesmo poder no perdão e na misericórdia, que atende às nossas súplicas justamente por viver como nós vivemos e sentir o que nós sentimos.

Ao despertar, me saciarei do Teu rosto, Senhor! (cf. Sl 17). Ou ao longo do caminho, ao te deitares e ao te levantares, como nos ensina o *Shemá*. Hora por hora, minuto a minuto, eis que venho alegremente para fazer a Tua vontade (cf. Hb 10, 9).

A Sagrada Escritura nos deu os elementos formais para a oração, e a Tradição da Igreja deu-nos a metodologia e a riqueza de seguirmos o que exatamente nos ensinou Jesus Cristo: orar sem cessar (cf. 1Ts 5,17). Tudo o que pedirem, em nome

do meu Pai, ele vos concederá (cf. Jo 14,13). São promessas mais do que claras, são garantias que nos dá o próprio Senhor.

Como foi visto, o hebreu médio tinha certeza de que seria atendido. Como -- afirma o autor da carta aos Hebreus: a fé é a posse antecipada daquilo que não se vê (cf. Hb 11,1). Mas que não se, ainda, por uma questão puramente temporal.

¡Ya está! Como dizem os argentinos, já está! Está dado, é o Senhor quem garante. Não há dúvidas, apenas esperança e confiança.

A Liturgia das Horas deve cumprir esse papel.

CAPÍTULO TERCEIRO

Pistas para atualizar Cristo no Tempo da Igreja

Parte-se da seguinte pergunta para o desenvolvimento deste terceiro capítulo: A Liturgia das Horas é capaz de cumprir a sua função de atualizar o Mistério Pascal de Cristo, no tempo da Igreja?

Viu-se, nos capítulos anteriores, que é possível, a partir da Filosofia inovadora de Xavier Zubiri, viver uma experiência de fé que passe também pelos sentidos. Não é do interesse desconstruir a ideia de que, para experimentar o amor de Deus, se faz necessário concebê-lo somente em razão de si mesmo.

Para fundamentar essa afirmação, recorre-se às palavras de São João Paulo II, em sua Encíclica *Fides Et Ratio*:

Quando a razão consegue intuir e formular os princípios primeiros e universais do ser, e deles deduzir correta e coerentemente conclusões de ordem lógica e deontológica, então pode-se considerar uma razão reta, ou, como era chamada pelos antigos, *orthòs logos*, *recta ratio*. [...] A Igreja, por sua vez, não pode deixar de apreciar o esforço da razão na consecução de objetivos que tornem cada vez mais digna a existência pessoal. Na verdade, ela vê, na filosofia, o caminho para conhecer verdades fundamentais relativas à existência do homem. Ao mesmo tempo, considera a filosofia uma ajuda indispensável para aprofundar a compreensão da fé e comunicar a verdade do Evangelho a quantos não a conhecem ainda (JOÃO PAULO II, 1998, p.10).

Muitos, embora participem das celebrações dos sacramentos, não experimentam o Mistério Pascal de Jesus. Ou, pior, algumas correntes da Igreja insistem no difuso conceito de “experenciar” a Palavra. Inclusive, ressalta-se, que até mesmo a celebração da Liturgia das Horas é por demais desconhecida pelos fiéis da Igreja, e pouco rezada pelos ministros ordenados que prometeram no dia da ordenação, viver e celebrar tão grande mistério.

Sem sombra de dúvida, seguindo a linha de raciocínio de São João Paulo II, a razão muito contribui para a vivência do mistério celebrado. É louvável, considerar a inteligência concipiente, para que o Evangelho alcance aos que ainda não conhecem Jesus Cristo. O saber, intelectualmente, é base para uma fé verdadeira.

Mas isso se torna arriscado! Quando o ser humano se deixa conduzir tão somente pela razão, isto é, a inteligência concipiente, desconsiderando a fé, como a

principal motivação que pode conduzir os que buscam se configurar a Cristo, tal racionalização pode simplificar sobremaneira a atualmente chamada experiência cristã.

A santificação do tempo, através da Liturgia das Horas, desempenha essa função: ao santificar as horas do dia, recitando os salmos e meditando os textos sagrados e os escritos da patrística, os cristãos se conectam com a Trindade; e, portanto, assumem o mesmo estilo de vida que Jesus viveu.

Hodiernamente muitos se preocupam, a partir de um pensamento raso, em centrar a fé somente na celebração da Eucaristia – que de fato é o ponto mais alto da fé da Igreja – mas, todavia, é assumido pelos cristãos católicos como um mero cumprimento da lei: guardar domingos e festas.

Na Introdução Geral sobre a Liturgia das Horas, encontra-se a sua relação com o sacramento da Eucaristia:

A Liturgia das Horas estende pelas diversas horas do dia, os louvores e ação de graças, como também a memória dos mistérios da salvação, as petições e aquele antegozo da glória celeste, contidos no mistério eucarístico, centro e ápice de toda a vida da comunidade cristã. A própria celebração da Eucaristia tem por sua vez, na Liturgia das Horas, a sua melhor preparação; porquanto esta desperta e alimenta da melhor maneira as disposições necessárias para celebrar com proveito a Eucaristia, quais são a fé, a esperança, a caridade, a devoção e o espírito de sacrifício (IGLH n. 12).

Dito isto, pretende-se, a seguir, apresentar o quão essencial é para os cristãos reconhecer que através da celebração da Liturgia das Horas, ou do Ofício Divino das Comunidades, é possível atualizar e viabilizar a duração do Mistério Pascal de Cristo que se dá no quotidiano da vida.

Percorrido esse itinerário, destacar-se-á, posteriormente, uma projeção da vida cristã ao longo do tempo. Com isso, quer-se resgatar o que na liturgia é chamado de *anamnese*, isto é, fazer memória dos feitos que Deus realizou na vida de seu povo. Essa realização se dá plenamente através de Jesus Cristo que, ao assumir a condição humana, se esvazia de si, para tornar os seus repletos das coisas do Pai.

Torna-se, portanto, uma projeção da vida cristã, quando os que se reúnem como Igreja, comunidade dos batizados, para rezar os salmos, olham para o passado, vivendo o presente, no desejo da vinda definitiva do Senhor: *maranathá!* Eis a dimensão escatológica que se pode encontrar na Liturgia das Horas.

Por fim, para laurear esta reflexão, julga-se necessário apresentar a Liturgia das Horas como um serviço ao amor e à humanização. Quanto mais se ora com e na Igreja, mais se conhece Aquele que amou, e a sua vida entregou.

A celebração da Liturgia das Horas desempenha muito bem essa função: humaniza aos que de Cristo se aproximam, e ainda produz nos que recitam os salmos o desejo de Jesus: “o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida como resgate por muitos” (Mt 20,28).

1. A duração do Mistério Pascal ao longo do tempo

Para aprofundar o conceito sobre o que tange a duração do Mistério Pascal ao longo do tempo é imprescindível abordar o que se entende por esta realidade assumida por Jesus, isto é, a sua paixão, morte e ressurreição.

Quando se celebram os sacramentos não se pode esquecer de que se realiza tão grande mistério na vida da Igreja. Eis o núcleo do mistério eucarístico que se celebra: “anunciamos, Senhor, a vossa morte e proclamamos a vossa ressurreição. Vinde Senhor Jesus”!

Todas as vezes que se repete essa aclamação memorial nos é garantido que Cristo permanece na Igreja através da celebração do sacramento da Eucaristia. Contudo, não se pode esquecer que a recitação dos salmos também assegura não só realizar a mesma prática de oração de Jesus, mas também faz perdurar a presença de Cristo na Igreja.

São Paulo VI, em seu discurso por ocasião da promulgação do Ofício Divino renovado, por mandato do Concílio Ecumênico Vaticano II, afirmou:

A Liturgia das Horas desenvolveu-se pouco a pouco, até se tornar oração da Igreja local, onde veio a ser em tempos e lugares estabelecidos, sob a presidência do sacerdote, como que complemento necessário a todo o culto divino, que se encerra no Sacrifício eucarístico e que devia ter repercussão e estender-se a todas as horas da vida humana. (IGLH p. 275).

Pouco a pouco se é possível perceber a função da Liturgia das Horas na vida e missão da comunidade eclesial: uma repercussão estendida de todas as horas da vida humana, para que assim, através da oração dos salmos, o Mistério Pascal de Cristo, ao ser atualizado, perdure ao longo do tempo.

É a partir deste exercício de oração que se verifica que a prática celebrativa da Liturgia das Horas garante um caminho para a uma vivência do Mistério Pascal de Cristo.

Toda a vida de Jesus foi oferta de amor ao Pai e a nós. Sua obediência até a morte, e morte de cruz, manifesta esse amor pelo qual o ser humano foi libertado da morte eterna. Constata-se que Jesus, ao celebrar a Sua Páscoa, mostrou o sentido salvífico daquilo que se realizaria na Sua paixão e morte: Sua ressurreição, que culmina decisivamente no evento pascal e garante ao mesmo tempo a Sua presença na vida da comunidade.

Portanto, ao celebrar a Liturgia das Horas, fazemos memória da Páscoa de Jesus; e santificando o Tempo, isto é, as horas do dia, o ser humano eterniza na sua própria vida, a vida de Deus.

É justamente por isso que se afirma que o Mistério Pascal perdura ao longo do tempo, porque nesta realidade Deus cumpre plenamente o Seu amor em favor do gênero humano.

Santificar as horas do dia, a partir da celebração comunitária da Liturgia das Horas, é um caminho para que a comunidade tome a consciência de que esta prática oracional é uma continuação da obra da salvação de Cristo no mundo. É o Espírito de Jesus que santifica reúne e atualiza o mistério celebrado.

A dignidade da oração cristã tem a sua raiz na participação da mesma piedade do unigênito para com o Pai e daquela oração que lhe dirigiu durante a sua vida terrena e que agora continua, sem interrupção, em toda a Igreja e em cada um de seus membros, em nome e pela salvação de todo gênero humano (IGLH n. 7).

Os cristãos, ao celebrarem o Mistério Pascal na Liturgia das Horas, mergulham na intimidade profunda desse mistério, santificando as horas do dia, o que faz prolongar no ritmo diário das horas, o tempo de Deus.

Assim os fiéis rezam na quarta-feira da segunda semana do tempo pascal: “Imploramos, ó Deus, a vossa clemência, ao recordar cada ano o mistério pascal que renova a dignidade humana e nos traz a esperança da ressurreição: concedei-nos acolher sempre com amor o que celebramos com fé”.

Na celebração do Mistério Pascal, a Igreja concede a graça de recordar e atualizar a Páscoa do Senhor. Portanto, nos sacramentos, e naquilo que

consideramos, objeto direto do nosso estudo, isto é, na Liturgia das Horas, é outorgado aos cristãos a oportunidade de renovação da dignidade humana, que faz o ser humano ter esperança na ressurreição; e se convencer de que a sua participação na oração de Cristo, vivida e celebra na fé da Igreja, realiza o que de fato o Mistério Pascal faz acontecer: a presença de Cristo prolongada no tempo.

Tudo o que o ser humano tem, deve a Deus, e por isso precisa reconhecer e confessar essa dependência diante do seu Criador. Assim, homens piedosos de todos os tempos o fizeram por meio da oração. Mas, por ser dirigida a Deus, a oração deve necessariamente ser vinculada a Cristo, Senhor de todos e único Mediador. Unicamente por Ele, temos acesso a Deus. De tal maneira, Ele incorpora a si toda a comunidade humana, que existe íntima relação entre a oração de Cristo e a oração de todo o gênero humano. Em Cristo, e só nele, é que a religião humana alcança o seu valor salvífico e a sua finalidade (IGLH n. 6).

É percorrendo esse itinerário que os cristãos exercem a virtude da oração da Igreja e podem alcançar o cerne de todo o Mistério Pascal, que se prolonga ao longo do tempo. Na Liturgia das Horas, a verdadeira realidade se torna presente, e assim a figura antes necessária, agora reveste-se de absoluto sentido.

Em linhas gerais, a comunidade que se reúne para rezar os salmos, “presentifica” o Cristo ressuscitado, verdadeira realidade. Ele é quem santifica, pela força de Seu Espírito, as horas do dia, concedendo ao ser humano eternizar a vida de Jesus celebrada no ritmo das horas.

Nesse sentido, pode-se inferir, como mencionado, que o Mistério Pascal, sem sombra de dúvida, tem o seu cume na Eucaristia, mas pode, e deve ser prolongado, na celebração do Ofício Divino, que é expressão da vida eterna, já antecipada nos acontecimentos do cotidiano.

É importante ressaltar que na celebração eucarística – que é o prolongamento do Mistério Pascal de Cristo ao longo do tempo – a Liturgia das Horas tem o seu lugar. Assim adverte Costa, a respeito desta afirmação:

Assim como celebrar a Eucaristia é mandato do Senhor, salmodiar, dentro do contexto eucarístico próprio dos salmos, não deveria ser facultativo. Por isso mesmo, eles fazem parte da Liturgia da Palavra, e se constitui uma catequese litúrgica, pois nos ensina a cantar o salmo, fazendo dele uma resposta à Palavra de Deus, que sempre nos fala primeiro (COSTA, 2007d, p. 32).

É este Deus que é revelado no mistério de Sua Palavra: é doação e oblação na mesa da Eucaristia, celebrado no contexto da Liturgia das Horas, Quem concede ao ser humano participar do Mistério Pascal, isto é, Cristo cabeça, que constitui a Igreja o poder de ser iniciada e encerrada na vida eterna.

Celebrar a Liturgia das Horas de forma pessoal ou comunitária é antecipação do *Kayrós* de Deus e, nesta oração litúrgica, que tem o seu ritmo e horário, direciona, ou melhor, converge o ser humano para Cristo, em Quem está a centralidade de todo o Mistério Pascal, que tem a sua duração ao longo do tempo.

A Liturgia das Horas representa um grau mais refinado da relação humana com o tempo, por causa do aspecto místico, que nos permite uma experiência de plenitude. O aspecto mais forte da celebração das horas não é tanto o reconhecimento das ações maravilhosas de Deus no passado, mas por causa da sua atualização, a projeção que elas representam no futuro escatológico (COSTA, 2007d, p. 79).

É deste futuro escatológico que o ser humano fica repleto quando, ao rezar a Liturgia das Horas, na inteireza do ser, busca viver a essência de sua fé e, assim, alimenta a sua espiritualidade, projetando a própria vida no Mistério Pascal de Jesus.

Antes mesmo de falar do que aqui se denomina uma projeção da vida cristã ao longo do tempo, julga-se necessário resgatar a origem e desenvolvimento histórico da oração dos salmos na comunidade judaica.

Em seu livro “Liturgia, história, celebração, teologia e espiritualidade”, Augé, ao abordar sobre o tema da Liturgia das Horas, afirmou:

A oração no universo das religiões é um fenômeno universal. Não há religião, em qualquer estágio de cultura, que desconheça o fenômeno de oração. A nós interessa a oração cristã, que nasce do sulco da oração judaica (AUGÉ, 2004, p. 255).

Uma vez que, no capítulo segundo desta dissertação, já se discorreu sobre a oração de Cristo, não é de interesse neste momento retornar demasiadamente a este assunto. Entretanto, considera-se plausível falar da relação que a oração judaica tem com a oração cristã, uma vez que as comunidades primitivas herdaram da tradição judaica aquela prática de oração.

Quando a comunidade primitiva eclesial começou a sua caminhada na história, não tinha qualquer estrutura própria de oração nem qualquer patrimônio de textos que pudesse ser considerado como uma expressão específica da pregação e da doutrina de Jesus. Coube às

primeiras gerações cristãs cobrir este vazio, aprofundando a doutrina e o exemplo de Jesus Cristo, no contexto da tradição judaica, na qual o próprio Senhor tinha vivido a sua relação com o Pai, através da oração. De fato, muitos elementos formais e de conteúdo da oração de Jesus e dos primeiros cristãos se originam do ambiente humano e religioso do povo judaico, ao qual eles pertenciam, povo esse que tinha uma dilatada e profunda vivência de oração (AUGÉ, 2004, p. 255).

Nas Sagradas Escrituras, é possível perceber que a oração do povo, vivenciada no culto celebrativo nas casas, e, posteriormente no templo, estava centrada a partir do acontecimento da Páscoa.

Estabelecida pelo calendário religioso e pelos costumes, para os judeus o ato de orar era uma *conditio sine qua non*, pois isso os fazia lembrar das maravilhas que Deus realizou em favor de seu povo.

Nas páginas do Novo Testamento, encontra-se um autêntico preceito sobre a oração. À luz da oração judaica, em Cristo, a comunidade que se encontra para rezar, o faz de forma ininterrupta, orando vivamente. É desta maneira que Jesus exorta aos seus discípulos quando lhes apresenta a prática da oração sem esmorecer (cf. Lc 18,1) como a certeza de que se atualiza a presença de Cristo na vida da comunidade.

Se para os judeus orar é somente um “preceito” para se conectar com o Deus, que se manifestou a eles no “tempo” de sua história, em Jesus Cristo, se realiza na duração do Mistério Pascal, ao longo do tempo, isto é, na vida do ser humano que, ao orar, não só se conecta com Deus, mas assume uma constância, que se traduz, não na repetição de atos, mas na perseverança da oração.

Dito isto, julga-se importante apresentar o conceito de tempo em Zubiri. Partindo da análise feita por Costa, em seu artigo, “Tempo na liturgia: uma abordagem no horizonte da metafísica zubiriana”, acerca da reflexão que o próprio Zubiri apresenta do que entende por temporalidade:

Na metafísica zubiriana, o tempo não é uma realidade, mas algo que está na realidade enquanto modo de ser. Então “o tempo não é algo que se está, mas o modo como se está. Se está no mundo, e o modo como se está é o tempo” (ZUBIRI, 2008, p. 295). Só se está no mundo litúrgico, quando há tempo para celebrar. Estamos acostumados a pensar no tempo como uma coisa. Assim o tempo seria extrínseco às coisas, isto é, seria outra coisa. Mas não é assim; o tempo está em todas as coisas. Embora saibamos que a liturgia é vivida no tempo da consciência, mas não pode estar alheia ao tempo do relógio. Por isso

o tempo está na liturgia; é intrínseco a realidade litúrgica, que tem seu ritmo próprio. Celebrar a liturgia como se o tempo fosse outra coisa, cria enormes confusões, desde não se estabelecer o tempo justo para celebrar na agenda da vida ou o tempo necessário que cada celebração exige, conforme os rituais estabelecem. Não podemos nos esquecer que as estruturas temporais dependem das estruturas mesmas das coisas, que se dividem em três categorias: coisas físicas, seres vivos e seres humanos (LOLAS, 2006, p. 102). A liturgia é uma realidade estritamente humana, e, neste sentido, é sim uma coisa real. Tem seu ser e seu tempo (COSTA, 2020a, p. 361).

Se a liturgia tem o seu ser, e o seu tempo, pode-se, a partir do pensamento zubiriano acerca da temporalidade, constatar que na celebração da Liturgia das Horas, não só atualiza o Mistério Pascal, mas também evidencia o conceito de duração trazida pelo próprio Zubiri.

Embora Zubiri não se sentisse confortável ao falar sobre o “tempo humano”, ele mesmo partiu de dois conceitos: “tempo psíquico” ou “tempo da consciência”. Com isso, o autor basco quer indicar que o tempo em que o ser humano está inserido continua o mesmo, ou seja, tem o seu curso normal.

No ritmo cronológico, é possível detectar a transformação das coisas e das pessoas. Acredita-se que é justamente por isso que o ser humano se encontra diante de uma insatisfação com relação ao tempo, fazendo-o, assim concluir que tudo está passando muito rápido.

Isso permite entender que o tempo não se trata propriamente de uma questão material ou de relógio. Segundo o próprio Zubiri, trata-se do avançar das horas, como uma questão meramente psicológica.

Em seu livro “*Espacio, tempo, matéria*”, Zubiri abeira-se desta problemática que surge na *psiqué* do ser humano, e, assim, o faz ter a sensação de um tempo que aparentemente “voa”.

Este tempo é como uma corrente que vai avançando. Desde a sua origem, ao largo da vida, o psiquismo humano vai constantemente avançando, não se detém nunca. É impossível que se detenha, porque não há nada que possa repetir-se na consciência. Deter-se-ia se houvesse uma repetição; mas que se repita um fato imprime ao repetido um carácter de repetição que carecia o original. Não há nunca dois momentos idênticos na corrente da vida psíquica. Esta vida vai mudando sempre e já avançando ao largo da existência de cada pessoa (ZUBIRI, 2008a, p. 268).

De fato, o decorrer do tempo cronológico não é estático. E é, justamente por isso, que ao se celebrar o Ofício Divino, com a finalidade de santificar as horas do dia, é que o Tempo na perspectiva escatológica, se atualiza; isto é, prolonga-se o mistério da paixão, morte e ressurreição de Jesus, no transcurso do tempo.

Julga-se necessário utilizar do termo “perspectiva escatológica”, pois indica que, para o ser humano não cair no que se denomina “futurismo”, ele deve inteligir sencientemente o tempo, que em si não tem substantividade. O tempo depende da substantividade da coisa (COSTA, 2020a, p. 362).

Se ao afirmar que o tempo depende da substantividade da coisa, logo se pode, a partir da linha de raciocínio do próprio Zubiri, dizer que o tempo caracterizado pelos projetos humanos é o chamado tempo projetivo.

É importante ressaltar que o objetivo não é discorrer demasiadamente sobre o tempo, a partir do conceito de duração em Zubiri. Entretanto, aquele seu conceito de duração corrobora para que os cristãos, a partir da vivência celebrativa do Ofício Divino, façam cumprir a função da Liturgia das Horas: atualizar Cristo no tempo da Igreja.

A Liturgia das Horas, é presença e atualização do Mistério Pascal de Jesus. Antes de tudo, porque é presença de Jesus, o Cristo ressuscitado, que intercede por nós na presença do Pai, é uma forma peculiar do exercício de seu sacerdócio, especialmente em sua dimensão orante. A riqueza com as palavras e as preces expressam e atualizam a história da salvação, como acabamos de observar, torna-se presente esse Mistério Pascal da morte e ressurreição de Jesus em cada hora, em cada dia iluminado pelo mistério do Senhor, em cada semana animada pela Páscoa dominical, em cada ano litúrgico, máxima celebração onicompreensiva de todos os aspectos do Mistério Pascal. Mistério que se torna agora presente na Igreja para que Jesus assuma a sua esposa no mesmo movimento de oblação e glorificação, e no mundo inteiro que se acha sob influxo da vitória pascal de Jesus (BORÓBIO, 2000a, p. 379).

Na celebração da Liturgia das Horas, acontece o que se pode chamar de dois movimentos: descendente e ascendente. A comunidade reunida, ao apresentar o louvor a Deus através dos salmos, faz a prece chegar aos céus, ao passo que, a partir deste mesmo louvor, através da Igreja, Cristo se faz presente.

Para fundamentar a esta afirmação, recorre-se ao texto do Prefácio Comum IV, que tem como tema, o louvor, dom de Deus:

Ainda que nossos louvores não vos sejam necessários, vós nos concedeis o dom de vos louvar. Eles nada acrescentam ao que sois, mas nos aproximam de vós, por Jesus Cristo, vosso Filho e Senhor nosso (MISSAL ROMANO, 2015, p. 459).

A partir da reflexão que Zubiri faz acerca do tempo, a realidade humana abrange “dois tipos de tempo”: tempo de duração e o tempo de projeção. Como já abordado anteriormente, trata-se do que Zubiri denomina psiquismo humano.

Agora não se trata do passado, que é a base da duração, mas do futuro que se torna presente em forma de projetos. Neste sentido, duração e precessão são duas dimensões tempóreas da realidade humana. Quando falamos em tempóreo, falamos daquilo que é fundamento do temporal, isto é, a realidade tem seus processos temporais, porque ela é tempórea (COSTA, 2020a, p. 362).

Através da recitação dos salmos o cristão projeta a sua vida para a Trindade. Numa linguagem litúrgica e teológica, a comunidade que se reúne para rezar a Liturgia das Horas configura a vida ao Mistério Pascal de Jesus.

A projeção do tempo, uma que vez é inerente ao pensar humano, só tem sentido porque, na liturgia, e, de modo particular, no que diz respeito a este estudo – que é a Liturgia das Horas – tomam-se todos os pensamentos e gestos a partir da sucessão ininterrupta de significados, pois, na celebração do Ofício Divino, Cristo permanece na vida da comunidade.

Aquilo que se entende por futurismo, numa perspectiva absolutamente vivida como um planejamento da própria vida, enraizada somente nas questões terrenas, provoca angústia e sofrimento na vida.

Para os que foram iniciados na vida cristã é necessário viver a partir de um tipo de futurismo, quando este tem por natureza conduzir os cristãos à vida eterna.

O tempo cronológico passa a ter sentido para os que oram com e na Igreja, quando, no mistério da cruz, a vida é projetada, e passam a viver e a celebrar a Liturgia das Horas fazendo brotar e frutificar a fé e atualizando o Mistério Pascal de Jesus.

Destaca-se assim que a Liturgia das Horas celebrada no tempo indica esta intrínseca relação dos que a celebram a própria vida com a eternidade.

2. A projeção da vida cristã ao longo do tempo

Quando a comunidade se reúne para celebrar o Mistério Pascal de Jesus, a dimensão do tempo, enquanto projeção, do que aqui é chamado de vida cristã, torna-se muito evidente. Para todos, é claro que a vida tem a sua fluência. Isso não poderia ser diferente para os cristãos que se reúnem em comunidade para celebrar a Liturgia das Horas. Pensa-se ser importante essa rubrica.

Embora o tempo traga em si mesmo a sua “fluência própria”, uma vez que a vida é dinâmica, e tudo passa por um processo de transformação... nesta dinamicidade, acredita-se que valorizar o aspecto de uma projeção da vida dos que, através dos salmos, santificam as horas do dia, torna-se essencial para a vivência do Mistério Pascal do Senhor.

Pode-se intuir que a recitação dos salmos é projetiva. Daí surge a seguinte pergunta: por que razão a oração dos salmos garante aos fiéis a projeção da própria vida em Cristo? Para responder a esta questão, recorre-se às palavras de Buyst, em seu artigo “Liturgia das Horas, Oração do Povo de Deus”:

A Liturgia das Horas significa que se recuperem momentos significativos do dia a dia, para o louvor e a prece. Estes momentos têm sido tradicionalmente a manhã e tarde. Manhã como início, novo começo, trabalho, atividade, claridade, luz, sinal da ressurreição. Tarde, como fim, missão cumprida, descanso, noite chegando, e escuridão (que pode trazer angústia). O objetivo da Liturgia das Horas é o louvor de Deus e a santificação da nossa vida. É união com Cristo, para que tudo seja vivido por Cristo e em Cristo. A Liturgia das Horas, “recolhe” os nossos pensamentos e sentimentos, os nossos trabalhos e preocupações, nossos planos e realizações, para inseri-los no Mistério Pascal de Jesus Cristo. A Liturgia das Horas é uma ação comunitária, uma celebração do povo de Deus. O elemento básico da Liturgia das Horas é o saltério. Em toda a história de Israel, os salmos têm sido expressão da fé, da caminhada, das lutas e vitórias do povo de Deus, de suas angústias e esperanças. É oração que brota dos acontecimentos (BUYST, 1981, pp. 4-6).

Não é o objetivo discorrer sobre o rito propriamente dito da Liturgia das Horas, enquanto estrutura de oração que é dividida em três partes: manhã, tarde e noite. No entanto, acredita-se que merecem especial destaque os dois momentos de orações que se encontram no Ofício, e, no qual se pode projetar a própria vida a Cristo: Laudes e Vésperas.

Como já abordado, os cristãos, quando se encontram para rezar a oração da manhã, isto é, as Laudes, neste gesto ritual, não só se recordam a ressurreição do Senhor, que aconteceu ao raiar do primeiro dia da semana, mas projetam a vida dos que oram, para o Cristo, que tendo vencido a morte, garante vitória aos que peregrinam neste mundo em direção a pátria definitiva.

Na oração da tarde, realiza-se a mesma dinâmica: os que dão uma pausa para rezar, no findar do dia, reconhecem os feitos que o Senhor realizou – e, nesta dinâmica do entardecer, faz-se memória da noite que vem chegando, mas não se perde a referência objetiva pelo qual o ser humano se conecta com Deus: na celebração do Mistério Pascal, que acontece na Liturgia das Horas, o orante projeta a sua vida para Cristo, que sofreu a paixão, mas que ressuscitou, e, que garante Luz, mesmo quando as trevas chegam.

A partir desta linha de raciocínio, pode-se intuir a razão pela qual Zubiri rebate intensamente a “inteligência concipiente”. Conceitualmente, parece absurdo projetar a vida em Cristo na celebração da Liturgia das Horas.

Isso se dá, provavelmente, porque o ser humano, supostamente intelectualizado, encontra-se condicionado a conceitos nos quais tudo tem uma explicação, e nada tem seu princípio na realidade.

É preciso ficar claro: a apreensão da realidade é um caminho seguro, e Zubiri testifica que, a partir da inteligência senciente, deve-se reconhecer e valorizar a importância do sentir “para garantir a realidade como aquilo que fica em nossa apreensão no primeiro contato com as coisas” (COSTA, 2020a, p.357), dando-lhe assim o seu devido significado.

Costa exorta, ao abordar a temática sobre Deus, partindo da apreensão da realidade:

Portanto Deus é real e está constituindo formal e precisamente a realidade de cada coisa. Então pela via da realidade o filósofo chega à prova da existência de Deus. Zubiri parte da realidade criada até chegar à Suprema Realidade criadora. Deus não é uma simples realidade concreta a mais entre as outras realidades, mas é a Realidade que fundamenta a realidade de todas as coisas criadas. E ao fundamentar, faz com que toda realidade tenha “atualidade” (COSTA, 2020a, p. 360).

Pode-se afirmar que, na celebração da Liturgia das Horas, atualiza-se o Mistério Pascal de Cristo. Sendo assim, ao rezar o Ofício Divino, o crente projeta a sua vida na Suprema Realidade, isto é, o Deus criador de todas as coisas que, na “liturgia temporal”, possibilita uma conexão com a “liturgia atemporal”, ou seja, a liturgia celeste.

No Dicionário de Liturgia, encontra-se uma indicação ao tempo como essa dinâmica de uma apreensão da realidade que garante a atualização do mistério de Cristo, que se celebra no cotidiano da vida:

A contagem do tempo ocorre segundo parâmetros humanos, mas estes são relativos, mutáveis, contingentes. Por conseguinte, o tempo é superado pelo fato de estar em relação com ‘algo’ que se acha fora do tempo e que lhe confere significado. O tempo para os cristãos encontra não ‘algo’, porém ‘Alguém’ que lhe dá sentido: Cristo. Quem escande o tempo em ritmos diários, semanais, anuais etc.; é Cristo. Por esse motivo, o tempo pertence aos cristãos: o tempo é de Cristo. Os séculos, o ano, a semana, os dias, as horas, os instantes são dos cristãos, porque pertence Àquele que vive “nos séculos dos séculos”: Àquele que dá sentido ao ano, tendo sido colocado no seu centro; Àquele que imprime ritmo às semanas com o dia que é tão seu a ponto de ser denominado domingo (*Dies Domini*); Àquele que é o ‘hoje’ com que a Igreja celebra os sacramentos e a Liturgia das Horas; Àquele que preenche todas as batidas rítmicas do “coração dos fiéis”. O tempo, em outras palavras, pertence ao cristão assim como o cristão pertence a Cristo. Por isso, o cristão toma consciência de que, no tempo que Deus lhe concede, ele tem todo tempo necessário para fazer o que Deus deseja o que ele faça. Porque o cristão tem o tempo que é Cristo. E Cristo, para o cristão, é tudo. Nem nos devemos admirar de que haja tantas concepções erradas de tempo, fazendo o cristão correr o risco de ser explorado: já que a verdade é uma só, mais do que evidente de que o erro seja múltiplo; já que a verdade é Alguém, é mais do que normal que os que erram sejam muitos. A verdade é Cristo. Ele é o tempo. Ele está presente até a consumação do tempo. Compreendemos, pois, que o tempo encontre a sua fonte inicial, o seu desdobramento e seu desenvolvimento e a sua realização completa no mistério de ‘Cristo-tempo’ (TRIACCA, 1992, p. 1166).

Entende-se, então, que a celebração da Liturgia das Horas, no decorrer do tempo cronológico, para os cristãos, só tem sentido porque, no mistério da encarnação, o tempo de Deus que se torna realidade no cotidiano de suas vidas.

No Dicionário de Liturgia, em seu verbete, *Tempo e Liturgia*, a definição acerca do tempo é precisa: Cristo é o tempo dos cristãos! É por esse motivo que se pode afirmar que, quando os cristãos param nas três principais horas do dia (manhã, tarde e noite) para rezar, manifesta-se em suas vidas o que podemos chamar “a bondade de Deus”.

Na carta aos Hebreus, encontra-se uma menção em que fulgura a questão do tempo, como dom de Deus, que, no mistério da encarnação de Jesus, revela-se à humanidade. Isso permite concluir que Ele é imutável, ou seja, “Jesus Cristo é o mesmo, ontem e hoje; Ele o será para sempre” (Hb 13,8).

Essa afirmação assegura que, embora o mundo passe por um processo de mudança de época e que as marcas do tempo possam ser impressas na vida de cada um de nós, Cristo permanece o mesmo. Ele não muda. Como o autor da carta aos Hebreus afirmou: “Ele o será para sempre” (Hb 13,8).

Se Cristo é para sempre e, sendo Ele também a epifania do Tempo de Deus, os cristãos, ao viverem a dinâmica da projeção da própria vida n’Ele, ficam repletos da eternidade que atinge o tempo.

Cristo é a verdade absoluta. Ao celebrar a Liturgia das Horas, o fiel projeta a própria vida em Cristo, e a sua existência temporal atinge a atemporalidade que é o próprio Mistério Pascal.

Com Cristo, surge a novidade absoluta, o sumo princípio, a retomada radical da relação entre a humanidade e o seu criador, agora baseado não mais somente em Deus que se quer doar, mas no Deus encarnado, que é efetivamente doado. Como o verbo se faz homem, Ele entra na existência temporal com todas as relações que a situam e a limitam. Mas, já que esse ser humano é também o Verbo eterno, ele se trona imediatamente, desde a sua existência temporal, “aquele em quem Deus faz habitar toda a sua plenitude” (CI 1,19), a da divindade, a da eternidade, a do universal e a da humanidade, do tempo, do particular (TRIACCA, 1992, p. 1167).

É nesta perspectiva, que se pode afirmar que os cristãos que se encontram em comunidade, ou até mesmo de maneira individual, para celebrar a Liturgia das Horas, nela descobrem a sua beleza, pois é próprio de sua natureza celebrativa o seu caráter temporal.

Na temporalidade da Liturgia das Horas é garantida a atualização do Mistério Pascal de Cristo, e, portanto, a vida dos cristãos é projetada para a realidade atemporal.

Xavier Zubiri, em sua obra “Inteligência e Realidade”, ao falar de temporeidade, afirma:

A temporeidade não é uma estrutura fundada na ulterioridade, nem a ulterioridade é algo fundado na temporeidade. Mas se trata de que a própria estrutura desta ulterioridade é formalmente temporeidade. Dito em outros termos, o caráter de essencial da ulterioridade do ser é a temporeidade. O “real” é. Esta atualidade consiste em primeiro lugar em que a coisa “já-é” no mundo; e em segundo lugar em que a coisa “ainda-é” no mundo. Portanto, “ser” é sempre “já-é-ainda”: aí está a temporeidade. Não se trata de três fases de um transcurso cronológico, mas de três fáceis estruturais da própria ulterioridade do ser. (ZUBIRI, 2011b, p. 159).

Dito isso, concluí-se que o pensar zubiriano se alinha com aquilo que é próprio da Liturgia das Horas que, celebrada no tempo, garante ao ser humano se conectar com Deus; e, sendo assim, em cada vivência do Mistério Pascal é atualizada a presença do Ressuscitado, que é inesgotável na história.

Ao se falar da projeção da vida cristã, ao longo do tempo, quer-se indicar que os cristãos, ao formarem a assembleia orante para rezar a Liturgia das Horas, inserem-se na ulterioridade, que tem por estrutura formal a temporalidade.

É incompatível, para os que desejam santificar as horas do dia com a celebração da Liturgia das Horas, desconectar-se do que se denomina de duas realidades: o tempo e a liturgia. Na celebração da liturgia terrestre, os cristãos não só reconhecem a sua temporalidade, mas a eles é garantido aquilo que é próprio da natureza da liturgia: atualizar o Mistério de Cristo.

Esta atualização é a realidade pascal que congrega os cristãos numa só fé; que revigora a vitalidade da comunidade e que impulsiona os fiéis a terem a certeza de que a motivação primeira para a vivência da Liturgia das Horas está centrada em Cristo, que permanece vivo na Igreja.

Se se afirma que a motivação primeira da Liturgia das Horas tem a sua origem no Mistério Pascal de Cristo, logo se pode intuir que o Ofício Divino tem o seu fundamento no tempo e na eternidade.

A expressão Liturgia das Horas indica claramente a relação entre a oração da Igreja e os tempos dedicados a oração. Trata-se de prece que imprime ritmo aos diversos períodos do dia, com sua alusão às cadências cósmicas e aos acontecimentos salvíficos, fundidos, na realidade, na pessoa de Jesus, a que aludem os diversos períodos do dia com a riqueza das referências eucológicas (BOROBIO, 2000a, p. 385).

É do conhecimento geral, que a Liturgia tem a sua função própria, isto é, ao celebrá-la, os fiéis mergulham na realidade que é Cristo, e as suas vidas se transformam num culto agradável a Deus.

É próprio da Liturgia assegurar aos cristãos que, na celebração do Mistério Pascal, não pode haver uma dissociação entre o sagrado e a vida dos cristãos, que é fortemente marcada pelo ritmo das horas do dia, o que se traduz em oração, descanso, trabalho, atividade, comunhão com o próximo.

Nessa direção, destaca-se preliminarmente que a Liturgia das Horas tem o seu caráter teológico, pois celebrada na realidade temporal, projeta a vida dos cristãos para Cristo, uma vez que os fiéis se encontram como Igreja ao redor de Jesus.

Não pode haver oração cristã sem a ação do Espírito Santo (IGLH n. 8). A LH, em particular não poderia ter como sujeito operante a igreja inteira se o Espírito Santo não unisse todos os seus membros e não os harmonizasse com a cabeça, Cristo (IGLH n.8). É o Espírito Santo quem faz este corpo viver com a sua presença: ele é alma de todas as suas atividades salvíficas e particularmente da oração. O Espírito Santo estabelece a união perfeita entre a oração da Igreja e a de Cristo e é Ele que faz jorrar do coração da Igreja o louvor trinitário, que ecoava desde toda a eternidade no céu e que foi trazido para a terra por Cristo (IGLH n. 3). É Ele quem torna presente e viva toda a Igreja orante nas assembleias e nas pessoas que celebram a LH. O Espírito Santo, impregnando de si mesmo a oração da Igreja, torna agradável ao Pai (RAFFA, 2009, p. 667).

Sendo assim, intui-se que é o Espírito Santo que suscita no coração dos que rezam encontrar, nos salmos invitatórios, nos hinos, nos salmos correspondentes a cada semana, nas leituras, no cântico evangélico, nas preces e conclusão de cada hora, as respostas do Deus que lhes fala.

Na celebração do mistério da Eucaristia, os cristãos podem projetar a vida em Cristo. É evidente que na Eucaristia está o centro e no ápice da vida cristã. Dito isto, entende-se que na Liturgia das Horas esta projeção assume a sua função, pois, na

realidade do tempo cronológico, o tempo Kayrótico é incorporado. Eis aí a dimensão escatológica da Liturgia das Horas.

É próprio da celebração do Mistério Pascal estar presente na realidade escatológica, para o qual os cristãos são projetados. Costa, em seu artigo “Tempo e liturgia: uma abordagem no horizonte da metafísica zubiriana”, discorre sobre o tema da projeção da vida cristã ao longo do tempo:

A partir desse tempo de duração do Mistério Pascal, vivemos o tempo da elaboração e vivência dos projetos suscitados pelo Mistério Pascal. Esses projetos, evidentemente tem as características da vida nova trazida pelo Mistério Pascal. A *Lex orandi* demonstra claramente isso. A oração litúrgica do 9º Domingo do Tempo Comum suplica a Deus Pai com estes termos: “Ó Deus [...] dai-nos proclamar nossa fé não somente com palavras, mas também com a verdade de nossas ações (COSTA, 2020a, p. 366).

Quando se diz que a Eucaristia é projetiva (COSTA, 2020a, p. 366), quer-se garantir que o que dela provém: faz perdurar a presença de Cristo na vida da Igreja. Na Liturgia das Horas não poderia ser diferente.

Todos os que rezam o Ofício Divino se permitem mergulhar no que é chamado de movimento ascendente e descendente. Ou seja, o seguidor de Cristo se eleva a Deus através de toda a ritualidade, que é própria da Liturgia das Horas, vivendo assim a dinâmica presente nos salmos, o que possibilita a atualização da presença de Deus na realidade.

É na Liturgia das Horas que se realiza, de modo significativo, a projeção da vida em suas diversas dimensões: sociais, antropológicas, a busca do bem que vence o mal, a oração que se traduz em louvor, pedido e benção; a conversão pessoal e comunitária e o desejo de servir ao próximo.

Em cada palavra contida nos salmos, encontra-se esta realidade projetiva, permitindo aos cristãos viverem da certeza de que estes projetos se concretizarão, pois eles têm por fundamento Jesus Cristo.

É a partir do conceito de temporalidade que podemos viver e celebrar o Mistério Pascal. É na realidade do “ainda não” que os cristãos se reúnem para rezar, e, assim, garantem a duração de um fato passado, que torna presente o Cristo ressuscitado, projetando a vida dos que rezam numa perspectiva de futuro, isto é, a vida eterna!

Assim os fiéis dizem na aclamação memorial: “Anunciamos, Senhor, a vossa morte e proclamamos a vossa ressurreição. Vinde Senhor Jesus”. É, justamente o olhar para o passado, com a certeza de atualização do Mistério Pascal celebrado, que se realiza a projeção de uma vida sem fim para a Trindade.

É no sacramento da Eucaristia que de forma peculiar se realiza tão grande mistério. Na Liturgia das Horas, também acontece essa realidade projetiva que tende a empurrar a vida para um futuro que é certeza de vida eterna.

A LH, pela sua característica horária, prolonga no tempo, a potencialidade santificadora desenvolvida na Eucaristia, e nas outras ações sacramentais. Assim, toda a vida sacramental se reflete no Ofício Divino e impregna todas as horas através do louvor e da contemplação e, desta maneira, santifica o tempo justamente pelo fato de santificar as pessoas, que são medida do tempo e o próprio tempo com o seu perdurar no ser. Quem se mostra dócil à ação do Espírito, removendo corajosamente todos os obstáculos e criando em si as disposições idôneas, recebe por meio da LH uma grande força para escalar a santa montanha da perfeição (RAFFA, 1992, pp. 668-669).

Quando se diz que o ser humano sente a necessidade de parar determinadas horas do dia para rezar, mostra-se que, com este gesto, não é somente o cosmo em que se vive que é santificado, mas é a criatura humana que permite que a sua vida seja tocada por Deus. Aqui se realiza a projeção da vida no Mistério Pascal de Cristo que é celebrado e prolongado no tempo.

Recorre-se ao pensamento trazido por Boróbio, ao indicar a Liturgia das Horas, como momento privilegiado de unir a vida dos fiéis – que se reúnem para celebrar no tempo – à vida de Jesus:

A vida do cristão, entre o tempo e a eternidade, tem a dimensão de realismo temporal e está impregnada do mistério de Jesus. A Liturgia das Horas é celebração de nossa vida em Jesus. [...] a Liturgia das Horas santifica, portanto, a vida do homem que se volta para Deus, no início e no fim de cada um de seus dias, para fazer o que sempre faz toda a liturgia: celebrar e manifestar, nas dimensões do rito, aquela que é nossa atitude constante em cada minuto do dia, nossa incessante oferenda espiritual que fazemos de nós mesmos em Jesus para a glória do Pai, assim como também em ação de graças pelo dom da salvação em Jesus Cristo. [...] Existe, bastante identidade e continuidade entre a celebração e a vida. De tal maneira que a liturgia expressa o que somos, e a existência quotidiana prolonga o que celebramos (BOROBIO, 2000a, pp. 390-391).

Adentrar-se-á ao tema da Liturgia das Horas a serviço do amor e da humanização, que faz realizar a contínua atualização do Mistério Pascal, tornando uma prática comum de oração da comunidade.

3. LH a serviço ao amor e à humanização

Pode-se descobrir, na celebração da Liturgia das Horas, o seu ritmo próprio, que tem por finalidade valorizar a importância do tempo, como dom de Deus, em que o ser humano encontra a solidez para a sua existência.

Segundo o sociólogo Zigmunt Bauman, vivemos em “tempos líquidos”, nos quais se corre o sério risco de não eternizar as coisas de Deus no quotidiano da vida. Parece-nos arriscado afirmar tal coisa desta maneira; mas, ao que parece, o homem hodierno contaminou-se pela cultura do descartável.

Para elucidar melhor esta afirmação, recorre-se ao artigo “Tempo, esperança e utopia: um ensaio filosófico em tempos de pandemia”:

A experiência humana parece estar em plena sintonia com o pensamento heraclítico que afirma que “tudo flui” e que “é impossível se banhar duas vezes no mesmo rio”, a vida dos seres humanos transcorre no tempo, e o que parece ser sólido e firme, no fundo, é só uma ilusão momentânea. Não obstante, a experiência cristã tende ao eterno, ao idêntico, ao razoável por se basear na imutabilidade de Deus e na certeza do fim pela ressurreição de Jesus (BERNARDES, 2020, p. 2).

Se, no tempo cronológico, se eternizam as coisas de Deus, ao afirmar que a Liturgia das Horas está a serviço do amor e da humanização, quer-se destacar a importância que o tempo tem na vida do ser humano.

Embora a vida humana esteja imersa no tempo, é necessário considerar que o tempo simboliza para o ser, agente histórico, aquilo que, na Liturgia das Horas, pode-se resgatar: na prática celebrativa do Ofício Divino é possível sentir e inteligir o gosto de eternidade.

A essência da Liturgia das Horas não só evidencia o amor de Deus, mas proporciona aos que rezam a oportunidade de viver em comunhão com a Trindade e de ser parceiro do futuro. Um futuro que se atualiza todas as vezes que os fiéis se encontram para celebrar o Mistério Pascal.

A vida tem sentido quando, na oração do Ofício Divino, se reconhece que o tempo de Deus se incorpora ao ritmo diário das horas, e assim, faz tudo se orientar para Cristo, que é o tudo e o sempre da Igreja.

Em Cristo não existe mais distância temporal, existe apenas presença íntima. Nele não existe mais passado, mas sempre e somente presente. Com Ele, o fiel volta-se e abre-se para o futuro. Não se sente saudade do passado, mas sim desejo e sede do futuro. É o 'já', mas 'ainda mais' que claramente se apresenta como tal. No impacto do eterno com o tempo liberta-se a presença de Cristo no tempo e aprofunda-se a união com Ele que se perpetua no eterno. Paradoxalmente, o tempo, desde que, com Cristo, sumo e eterno sacerdote, se torna tempo litúrgico, ele se transcende a si mesmo. Por outro lado, o Pensamento do Pai, concretizado e por nós realizado em Cristo (o Pai nos escolheu nele: (Ef 1,4) em virtude do Espírito Santo, é tal que Ele não nos pensa fora de Cristo. E nós, por enquanto, não podemos estar fora do tempo, que é Ele: o Senhor (TRIACCA, 2009, pp. 1168-1169).

É nesta presença íntima, isto é, em Cristo, que é Senhor do Tempo, que os cristãos, ao rezarem o Ofício Divino, podem impregnar a própria vida do amor de Deus, que humaniza, e assim o faz assumir a sua própria identidade, ou seja, ser "tempóreo".

É essa a afirmação que o teólogo brasileiro Matheus da Silva Bernardes faz, ao recordar o pensamento do filósofo Xavier Zubiri falando acerca do tempo: "o ser humano não é só temporal, mas tempóreo, isto é, inquieto" (BERNARDES, 2020, p. 2). Enquanto um ser inquieto, o ser humano anseia por se conectar com Deus.

Se para o fiel católico, a vida de oração se apresenta como uma necessidade vital para a experiência de comunhão com Deus, é plausível que o tempo deva simbolizar para os cristãos o caminho da esperança que eterniza a vida do Ressuscitado na vida dos que buscam santificar as horas do dia, através do Ofício Divino.

Embora este estudo dissertativo não consista numa análise detalhada sobre a estrutura da Liturgia das Horas, acredita-se que uma apresentação sobre os elementos presentes na celebração do Ofício Divino, elucide o itinerário que garante o serviço ao amor e à humanização da vida dos que santificam as horas do dia, através da oração.

Buyst, em sua obra “O Mistério Celebrado: Memória e Compromisso II”, mostra que, neste contexto de contemporaneidade, muitos desconhecem a beleza e o devido valor que tem a celebração do Ofício Divino.

Ao longo da batida rítmica das horas, encontra-se, no decorrer do dia, a presença do Cristo ressuscitado, que se atualiza no tempo:

Ofício da manhã – é celebrado ao nascer a luz do novo dia. Por ele consagramos a Deus o dia que começa e celebramos a ressurreição do Senhor. Ofício da tarde – é celebrado ao anoitecer. Com a chegada da noite, agradecemos o dia que passou. Pela oração, oferecemos, recordando a ceia e a morte de Jesus, quando Ele se entregou ao Pai pela salvação do mundo inteiro. Rogamos pela vinda gloriosa da Cristo. Ofício de Leituras – tem caráter noturno (é celebrado de noite ou de madrugada), mas, se necessário, pode ser realizado na hora que mais convém. É um momento de encontro com o Senhor, meditando mais longamente leituras bíblicas, patrísticas (escritos dos Santos Padres e Mães da Igreja), hagiográficas (vida de santos) e espirituais. As leituras vêm acompanhadas de salmos, hino, oração e outros elementos que favorecem o diálogo com o Senhor. Vigílias – é um ofício de leituras ampliado, semelhante a vigília pascal, realizado principalmente para iniciar o domingo (sábado à noite) e as grandes festas ou também em momentos especiais, como romarias. É uma vigília para o Senhor, aguardando a sua vinda. Às leituras bíblicas é acrescentada a proclamação de um dos evangelhos da ressurreição ou da festa. Outros ofícios – as horas menores (oração das nove, das doze, das quinze horas) e a oração da noite (completas, antes do descanso noturno) (BUYST, 2004, pp. 139-140).

Em qualquer circunstância da vida, ao longo do dia, os cristãos são convocados por Cristo a viverem uma experiência de fé, que se traduz na oração, vivida e celebrada no tempo, a qual tem por finalidade atualizar o Mistério Pascal.

Se, no dito popular, o tempo é entendido como uma sucessão de passado, presente e futuro, vê-se agora que, a partir da celebração do Mistério Pascal, vivido na Liturgia das Horas, e assumido como memorial, faz-se prolongar a presença de Cristo na vida da comunidade.

Aposta-se que, por esse motivo, é que a Igreja assume como postura – diante dos desafios da contemporaneidade – a oração da manhã e da tarde, como momentos privilegiados de ressignificar a vida humana, a partir do mesmo contexto que atingiu a vida de Jesus: ao raiar do dia, resplandece as alegrias e esperanças que são próprias da ressurreição; ao entardecer, o mesmo sol nascente, que visita a Igreja que

peregrina neste mundo, se põe, para sinalizar que os cristãos manifestam a espera pela vinda do Senhor. Maranata!

A natureza e o espírito de cada hora celebrados no Ofício Divino, faz concluir que a presença de Cristo não é só atualizada na Igreja, mas também possibilita ao ser humano santificar o tempo, vivendo a dimensão comunitária da Liturgia das Horas, que tem o seu arquétipo no louvor interior, que é inerente ao pedido de Jesus: “orar sempre, sem jamais esmorecer” (Lc 18,1).

Se é verdade que a oração, feita por qualquer cristão ou por qualquer grupo de crentes, é assumida como própria pela Igreja, é também verdade que somente a Liturgia das Horas manifesta plenamente toda a Igreja orante como tal e a sua permanência constante na oração, e somente ela a realiza da forma mais espontânea e consentânea às pessoas e aos lugares. Esta oração é a mesma que a Igreja considera como sua por um título especial, isto é, como Corpo Místico total de Cristo (AUGÉ, 2004, p. 265).

A Constituição *Sacrosanctum Concilium*, sobre a Sagrada Liturgia, no capítulo IV, ao se referir ao Ofício Divino, o valoriza como obra de Cristo e da Igreja:

Ao assumir a natureza humana, Cristo Jesus, sumo sacerdote do Novo e Eterno Testamento, introduziu neste exílio terrestre o hino que eternamente se canta no céu. Unindo-se a toda estirpe humana, a associa ao seu próprio cântico de louvor. Continua a exercer a este seu papel sacerdotal por meio de sua Igreja, que louva o Senhor sem interrupção e ora pela salvação de todo mundo, não apenas na celebração da Eucaristia, mas especialmente no desempenho do Ofício Divino (SC n. 83).

Louvar o Senhor sem interrupção é uma das características próprias da Liturgia das Horas. Como já mencionado, não pode haver uma dissociação do modo de viver no tempo com a vida de comunhão com Deus que se dá através da oração.

Alguém que esteja desenraizado da vida de oração já não pode falar em amor e humanização, se não tiver como horizonte ao que chamamos de contínua atualização do mistério de Cristo, que se dá também através da Liturgia das Horas e que tem por finalidade santificar o tempo.

Um dos maiores desafios de hoje é inteligir sencientemente o tempo em sua totalidade, isto é, “o resgate da existência temporizada da pessoa e da comunidade, de uma relação equilibrada entre as diversas dimensões do tempo, e da realidade tempórea do ser humano” (BERNARDES, 2020, p. 4).

Pode-se afirmar que a concepção que o ser humano tem acerca do tempo, está relacionada ao que se denominam as suas estruturas: passado, presente e futuro! A dimensão da temporalidade, que tem o seu lugar na celebração da Liturgia das Horas, não desconsidera o olhar para o passado; porém, este olhar traz consigo a perspectiva de atualização, que é própria da Liturgia da Igreja.

A reflexão do teólogo Bernardes, que já mencionamos noutros momentos, permite valorizar e reforçar a natureza da Liturgia das Horas, vivida e celebrada no quotidiano da vida.

Para fundamentar essa afirmação, pode-se dizer que o conceito de estrutura do tempo definida pelo mesmo teólogo contribui para uma compreensão assertiva do tempo, enquanto atualização do mistério de Cristo, celebrado pelos fiéis no Ofício Divino, tem a sua peculiaridade de valorizar o futuro (vida eterna) como simultaneidades dos tempos de cada realidade:

O futuro, portanto, não é “de qualquer jeito”, mas um por vir que se decide para chegar a ser. O passado já não é, porque se foi; mas o passado sempre estará presente como possibilidade; no campo da liberdade humana, o passado se faz presente como jogos de possibilidades. Nesse sentido, o presente não é somente agora, mas a situação em que o passado deixou – e sempre deixará – o ser humano (BERNARDES, 2020, p.6).

Ao se dizer que o passado não é “de qualquer jeito”, entende-se que, na Liturgia das Horas, encontra-se um itinerário para o que se denomina o serviço ao amor e à humanização, que tem as suas raízes no passado, mas a dimensão de uma contínua atualização é imprescindível, pois nela se encontra a certeza de configuração à Trindade.

Na Oração da Coleta da Solenidade da Ascensão do Senhor, encontra-se um significado perfeito no que diz respeito à estrutura do tempo como dimensão da realidade que une o ser humano às coisas do céu. Ei-la: “Ó Deus todo-poderoso, a ascensão do vosso filho, já é nossa vitória. Fazei-nos exultar de alegria e fervorosa ação de graças, pois, membros de seu corpo, somos chamados na esperança a participar da sua glória”.

Embora as marcas do tempo sejam tão evidenciadas no decorrer da vida humana, a possibilidade de eternizar as coisas de Deus nas batidas rítmicas das

horas, será sempre manifesta para os que buscam viver essa sinergia que é própria da Liturgia das Horas.

Olhar para o passado, celebrá-lo no presente, tendo uma visão para o futuro, é o caminho seguro para que seja garantido o sentido teológico da dimensão do tempo, não só como possibilidade, mas esperança de participação dos cristãos, que, ao celebrarem o Ofício Divino, mergulham na realidade de salvação oferecida por Cristo.

No Livro XI das confissões, Santo Agostinho, ao falar que o tempo não pode medir a eternidade, afirma que:

Quem afirma tais coisas, ó Sabedoria de Deus, Luz das inteligências, ainda não compreendeu como se realiza e que se faz por Vós e em Vós. Esforça-se por saborear as coisas eternas, mas o seu pensamento ainda volta ao redor das ideias, ideias da sucessão dos tempos passados e futuros e, por isso, o que excogita é vão. [...] Na eternidade, ao contrário, nada passa, tudo é presente, ao passo que o tempo nunca é todo presente. Esse tal, verá que o passado é impelido pelo futuro e que todo o futuro está precedido de um passado, e todo o passado e futuro são criados e dimanam daquele que sempre é presente. Quem poderá prender o coração do homem, para que pare e veja como a eternidade imóvel determina o futuro e o passado, não sendo nem passado e nem futuro? Poderá, porventura, a minha mão que escreve explicar isso? Poderá a atividade da minha língua conseguir pela palavra realizar empresa tão grandiosa? (AGOSTINHO, 2014, p. 301).

Diante de tais questionamentos acerca do tempo da eternidade feita pelo Bispo de Hipona, resta concluir que mesmo tendo um pensamento condicionado ao tempo, a partir de sua estrutura clássica (passado-presente-futuro), nele não se encontra a justa medida que o definirá como o tempo de Deus.

A Instrução Geral da Liturgia das Horas indica a recitação de cada hora canônica, como momento privilegiado de santificação do dia:

Como a santificação do dia e de toda a atividade humana é finalidade da Liturgia das Horas, o seu curso foi de tal modo reformado que cada hora voltou tanto quanto possível ao seu verdadeiro momento, levando-se ao mesmo tempo em conta as condições da vida moderna. [...] Por isso, tanto para realmente santificar o dia, quanto para recitar com fruto espiritual as mesmas horas, é bom que na recitação se observe o tempo que mais se aproxime do momento verdadeiro de cada hora canônica (IGLH, n. 11).

É justamente por isso, que, na prática celebrativa da Liturgia das Horas, os clérigos e os fiéis podem manter a mente e a própria existência no mistério pascal de Cristo, garantindo não somente a salvação que é trazida por Jesus Cristo na santificação do tempo, mas também, faz o ser humano se realizar na plenitude que se encontra no tempo de Deus, manifestado no transcurso das horas.

Neste sentido, embora não seja a nossa intenção falar da estrutura das horas canônicas, e uma vez que já se abordou esse tema anteriormente, julga-se necessário, a título de informação, apresentar as principais horas de oração contidas na Liturgia das Horas, na qual se permite santificar determinadas horas do dia, fazendo alusão às mesmas horas em que Jesus se manteve em plena conexão com Pai.

4. As horas da oração

Ao se afirmar que a Liturgia das Horas está a serviço do amor e da humanização quer-se evidenciar o caráter de contínua atualização que se realiza na vida da comunidade, que se reúne em determinadas horas do dia para celebrar o Mistério Pascal de Cristo.

A tradição monástica valorizou a importância da oração, bem como o trabalho diário. Para os monges, era incompatível desconectar a vida de oração da vida de trabalho. Entende-se que os monges consideram como um bom itinerário para chegar até Deus, uma acertada alternância e uma equilibrada medida de oração e trabalho, isto é, *ora et labora*.

Neste sentido, intui-se que estas duas vertentes – oração e trabalho – são inerentes ao ser humano e que seriam fundamentais à vida humana. Portanto, é possível concluir que para chegar a Deus não é necessário “deixar o mundo”; ao contrário, se faz necessário reconhecer que, através da oração, é possível se conectar com Deus.

Os monges, bem como os clérigos, se comprometem a apresentar ao Pai a mesma prática de oração assumida por Jesus, isto é, a oração dos salmos. Os cristãos são chamados a assumir esta mesma prática oracional.

Nesta direção, o teólogo Beckhauser, em sua obra intitulada “O Sentido da Liturgia das Horas”, apresenta os dois principais pilares da oração quotidiana, que

fazem todo o sentido para os que, na celebração da Liturgia das Horas, vivem o Mistério Pascal nas batidas rítmicas do tempo:

Nas comunidades reunidas em oração, a Igreja vive diariamente como que os mistérios do Tríduo Pascal da Paixão-Morte, Sepultura e Ressurreição do Senhor. Une sua oração a Cristo nos passos do Tríduo Pascal, mesmo evocando os demais mistérios de sua vida terrestre. Este caráter de vivência pascal, de passagem da morte para a vida em Cristo, manifesta-se pelos elementos de cada uma das Horas. [...] A experiência pascal originária da Liturgia das Horas está ligada a vivência diária do mistério pascal, a partir do ritmo da luz, como na oração diária dos judeus. Trata-se de uma experiência de morte e vida, na experiência diária de trevas e luz, de noite e dia, de tarde e manhã (BECKHAUSER, 1995, pp 25-26).

Como já foi dito, a tradição monástica valorizou a importância de todas as horas canônicas. Nesta dinâmica, pode-se constatar que, pela prática da oração dos salmos, que tem por finalidade santificar as horas do dia, os monges vivem o que aqui chamamos de intercâmbio de dons entre o céu e a terra.

É esta realidade que deve ser assumida pelos discípulos de Jesus. Se por motivos da correria do dia a dia, que torna o tempo cada vez mais líquido, o crente é chamado, ao menos duas vezes ao dia, a dar uma pausa para poder se conectar com Deus.

Considera-se de suma importância, para valorizar a Liturgia das Horas como este serviço ao amor e à humanização, que traz consigo a dinâmica da contínua atualização do Mistério Pascal de Cristo, realçar, novamente, as duas principais horas do ofício: as Laudes e as Vésperas.

O louvor matinal ou Laudes é o louvor da Igreja pelo mistério de Cristo, sobretudo de seu aspecto glorioso: a Ressurreição. O sol que desponta, dando forma e beleza a todas as coisas, o levantar-se, o reiniciar os trabalhos, o alimento, são símbolos da vida e ponto de partida para o louvor de Deus. Cada louvor matinal constitui uma pequena celebração da ressurreição de Cristo e da nossa ressurreição com Ele (BECKHAUSER, 1995, pp 26-27).

Citando a Introdução geral da Liturgia das Horas, no número 38, Beckhauser afirma:

As laudes se destinam e se ordenam a santificação do período da manhã, conforme se depreende de muitos de seus elementos... Por outro lado, essa hora é celebrada ao despontar a luz de novo dia e

evoca a ressurreição do Senhor Jesus, que 'é a luz verdadeira, que ilumina todo o ser humano' (cf. Jo 1,9); é o 'sol da justiça' (Mt 4,2) 'que nasce do alto' (Lc 1,78). É neste sentido que bem se entende a admoestação de São Cipriano: 'Deve-se orar logo de manhã, para celebrar na oração matinal a ressurreição do Senhor' (BECKHAUSER, 1995, p. 27).

Na oração da manhã, portanto, aquele que ora, ao apresentar a Deus a prece de louvor e súplica, não só recorda a ressurreição de Jesus, como atualiza a Sua presença na vida da comunidade.

Na oração das vésperas, o orante evoca os mistérios da tarde, que garantem a presença de Deus que, no declinar do dia, está presente na comunidade através do Mistério Pascal celebrado.

Às vésperas são, por sua vez, ao declinar do dia, prece de ação de graças pelo dia passado na salvação de Deus, 'são como incenso na presença do Senhor... levantar de nossas mãos... como sacrifício vespertino'. Vem espontaneamente a memória do cristão os mistérios da tarde: a ceia do Senhor e 'aquele outro sacrifício vespertino, isto é, na plenitude dos tempos, pelo qual ele mesmo, no dia seguinte estendendo as mãos, se entregou ao Pai pela salvação do mundo inteiro'. Ao chegar o pôr do sol e ao ver a luz da tarde, as igrejas do Oriente e Ocidente voltaram-se espontaneamente para a 'Luz radiante, da santa glória do eterno Pai celeste, Jesus Cristo', e cantaram ai Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo (BORÓBIO, 2000a, p. 408).

Portanto, na oração da manhã, resgata-se, como princípio basilar, a dinâmica da ressurreição, que externa a certeza do dia sem ocaso, pois também, nas vésperas, está presente, quando se faz memória da ceia e da cruz do Senhor.

Nestas duas realidades: Laudes e Vésperas, percebem-se os valores antropológicos da Liturgia das Horas, e, delinear a importância da oração, vivida e celebrada no tempo, sem perder a sua essência, que é próprio da liturgia da Igreja: a contínua atualização do Mistério Pascal de Cristo.

Conclusão

Toda a estrutura da dissertação tem como ponto de partida o pensar filosófico de Xavier Zubiri, que apresenta uma nova perspectiva acerca do tempo. Como já mencionado anteriormente, o tempo é uma questão, antes de tudo, metafísica.

Para fundamentar essa afirmação, recorreu-se à definição apresentada por Costa, em seu artigo “Tempo na Liturgia: uma abordagem do horizonte da metafísica zubiriana”:

O estudo que fizemos partiu do conceito zubiriano de tempo e nos levou à uma dimensão muito importante da sua metafísica. O ponto mais importante foi a questão do tempo mesmo como modo de ser. Isso implica que o tempo não tem substantividade, portanto não é uma coisa.; é atualização da coisa enquanto realidade. Um dos elementos relevantes é o reconhecimento de que a realidade litúrgica é primária e radical, e seu ser é ulterioridade, cujo caráter tempóreo é essencial. O caráter tempóreo se abre à temporalidade, que, de um lado tem a necessidade de dar tempo para que o evento pascal seja celebrado e, por outro, precisa buscar nas estruturas temporais da liturgia nas estruturas mesmas da coisa liturgia. Aí há necessidade de conhecer os rituais com amis profundidade (COSTA, 2020a, p. 368).

A partir dessa abordagem acerca do tempo, dentro da metafísica zubiriana, concluiu-se este capítulo, afirmando que a Liturgia é uma realidade que alcança o ser humano criado e amado por Deus, e que a celebração do Ofício Divino cumpre a sua função, cuja meta não é somente de santificar as horas do dia, mas também fazer perdurar o Mistério Pascal ao longo do tempo.

Recorreu-se à metafísica zubiriana, justamente para afirmar que o tempo não é uma realidade. Sendo assim, tem-se segurança para desconstruir o conceito clássico que se tem do tempo, isto é, a tríplice concatenação passado-presente-futuro.

Nessa direção, conclui-se que o Mistério Pascal só pode durar e perdurar se for atualizado sistematicamente, segundo tempos determinados, como propôs a sabedoria judaica, e que os cristãos a adotaram como uma das mais importantes heranças do povo de Israel.

Se o tempo é o modo como se está, evidencia-se que a Liturgia das Horas é uma atualização de Cristo no transcorrer do dia, cuja luz realiza o Mistério Pascal enquanto símbolo do “Sol Vivente”.

O pensamento inovador e original de Zubiri acerca da Inteligência Senciente contribui para que se tenha uma compreensão da Liturgia das Horas como atualização do Mistério Pascal e uma projeção da vida cristã, ao longo do tempo.

Por isso que se torna imprescindível, para os cristãos, superar a mentalidade que, para as liturgias serem de fato um serviço ao amor e à humanização, faz-se necessário pender para o sentimentalismo ou para o racionalismo.

O modo senciente de se posicionar é, até aqui, a melhor maneira de abordar os diversos fenômenos que há milênios intrigam a própria razão de ser da história humana: a religião é uma manifestação puramente sentimental? É uma manifestação do intelecto, capaz de discernir o que viria de si ou de um ente superior?

Já foi mencionado anteriormente que se torna um tanto quanto arriscado optar por fazer uma ruptura entre o sentir e o inteligir, considerando-os como duas capacidades abalizadas e absolutamente distintas.

Para Zubiri, passa a existir uma nova epistemologia no que se refere a inteligência senciente, pois “inteligir é um modo de sentir, e sentir é, no homem, um modo de inteligir” (ZUBIRI, 2011b, prólogo liv).

Neste sentido, o filósofo contemporâneo em questão apresenta estruturas para compreender que atualizar o Mistério Pascal de Cristo, através da Liturgia das Horas, é fazer presente uma realidade em nossa inteligência.

Pois bem, a inteligência tem diferentes modos, isto é, há diferentes modos de mera atualização do real. Há um modo primário e radical, a apreensão do real atualizado em e por si mesmo: é o que chamo de apreensão primordial do real. Por isso, seu estudo é uma análise rigorosa das ideias de realidade e de inteligência. Mas há outros modos de atualização. São os modos, segundo os quais o real é atualizado não somente em e por si mesmo, mas também entre outras coisas e no mundo (ZUBIRI, 2011b, prólogo lv).

Na celebração da Liturgia das Horas, atualiza-se e, portanto, “presentifica-se” o Cristo que é real. Apreender essa realidade sencientemente é viver convicto de que fazer memória não é somente voltar no tempo, como uma lembrança inatingível.

Ao contrário, neste olhar para o passado, o fiel projeta a própria vida a Cristo, e numa perspectiva de futuro, faz com que permaneça na própria vida, a garantia dada por Jesus ao subir para o céu: convivendo na terra com as realidades do céu, os

cristãos se voltam para o alto, donde está junto do Cristo a humanidade (cf. Oração depois da comunhão, da Solenidade da Ascensão do Senhor).

A santificação das horas, que foi proposta aqui, é como um selo demonstrativo da riquíssima tradição católica e que, sob a ótica que foi trazida, a partir do olhar de Zubiri, não resta em aberto a questão de se, e como a Liturgia das Horas é, de fato, o instrumento a serviço do amor e da humanização, calcada na puríssima tradição apostólica, ritmicamente, hora após hora.

Foi utilizado o conceito de Inteligência Senciente para tentar explicar aquele como que um lampejo que se experimenta diante da Verdade, porque de uma vez sentimos e de uma vez pensamos que aquilo a que estamos expostos vem de Deus.

Estendeu-se os conceitos de Zubiri para a dimensão da experiência pessoal e comunitária da apreensão da realidade que a oração sincera que brota do coração seja levada ao Senhor e que suas respostas sejam compreensíveis: aqui justamente repousa a chave do conceito zubiriano.

Quando o Senhor responde, de uma vez pode-se compreender: não apenas como um formigar de sentimentos exacerbados, muito menos como uma espécie de ideia própria brotada de nosso intelecto; mas sim, uma legítima apreensão e compreensão inequívoca de que “ouvimos” a Deus, em nossa mente e em nosso coração, indistintamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que esse estudo teve por finalidade evidenciar a importância da oração e que tem como ponto de partida o Mistério Pascal vivido e celebrado comunitariamente, intuiu-se que a Liturgia das Horas só pode perdurar se for atualizada sistematicamente, em horas previstas e universalmente aceitas.

Diante dos desafios inerentes à vida humana, constatou-se que o aprofundamento na celebração da Liturgia das Horas, que é referência objetiva de oração para a Igreja, atualiza o Mistério de Cristo no transcorrer do dia. Cristo é o “Sol Vivente”, cuja luminosidade se realiza no Mistério Pascal.

A contribuição trazida por Xavier Zubiri foi fundamental para se compreender o conceito de atualização e inteligência senciente. A partir destes dois conceitos, foi feita uma interface para abranger a Liturgia das Horas como atualização de Cristo ao longo do tempo.

Sendo assim, a presente dissertação pondera que se a Liturgia das Horas é um poderoso meio de atualização diária do Mistério Pascal de Cristo, os fiéis que se encontram para rezar os salmos de forma individual, ou comunitária, não só “presentificam” o próprio Cristo, bem como tornam esta prática litúrgica de oração um instrumento simples, expressando a sua teologia e espiritualidade, marcada pelo desejo que procura de viver o que celebra e celebrar o que vive manifestado pela fé.

É por esse motivo, como já foi mencionado, ao longo desta dissertação, que a intenção é valorizar o tempo como uma realidade que pode ser atualizada através da celebração da Liturgia das Horas.

Se na contemporaneidade o ser humano se vê pressionado pelo tempo como uma realidade que se esvai pelas mãos, e que acaba se perdendo pelo ativismo tão presente em nossa sociedade, mostramos que, através da celebração do Ofício Divino, expressão do Mistério Pascal, o crente de verdadeira oração, não somente faz memória do fato passado, mas atualiza a presença de Nosso Senhor Jesus Cristo na comunidade.

Sendo a celebração da Liturgia das Horas uma prática eclesial, pode-se concluir o que dela é próprio, ou seja, santificar o tempo, e através desse gesto, garantir uma experiência de salvação.

Dito isto, reafirma-se que a intenção nesta pesquisa dissertativa foi apresentar os elementos do Ofício Divino que contribuem na atualização do mistério de Cristo. Para isso, foi de suma importância recorrer ao pensamento de Xavier Zubiri, brilhante filósofo contemporâneo, que apresentou o conceito de atualização. Para o filósofo basco, atualizar é fazer presente uma realidade em nossa inteligência.

Percorrendo esse caminho, os cristãos passam a se convencer de que a fé também passa pelo “sentir”, o que possibilita viver de modo com que os seus corações e mentes sejam atualizados no mistério de Cristo, a partir da santificação das horas.

É por isso que se pode afirmar que, se a Liturgia das Horas não for retomada por todos os fiéis como atualização do Mistério de Cristo, no transcurso do dia, as mentes ficarão embotadas e retidas em realidades que não se abrem e que não admitem a abertura para o Mistério de Cristo.

A não abertura ao Mistério Pascal de Cristo gera uma espécie de ingenuidade sobre o que se denomina “a realidade”, e que não deixa perceber a escravidão do consumismo e as divisões que essa ingenuidade simplória causa nas relações humanas. Tais divisões geram individualismos exacerbados, desvalorizando a beleza da oração, que atualiza a presença de Cristo na comunidade.

Diante desta problemática, uma vez que se vive uma realidade fortemente marcada pela dessacralização do tempo, o que torna os seres humanos cada vez mais distantes de Deus, surge aqui a necessidade de recuperar o tempo como momento privilegiado de vivência do amor de Deus, que é atualizado por meio da Liturgia das Horas.

Se nos convenceremos de que a celebração da Liturgia das Horas é um dever sagrado, pois, através dela, santificamos o tempo, e, como já dissemos, “presentificamos” Jesus Cristo na comunidade, celebrar o Ofício Divino garante-nos redescobrir o valor do tempo como dom de Deus, dado para e pela Sua Igreja.

Nisso se encontra o caráter eclesiológico da Liturgia das Horas: sendo atualização do Mistério de Cristo, resgata-se o significado original das horas do dia, relacionando o tempo cronológico com o tempo de Deus, superando, assim, a efemeridade do tempo que se experimenta.

Acredita-se que essa pesquisa não poderá responder às inúmeras demandas que dizem respeito às dimensões teológica, espiritual, pastoral e mistagógica que são inerentes à celebração da Liturgia das Horas.

Entretanto, a intenção é de poder valorizar as batidas rítmicas das horas, como dom de Deus, traduzido no tempo de duração, precessão e projeção. “Então o tempo da duração exige o tempo da precessão, pois se dura também projetando o futuro como sonho do presente” (COSTA, 2020a, p.369).

Na celebração da Liturgia das Horas, portanto, é possível fazer durar a presença de Cristo, fazer perdurar o suave odor da graça de Jesus, pois em seu Mistério Pascal, a dimensão memorial, isto é, o olhar para o passado, é atualizado, e a perspectiva de futuro se torna sempre presente, proporcionando a perseverança na fé e elevando da esperança à realidade.

Todas as substantividades reais, por estar sendo, pertencem a uma zona temporal determinada, como disse Zubiri. A partir da compreensão de como a realidade é apresentada e como afeta concomitantemente a emoção e a razão, o correto aproveitamento da oração regular, a partir da Liturgia Das Horas é um poderoso caminho para a vívida religião, sem espaço para “emocionalismos” exacerbados nem ceticismos intelectuais exagerados.

O fiel orante, que toma posse da riqueza contida na Liturgia da Horas se percebe enquanto criatura, mas amado por Deus; percebe a ação da Igreja no Tempo e percebe as sutis resposta que Ele lhe dá, mediante a integridade dessa percepção senciente, e a fé bem funda pode, assim, prosperar.

Santificar as horas de forma ininterrupta é o meio pelo qual não se perceberá nenhum choque quando findada a vida do crente na terra: a passagem para a Vida Eterna será suave e sem sobressaltos, porque continuará fazendo na Eternidade o que já faz aqui de passagem: bendizer o Senhor em todo o tempo e em minha boca, sempre o Seu louvor (cf. Sl 33).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, S. Confissões. Tradução: J. Oliveira e A. Ambrósio de Pina. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

ALDAZÁBAL, José. *A eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 2002a.

_____. *Instrução geral da liturgia das horas*. Comentários. São Paulo: Paulinas 2010b.

AUGÉ, Matias. *Liturgia, história, celebração, teologia, espiritualidade*. 2. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2004.

BECKHAUSER, Alberto. O sentido da liturgia das horas. Petrópolis: Vozes, 1996.

BERNARDES, M. S. Tempo, esperança e utopia: um ensaio filosófico em tempos de pandemia. *Cadernos de Fé e Cultura*, v.5, e205187, 2020. <https://doi.org/10.24220/2525-9180v5e2020a5187>. Acesso em 10/02/2023.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. Nova Edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

BOROBIO, Dionísio (org). *A celebração na Igreja 3: ritmos e tempos da celebração*. São Paulo: Loyola, 1993.

BUYST, Ione. *O mistério celebrado: memória e compromisso II*. Valência/São Paulo: Siquem-Ediciones, 2004.

_____. Liturgia das Horas oração do povo de Deus?. *Revista de Liturgia* 43 (1981) 2.

CARPANEDO, Penha. *Ofício Divino das Comunidades: uma introdução*. São Paulo: Paulinas, 2006.

CESCON, Everaldo. “Zubiri e sua crítica ao conceito aristotélico de natureza”. *Discusiones Filosóficas*. ene.-jun. 2014.

CONSTITUIÇÃO SACROSANCTUM CONCILIUM sobre a Sagrada Liturgia. In: **Concílio Vaticano II**. 1962-195. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 2001.

COSTA, Valeriano Santos. Inteligência Senciente e Liturgia. In. **Revista de Cultura Teológica**. Ano XXV No. 90 Jul/Dez 2017c – páginas 209-233. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/issue/view/1878>. Acesso em 23/03/2023.

_____. Tempo na Liturgia: uma abordagem no horizonte da metafísica zubiriana. In. **Revista de Cultura Teológica**. Ano XXVIII No. 96 Maio/Ago 2020a – páginas 353-370. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/47194/pdf>. Acesso em 06/06/2023.

_____. O dar de si em Xavier Zubiri e sua dimensão teológica. In. **Revista de Cultura Teológica**. Ano XXIX No. 100 Set/Dez 2021b – páginas 11-35. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/55519/38578>. Acesso em 06/06/2023.

_____. Liturgia das Horas: celebrar a luz pascal sob o signo da luz do dia. 2ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2007d.

DICIONÁRIO DE LITURGIA. In: SARTORE, Domenino e TRIACCA, Achille (org). Tradução de Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulus, 1992.

DIDAKÉ: catecismo dos primeiros cristãos. Tradução de Urbano Zilles. Petrópolis: Vozes, 1970.

DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática Lumen Gentium. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2002.

INSTRUÇÃO GERAL SOBRE A LITURGIA DAS HORAS (IGLH). In *As Instruções Gerais dos Livros Litúrgicos*. 2.ed., São Paulo: Paulus, 2003.

JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Fides et Ratio*: sobre as relações entre fé e razão. São Paulo: Paulinas, 1998.

MARTIMORT, Aimé Georges. *A oração das horas*. In: *A liturgia e o tempo*. Petrópolis: Vozes, 1992.

RITUAL ROMANO. Missal. São Paulo: Paulinas, 1991.

REYNAL, Daniel de. *Teologia da Liturgia das Horas*. São Paulo, Paulinas, 1981.

SANTANA, Fernando. *A liturgia das horas como memorial de Cristo e santificação do tempo*. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 2010.

SANTE, Carmine Di. *Liturgia Judaica: fontes, estrutura, orações e festas*. São Paulo: Paulus, 2004.

SECRETAN, Philibert. *Introdução ao Pensamento de Xavier Zubiri*. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. 1a. Edição. Editora: É Realizações, 2014.

TEIXEIRA, João Antônio Pinheiro. *A finitude do infinito: o itinerário teológico do homem em Xavier Zubiri*. Lisboa: Universidade Católica, 2007, p. 113.

ZUBIRI, Xavier. *Espacio. Tiempo. Materia*. Alianza Editorial. Madrid. Fundación Xavier Zubiri, 2008a.

_____. *Natureza, História, Deus*. Tradução: Carlos Nougué. São Paulo: É Realizações, 2010e.

_____. *Inteligência e realidade*. Tradução: Carlos Nougué. São Paulo: É Realizações, 2011b.

_____. *Cinco lições de filosofia*. Tradução: Antônio Fernandes Borges. São Paulo: É Realizações, 2012d.

_____. *El Problema del Hombre: Dios, religión, cristianismo*. 1ª Edición. Alianza Editorial. Madrid. Fundación Xavier Zubiri, 2015c.

_____. *El Hombre y Dios*. 2ª Edición (1ª reimpresión, 2017). Madrid: Ed. Alianza/Fund. Xavier Zubiri, 2012f.